



Adriane Soares dos Santos

**“NÓS TEMOS O APRENDIZES, O
AMANHÃ ESTÁ GARANTIDO”:
os processos de aprendizagem do ser sambista na
Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Prof. Dra. Mylene Mizrahi

Rio de Janeiro,
Abril de 2023



Adriane Soares dos Santos

**“NÓS TEMOS O APRENDIZES, O
AMANHÃ ESTÁ GARANTIDO”:**

os processos de aprendizagem do ser sambista na
Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Educação do Departamento de Educação do
Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Mylene Mizrahi

Orientadora

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof. Felipe dos Santos Lima de Barros

IFRJ

Profa. Maria Cristina Monteiro Pereira de Carvalho

Departamento de Educação - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 17 de abril e 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Adriane Soares dos Santos

Graduou-se em Licenciatura Plena em Pedagogia na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 2019. Atuou como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de Iniciação à Docência com ênfase na Educação Infantil (PIBID/CAPES) no período de 2016 a 2018. Especializou-se em Educação Psicomotora no curso de Pós-Graduação do Colégio Pedro II em 2022. É Professora das Infâncias, ritmista e sambista. cursou Mestrado em Educação na PUC-Rio. Integrante do grupo de Pesquisa EstetiPop na PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Santos, Adriane Soares dos

“Nós temos o aprendizes, o amanhã está garantido”: os processos de aprendizagem do ser sambista na Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro / Adriane Soares dos Santos; orientadora: Mylene Mizrahi. – 2023.

150 f.: il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2023.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Educação. 3. Infâncias. 4. Aprendizagem. 5. Escola de samba. 6. Relações intergeracionais. I. Mizrahi, Mylene. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Dedico este trabalho a minha eterna e querida avó do coração Maria Adélia Santos Salgado, como todo o meu carinho, respeito e gratidão pela afetuosa existência na minha vida.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por todas as bênçãos concedidas, todo amparo e cuidado ao longo desta jornada do mestrado.

A CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

A minha família por todo amor, carinho, respeito e por acreditarem em mim e em meus sonhos. A meus pais Marina Belo Soares dos Santos e Pedro Pereira dos Santos por toda educação, cuidado, dedicação e amor que transmitiram a mim. A meu irmão Adriano Soares dos Santos e minha cunhada Thaianne Lemos pela parceria e companheirismo de sempre. Aos meus tios, primas, padrinho e madrinha que sempre acreditaram e torceram por mim. De maneira especial agradeço a minha prima Tamara do Nascimento Scarpini, minha irmã de vida, minha inspiração. A primeira da família a cursar uma universidade pública e a concluir o mestrado. Obrigada por ser meu espelho de estudante, de profissional e de mulher. Suas palavras, carinho e encorajamento foram fundamentais para eu acreditar que seria capaz de alcançar a aprovação e conquistar este título

A todos os professores e funcionários da PUC-Rio que cruzaram meus caminhos e foram indispensáveis para todos os aprendizados nos meus estudos e vivência ao longo destes dois anos. De maneira especial agradeço a minha professora e orientadora Mylene Mizrahi pela acolhida, paciência, respeito como sua orientanda e todos os ensinamentos ao longo deste percurso.

Aos meus amigos do grupo de pesquisa EstetiPop, pela recepção no grupo e por todas as trocas acadêmicas, conversas e afetos que construímos ao longo dessa trajetória.

Aos meus amigos de turma do mestrado de maneira geral que mesmo defronte a uma configuração atípica e à distância foram uma grande rede de apoio. No entanto preciso destacar um encontro que foi uma verdadeira surpresa e se tornou primordial de modo a tornar essa caminhada mais leve e afetuosa. Mariana Coelho, minha grande amiga, obrigada por todas as trocas, risadas, choros de alegria e desespero, idas ao campo, todo estudo, todo aprendizado, todas as vivências, momentos e histórias que construímos. Você é uma grande inspiração.

Aos meus amigos e amigas que já me acompanhavam antes desta trajetória acadêmica e foram verdadeira rede de apoio durante estes dois anos. A Raissa Machado que sempre me incentivou nos meus sonhos, me apoiando, me auxiliando, me encorajando a ser eu mesma do meu próprio modo de ser. Ao Vinícius Izidoro por todo companheirismo, compreensão e afeto ao longo dessa jornada. Ao Matheus Carneiro que me apresentou o universo das baterias de Escola de Samba, uma amizade e carinho que trago comigo desde os tempos de colégio. A Milena Peclat, Andrezza Freitas e Yandra Guimarães pelo amor, parceria e amizade desde os tempos de UFRJ. Ao Ian Martins, Guilherme Oliveira e Gustavo Oliveira por toda generosidade, e por me permitirem fazer parte da bateria Furiosa, sendo uma integrante da Família do GRES Acadêmicos do Salgueiro desde o carnaval de 2019, momento no qual me descobri uma sambista salgueirense. Esse encontro corroborou diretamente para a construção do presente estudo. Ao Fabricio Carvalho, Mila Santos, Renata Marques, Mariana Rodrigues, Duh Lopes, por serem meu grupo do showcalho, por todos os ensinamentos, conversas e trocas sobre o universo da bateria.

A Felipe Barros e Cristina Carvalho por terem feito suas contribuições a minha pesquisa com seus pareceres enquanto ainda era um projeto e o aceite em compor a banca de avaliação da pesquisa realizada. Obrigada pela disponibilidade em integrar esta banca e avaliar esta pesquisa.

A todos os componentes do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro por me acolheram de uma forma muito generosa, amorosa, respeitosa e especial. Sem esta convivência esta pesquisa não seria possível. Obrigada Mara Rosa e Tia Glorinha por toda acolhida, carinho, afeto, sabedoria e conversas. Obrigada por permitirem que eu fizesse parte deste processo de organização e construção que é o espetáculo do desfile do carnaval mirim tornando os ensaios e o próprio desfile a tônica do meu trabalho de campo. Obrigada também a todas as diretoras e diretores do GRCEM Aprendizes do Salgueiro que me receberam de modo singular na família Aprendizes. De modo especial obrigada Renata, Edna, Luciana, Fabiana, Carmem, Fernanda, Suca, Elizabeth, Laurinda, Susi, Marli e Carlos Junior.

E a obrigada todas as crianças Aprendizes do Salgueiro por aceitarem serem as protagonistas desta pesquisa e permitirem que eu pudesse acompanhar tantos momentos de aprendizagem. Obrigada pela acolhida, pelas risadas, pelas conversas, pelas

brincadeiras. Obrigada por esta convivência respeitosa e afetuosa ao longo dos ensaios, das oficinas e desfiles, que se desdobraram no presente trabalho, minha eterna gratidão.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Santos, Adriane Soares dos; Mizrahi, Mylene. “**Nós temos o aprendizes, o amanhã está garantido**”: os processos de aprendizagem do ser sambista na Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro. Rio de Janeiro, 2023. 150p. Dissertação de Mestrado-Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo perspectiva pensar as infâncias e os processos de aprendizagem emergentes no contexto de uma Escola de Samba Mirim. A partir da pesquisa de campo realizada com crianças, aprendizes do samba, no período de organização, produção e ensaios do Carnaval dos anos de 2022 e 2023, empreendeu-se a construção desta etnografia. Pontua-se que o tempo de produção do Carnaval ocorre em um período específico, a esse motivo a temporalidade da pesquisa não ocorre de forma linear, posicionando evidenciar as entradas, as permanências e os retornos ao campo. Considerando o contexto educativo não escolar em que se configura a Escola de Samba e compreendendo que em nossa sociedade há diferentes formas e lugares ocupados pelas crianças, objetivou-se ampliar a reflexão na construção de um estudo interdisciplinar para pensar e pesquisar as crianças e os processos de aprendizado do tornar-se sambista, entrelaçando os saberes da antropologia, da educação e do samba. O objetivo central da pesquisa incide em compreender os processos de aprendizagem do movimento de ser sambista que emergem das relações das crianças entre pares e das relações intergeracionais que elas estabelecem dentro da Escola de Samba Mirim investigada. Revela-se uma possibilidade de olhar as crianças por suas culturas e práticas sociais dentro de um contexto específico de educação, evidenciando a construção de *pedagogia nativa*, uma pedagogia própria da Escola de Samba. Trata-se de um processo de educação em constante movimento, evidenciado e potencializado a partir das relações estabelecidas entre crianças e adultos na construção dos saberes de um aprendiz do samba.

Palavras-chave: Educação, Infâncias, Aprendizagem, Escola de Samba, Relações Intergeracionais

Abstract

Santos, Adriane Soares dos; Mizrahi, Mylene. “**Nós temos o aprendizes, o amanhã está garantido**”: the learning processes of being a sambista in the Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro. Rio de Janeiro, 2023. 150p. Dissertação de Mestrado-Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present study aims to think about childhood and the learning processes emerging in the context of a Escola de Samba Mirim. Based on the field research conducted with children, samba apprentices, during the period of organization, production, and rehearsals for the Carnival of 2022 and 2023, the construction of this ethnography was undertaken. It is pointed out that the production time of the Carnival occurs in a specific period, for this reason the temporality of the research does not occur in a linear way, positioning to evidence the entries, the permanences and the returns to the field. Considering the non-schooling educational context in which the Samba School is configured and understanding that in our society there are different forms and places occupied by children, we aimed to broaden the reflection in the construction of an interdisciplinary study to think and research children and the learning processes of becoming a samba dancer, intertwining the knowledge of anthropology, education and samba. The central objective of the research is to understand the learning processes of the movement of becoming a sambista that emerge from the children's peer relationships and the intergenerational relationships that they establish within the investigated Escola de Samba Mirim. It reveals a possibility of looking at the children through their cultures and social practices within a specific educational context, evidencing the construction of a *native pedagogy*, a pedagogy proper to the Samba School. It is a process of education in constant movement, evidenced and strengthened from the relationships established between children and adults in the construction of the knowledge of a samba apprentice.

Keywords: Education, Childhood, Learning, Samba School, Intergenerational Relations

Sumário

INTRODUÇÃO.....	14
1- Construção do enredo : definindo o campo de pesquisa	21
1.1- Delimitando o enredo: o entrelaçar entre o ser pesquisadora e o ser ritmista.....	23
1.2- Vestindo a camisa de pesquisadora: a entrada no campo no espaço familiar.	30
1.3- A harmonia da pesquisa: a escrita etnográfica	36
1.4- Na avenida as Escolas de Samba: movimento, resistência, transformação e aprendizagens	38
1.5- A interface entre a Antropologia, a Educação, o Samba e as Infâncias	49
2- “Salgueirar vem de criança”: as infâncias e aprendizagens em um Escola outra.....	59
2.1- Um dia na Aprendizizes do Salgueiro: Que Escola é essa?	63
2.1.1 A história viva narrada em memórias ... como começa o Aprendizizes do Salgueiro?	66
2.1.2- Buscando a história da agremiação mirim nos registros escritos: a ida ao barracão da Escola Mãe.....	71
2.1.3- Departamento Cultural: a história sem história	73
2.1.4- Associação das Escolas de Samba Mirim do Rio de Janeiro (AESMRIO): uma fonte de descobertas.....	76
2.1.5- A quadra e a Aprendizizes do Salgueiro: o conhecido desconhecido	78
2.1.5- Demandas e relações políticas: a filiação entre a Escola Mãe e a Escola Mirim	82
2.2- “Olha, faz desse jeito que você toca melhor”: os processos de aprendizagem na Escola de Samba Mirim.....	84
3- O carnaval das crianças: dos ensaios ao grande desfile da agremiação mirim	94
3.1 - As fantasias e o fantasiar: as passistas mirins.....	97
3.3- O bailar que encanta: o casal de mestre-sala e porta- bandeira.....	104
3.4- O coração da Escola: a bateria Furiosinha	109
3.5 – Os desfiles do GRCEM Aprendizizes do Salgueiro: os carnavais de 2022 e 2023	115
Considerações finais: a dispersão do desfile.....	125
Referências Bibliográficas.....	129
Anexo.....	136

Lista de Figuras

Figura 1- Ensaio Aprendizes do Salgueiro	46
Figura 2- Ensaio Aprendizes do Salgueiro	46
Figura 3 – Quadra do GRCES Acadêmicos do Salgueiro em um dia de ensaio festivo	54
Figura 4 – Sala da Bateria em um dia de oficina de percussão.....	54
Figura 5 – Espaço de um camarote onde ocorriam as aulas da oficina de balé.....	55
Figura 6 - Ensaio da bateria mirim	65
Figura 7- Visita dos aprendizes no ensaio da Escola Mãe.....	68
Figura 8 - Bandeira do GRES Alegria da Passarela	78
Figura 9 - Bandeira do GRCESM Aprendizes do Salgueiro	78
Figura 10- Ensaio da bateria mirim	85
Figura 11 - Ensaio da bateria mirim	85
Figura 12 – Detalhe dos bordados do vestido.....	98
Figura 13- Passista mirim	98
Figura 14 – Passistas, musas e princesa.....	101
Figura 15 - Apresentação do pavilhão	103
Figura 16- Casal de mestre-sala mirim e porta-bandeira mirim	107
Figura 17 – Planta da sala de bateria	110
Figura 18 - Ritmistas mirins	112
Figura 19 - Ritmistas mirins	112
Figura 20 - Ensaio da bateria mirim	115
Figura 21- Tema do enredo do Aprendizes do Salgueiro para o Carnaval de 2023.	117
Figura 22- Tema do enredo do Aprendizes do Salgueiro para o Carnaval de 2022	117

*Samba agoniza mas não morre
Alguém sempre te socorre
Antes do suspiro derradeiro
Samba negro, forte, destemido
Foi duramente perseguido
Na esquina, no botequim, no terreiro
Samba inocente, pé no chão
A fidalguia do salão
Te abraçou, te envolveu*

Nelson Sargento

INTRODUÇÃO

Pensei em iniciar a escrita desta dissertação de diversas formas, principalmente partindo do padrão acadêmico, contudo escolhi por romper algumas lógicas. Escolho então por permitir que o campo vivenciado e os seus sujeitos escrevam o presente estudo comigo. A pesquisa é construída de escolhas, as quais dizem muito da minha posição de pesquisadora, e, romper com tais padrões é uma posição de defesa feita pela Etnografia e que me coloca em outra posição de sujeito na pesquisa, deslocando-me dos modos mais tradicionais de produção de conhecimento para dar ênfase aos sujeitos, as relações estabelecidas no campo, aos saberes que emergem em seus contextos locais.

Nessa direção, a possibilidade de vivenciar a Escola de Samba e a Escola de Samba Mirim, não como ritmista e amante do carnaval¹, mas com pesquisadora do campo da Educação, foi o incentivo fundamental que possibilitou a construção do presente estudo. Assim, na pesquisa falo de carnaval, de samba, das infâncias, da Educação, da Escola de Samba, dos processos de aprendizagem por um outro lugar, não escolarizado, buscando diferentes espaços de interlocução com as crianças para uma compreensão mais alargada em torno da infância e de sua educação no processo de serem aprendizes do samba. Falo sobre e com as crianças que frequentam o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro.

Ancorada em minha inscrição nos estudos da Antropologia e da Educação e considerando a Etnografia como metodologia importante na investigação com crianças, também perspectivo no trabalho atribuir uma reflexão sobre a Etnografia como metodologia que permite uma construção de saberes locais com e sobre as crianças do contexto investigado.

¹ Compreendo o período do carnaval como um momento de suspensão de hiato, onde tudo é possível de ser imaginado. Onde o brilhos e confetes enfeitam as ruas. Onde as fantasias rompem com as barreiras sociais. Segundo Lopes e Simas (2022) o carnaval é o período de festivais ou festas profanas de origem religiosa. No Brasil se manifesta em duplo aspecto: dionisíaco (folia) e apolíneo (espetáculo). O Samba está presente no carnaval carioca desde antes da criação da primeira Escola de Samba, instituição que nascida dos segmentos mais desfavorecidos, acabou por tornar-se, no contexto sócio-histórico da sociedade de consumo, o ponto mais artístico e espetacular da festa carnavalesca no Rio de Janeiro. (LOPES, SIMAS, 2022,p.55)

“A antropologia fornece também elementos importantes: enfatizando a dimensão da cultura, a necessidade de pesquisar a diversidade, de estranhar o familiar e de compreender o outro nos seus próprios termos, a antropologia muda radicalmente a reflexão sobre a educação e os estudos da infância em particular. Por outro lado, a pesquisa etnográfica fornece estratégias e procedimentos metodológicos, influenciando estudos do cotidiano escolar, da prática pedagógica e das interações entre as crianças e os adultos. Aliadas à sociologia e à história, a antropologia e a pesquisa etnográfica – exercício de encontro com o outro e, portanto, consigo mesmo – combinam um cuidadoso mergulho crítico no trabalho de campo com um severo questionamento quanto ao processo de pesquisar. Indagando-se sobre o que torna humano o ser humano, a antropologia traz a diversidade à ordem do dia e mostra como diversidade e pluralidade constituem a singularidade dos seres humanos, embora até hoje continuem sendo engendradas formas sutis ou explícitas de tentar eliminar as diferenças.” (Kramer, 2002, p.44)

Nesse sentido, escolho a Escola de Samba Mirim para um reconhecimento em torno das infâncias e das crianças que vivem e circulam nos mais diferentes espaços e territórios da sociedade, buscando apreender os processos de trocas de conhecimentos e saberes que as crianças vivenciam no *lócus* da pesquisa no movimento de aprendizagem de tornarem-se sambistas.

Ressalto que a metodologia da pesquisa não será apresentada em um único capítulo, de modo específico, mas percorrerá todo o texto delimitando assim a escrita etnográfica pelo caráter epistemológico que ela assume na construção da presente pesquisa. Da mesma forma, o campo, os sujeitos (crianças e adultos) e todos os elementos que compõe este estudo serão apresentados no tempo ocorrido da pesquisa, ou seja, opto aqui em não fragmentar os elementos da investigação nos capítulos, mas sim apresentá-los e descrevê-los na medida em que surgiram no movimento da própria pesquisa. O empenho é oferecer um texto etnográfico que defina o mais fielmente possível essas linhas que se conectam e entrecruzam no processo investigativo. Aqui me aproximo das considerações de Ingold (2015) quando destaca que uma coisa é observar o que está acontecendo e outra bem diferente é descrever. O autor pondera que “etnógrafos observam no campo, mas retiram-se dele no estudo para descrever.” (INGOLD, 2015, p.320). Delineando que:

O verdadeiro problema com a etnografia, então, não reside na suposta contradição entre participação e observação, que é uma quimera, mas na desconexão da arte da descrição da prática observacional. Sugiro que uma maneira de reconectá-las possa

ser pensar a descrição em primeiro lugar como um processo não de composição verbal, mas de fazer-linha. (INGOLD, 2015, p. 320)

Portanto, fazendo as linhas da pesquisa que o presente texto se estrutura, uma escrita em movimento, em linhas que se conectam e desconectam seguindo o tempo e os percursos da investigação. A temática central da pesquisa focaliza a educação das crianças na Escola de Samba Mirim, perspectivando como ocorre o movimento de aprendizagem do tornar-se sambista. Dessa forma, foi possível aproximar-se da intenção central da investigação, pelo estudo das relações intergeracionais identificar de que forma acontece e se organiza o processo de aprendizado das crianças enquanto aprendizes do samba nas relações que estabelecem entre si e com os sujeitos mais velhos que frequentam a agremiação mirim.

Destaco que a construção das linhas da pesquisa, não se pautam na centralidade de um objetivo engessado, e por isso opto por usar o termo intenção de pesquisa, defendendo que o trabalho não se fecha em objetivos, mas que principia em intenções iniciais e questões primeiras, e pelo adensamento e vivência e permanência no campo que se abre em posicionamentos e reformulações, quando necessárias, ganhando outros contornos. Arriscar-se, transforma-se, encantar-se, estar aberto as possibilidades que o campo apresenta, faço isso entendendo que uma etnografia é construída numa relação entre o campo e os sujeitos, os quais também delimitam e constroem juntos a própria pesquisa.

Nessa direção, as crianças que participam da Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, local o qual a pesquisa de campo se constrói, são meus principais interlocutores. São os atores protagonistas não somente da agremiação mirim, mas também do presente estudo, construindo e tecendo juntos as proposições e reflexões que serão apresentadas. Escutando e me relacionando com as crianças, meninos e meninas Aprendizes do Salgueiro², que se consolidou o presente estudo.

[...] A ênfase na *escuta* justifica-se pelo reconhecimento das crianças como *agentes sociais*, de sua competência para a ação, para a comunicação e troca cultural. Tal legitimação da ação social das crianças resulta também de um reconhecimento e de

² A maneira como os adultos que frequentam a Escola de Samba se referem as crianças da Escola Mirim.

uma definição contemporânea de seus direitos fundamentais – de provisão, proteção e participação. Não nos parece que o pressuposto da necessidade de *dar voz* às crianças seja que elas produzam as culturas dominantes e hegemônicas que configuram a estrutura social. Ao contrário, busca-se nessa *escuta* confrontar, conhecer um ponto de vista diferente daquele que nós seríamos capazes de ver e analisar no âmbito do mundo social de pertença dos adultos. (ROCHA, 2008, p. 46)

Pensando em minha trajetória como pesquisadora percebo que o chão percorrido não foi construído num acaso, mas sim em uma coerência epistemológica que se desenvolveu e foi mantida até aqui, e por parte de minha própria inscrição enquanto profissional e pesquisadora da área da infância. Sou e fui perpassada por lugares e pessoas que também me constituíram nesse caminhar como pesquisadora, conforme Gonzaguinha pontua em sua canção “Caminhos do coração”:

“E é tão bonito quando a gente entende.
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense está” (Gonzaguinha, 1982)

São lugares que nos indagam e se posicionam diante de nós mesmas. Esta pesquisa situa-se nesses lugares, nesses pensamentos, nessas e por essas concepções, convicções e defesas, nessas outras vozes, principalmente as vozes das crianças aprendizes do samba, que me compuseram como pesquisadora. Acredito que, por esse caminho entrelaçado e encruzilhado, compus e componho minha escrita e também está pesquisa etnográfica com as crianças, tendo a Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro como um outro lugar de educação onde as crianças inserem e produzem suas infâncias e seus aprendizados.

É importante destacar a dimensão temporal que se consolidou a pesquisa, sublinho que o carnaval e a especificidade de sua temporalidade configuraram-se como uma das questões singulares do presente estudo. O período referente ao carnaval acontece uma vez ao ano e o movimento das Escolas de Samba para sua preparação também ocorre em uma periodicidade específica iniciada, geralmente, a partir do mês julho/agosto em cada ano. Cavalcanti (1999) utiliza a expressão “ciclo carnavalesco” para definir tal temporalidade. Dessa maneira, o campo precisou ser organizado em momentos diferentes, não seguindo, portanto, uma continuidade linear. Assim ao longo de dois ciclos carnavalescos, correspondente

aos carnavais dos anos de 2021/2022 e 2022/2023, vivencie chegadas, permanências, encontros, saídas, reencontros e retorno, até a realização do último desfile, na terça-feira de carnaval, no dia 21 de fevereiro de 2023. Ao longo da vivência em campo permaneci em contato com meus interlocutores, acompanhando as atividades, as oficinas que aconteciam na quadra do projeto “Salgueirar vem de criança”³, e frequentando aos ensaios, ou seja, coloquei-me em movimento com a pesquisa e com o campo do início ao fim. Me tornei diretora⁴ da agremiação, atuei como pedagoga voluntária nas oficinas de percussão do projeto “Salgueirar vem de criança”, vivi intensamente, para além da pesquisa, as relações estabelecidas no campo. Fiz essa escolha justamente por me afetar pelos enunciados de Ingold (2015) ao tratar de estar vivo para o mundo, estando viva e disponível para a pesquisa. O campo me afetou, reverberando em mim o desejo de continuar viva nele assim como o desejo de continuar com o campo vivo em mim. Mover, conhecer e descrever, demandam mais do que estar em, ou imersão. Demandam observação. Um ser que se move, conhece e descreve deve estar atento, estar atento significa estar vivo para o mundo. (INGOLD, 2015, p. 13).

Assim, dentre ao campo de pesquisa aberta para as possibilidades que iriam emergir. A Escola de Samba Mirim e as observações e relações que construí nesse espaço delimitaram os caminhos da escrita etnográfica que se apresenta no presente estudo. Segundo Fabiana Duarte (2020):

Quando dizemos que o campo delimita a própria Etnografia é justamente nesse sentido, entendendo que se chega para essa aventura despida dos recursos, das técnicas, ou seja, tendo sim algumas questões *a priori* construídas, mas sob pressuposto de somente a permanência em campo e a relação estabelecida com os sujeitos dirá o como fazer, o que fazer. (Duarte, p. 39, 2020)

Mylene Mizrahi (2019) pondera que a escrita etnográfica se faz em relação estreita com a teoria antropológica e é simultânea e definitivamente marcada pelo trabalho de campo. Se ao campo colocamos nossas perguntas fundamentais, nossas

³ Projeto social organizado e estruturado pela atual presidente da agremiação mirim. São ofertados oficinas para os jovens e crianças da Escola de Samba Mirim. Ao todo são cinco oficinas sendo elas: percussão, samba no pé, balé, mestre-sala e porta-bandeira, alegorias e adereços. Ao longo da dissertação o projeto será apresentado de modo detalhado.

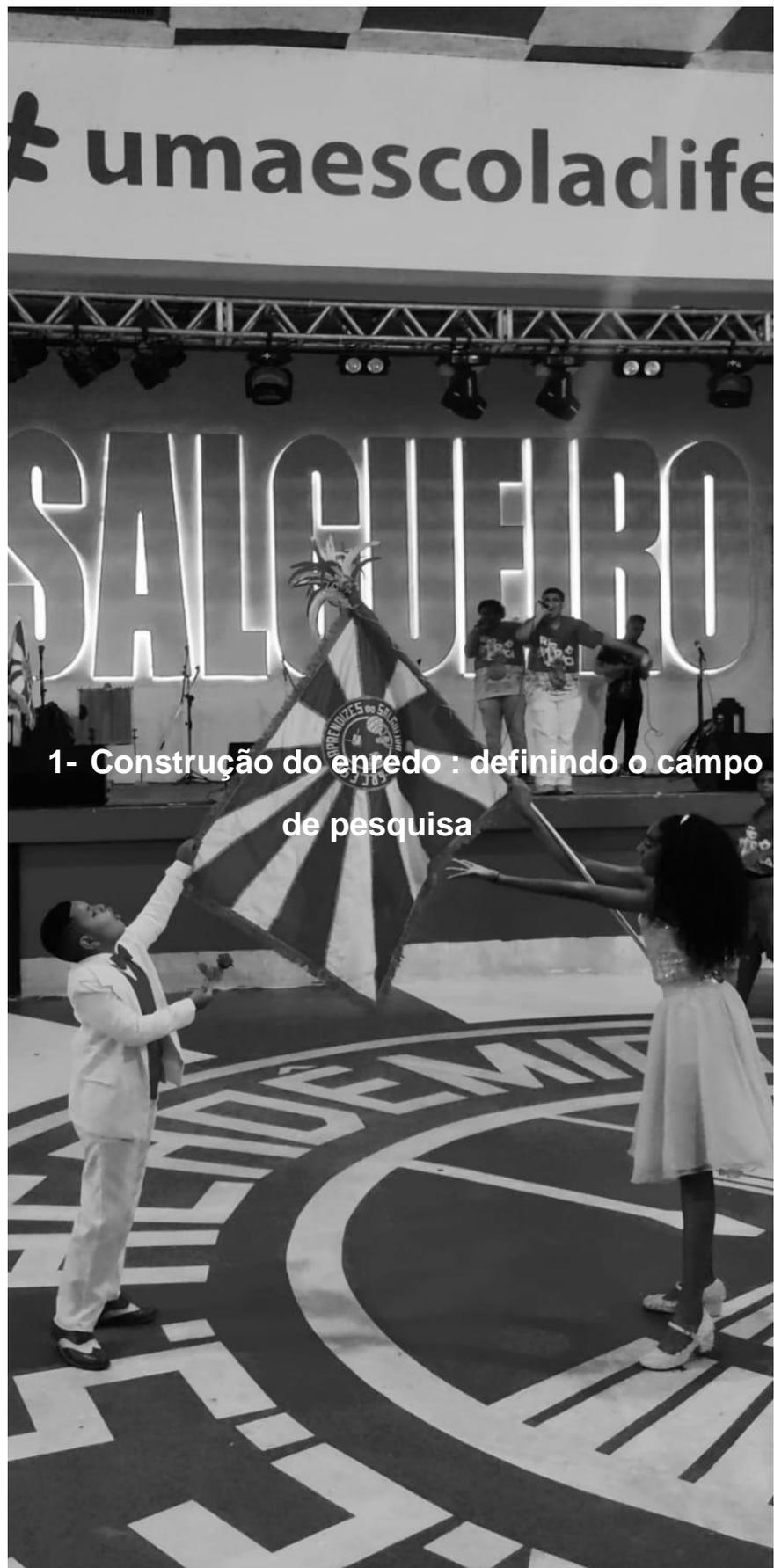
⁴ Termo empregado pelos interlocutores adultos da pesquisa para as pessoas adultas que atuam ajudando na organização da Escola Mirim, configurando uma estrutura organizacional da própria agremiação.

“hipóteses” de pesquisa, é também o campo que nos devolve novas perguntas. (Mizrahi, 2019, 165). Nesse caminhar, exponho que no decorrer do processo investigativo realizei o esforço de me expor ao campo, de modo a buscar apreender as formas comunicativas das crianças, sobre o que dizem, seus gestos, olhares, entendendo e atribuindo seus pontos de vistas como contribuições significativas do processo etnográfico. Para além dos diálogos construídos, a atenção as expressões corporais, as brincadeira, gargalhadas, histórias e invenções são fundamentais para imersão no contexto de pesquisa com as crianças. Atenta as falas, aos batuques, as danças, as risadas, as brincadeiras, as relações entre crianças e adultos que compus a escrita deste estudo.

Nessa direção, o texto aqui apresentado se compõem nesta introdução, em três capítulos e nas considerações finais. No primeiro capítulo é apresentado a construção e definição do campo da pesquisa, sendo evidenciado os caminhos, as vivências, trajetórias e os movimentos construídos que mobilizaram a pesquisa até a definição de sua temática. Também são tecidas as justificativas acerca da construção da presente Etnografia e apresentada uma breve contextualização histórica da criação das Escolas de Samba como movimento de resistência, transformação e aprendizagem, à medida que, não se objetiva adentrar no estudo de modo profundo sobre as origens da Escola de Samba, temática já investigada em outros trabalhos, com destaque para Leopoldi (2010) em seu livro “ Escola de samba: ritual e sociedade”. Ainda no primeiro capítulo apresentamos ao leitor as reflexões e debates acerca da interface entre a Antropologia, a Educação, o Samba e as Infâncias que alicerçam a discussão teórica da pesquisa. O segundo capítulo traz como enfoque o local da pesquisa de campo, apresentando ao leitor de modo denso e detalhado toda a dimensão histórica, estrutural, organizacional e relacional do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro que foi observado ao longo do processo investigativo perpassados também pela pesquisa documental e bibliográfica. O último capítulo apresenta as narrativas edificadas na pesquisa de campo a partir das relações estabelecidas com os interlocutores, de modo a enfatizar aspectos fundamentais que constituem a agremiação mirim investigada, isto é, o carnaval para e das crianças aprendizes do samba.

Ressalto que no decorrer de todo o texto etnográfico, o movimento de encontros e reencontros da escrita ocorre. As indagações, reflexões, observações, acontecem na fluidez em que as relações são estabelecidas, de modo que, o texto não se parte em blocos, mas se movimenta como a fluidez de um desfile carnavalesco. Assim, o leitor irá notar que o texto se articula e entrecruza, que as fotos e imagens apresentadas narram para além das palavras, que as notas do diário de campo apresentam-se como histórias dentro de outras histórias que pela oralidade resistem e persistem e que os sentidos provocados pelo samba ressoa “feito um arrastão de alegria e emoções, onde o pranto rola”⁵, onde as crianças aprendizes do samba atuam como protagonistas de seus processos de aprendizagem.

⁵ Trecho do samba enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis do ano de 2018



“Era uma vez... E um sorriso de criança
faz a gente acreditar...
Era uma vez...
Em um mundo encantado,
se prepare para sonhar”⁶

Neste primeiro capítulo, composto por cinco subcapítulos, apresento o percurso de pesquisa vivenciado na entrada em campo, abordo a minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica, ressaltando que foi a partir da intersecção entre elas que propus o presente estudo. Reflito acerca do processo da escrita etnográfica no campo investigado, apresento uma breve contextualização histórica do termo samba e da construção das Escolas de Samba e pontuo o entrecruzamento da Antropologia, da Educação, do Samba e das Infância que corroboram para a construção da presente pesquisa.

Assim, no exercício de relacionar os elementos que compõem um trabalho de investigação acadêmica aos elementos que caracterizam o desfile de uma Escola de Samba, destaco que ao longo da dissertação apresentarei alguns termos que coadunam o processo investigativo ao processo de desfile de uma agremiação carnavalesca. Desse modo, proponho o objeto de pesquisa como o enredo construído a cada ano no contexto das Escolas de Samba. O enredo enuncia a história, o tema que será apresentado na avenida no dia do desfile. Nos termos da pesquisadora Leila Maria da Silva Blass, “um enredo é o fio condutor da produção e da montagem de um desfile carnavalesco na avenida” (BLASS, 2007, p. 49). De tal modo a autora pontua que:

Um enredo se compõe de “pedaços”, ou partes, da narrativa a ser codificada através de imagens e sons. Por isso, é decomposto para a produção artística, mas as suas partes são recompostas e articuladas entre si na montagem final do desfile, garantindo a evolução da escola de samba na sua apresentação na avenida (BLASS, 2007, p. 50)

Destaco também a Etnografia e a escrita etnográfica como a harmonia da pesquisa que irá conduzir e apresentar ao leitor os percursos realizados do presente

⁶ Trecho do samba enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense no ano de 2005.

estudo. A harmonia apresenta o entrosamento, a ligação entre os conjuntos de uma Escola de Samba, nesse sentido, a escrita etnográfica apresentará o caminhar, o entrelaçar entre o campo vivenciado e as reflexões tecidas de modo a conduzir o leitor pela fluidez do percurso investigativo e das considerações apresentadas até adentrarmos ao final na dispersão, isto é, nas considerações finais do presente estudo.

Por hora, começaremos do começo. O início do processo investigativo, a delimitação e apresentação do enredo, os percalços, anseios e desejos. O encontrar-se pesquisadora e defronta-se com os desafios do campo. A construção de uma pesquisa com e sobre as crianças e sua educação e processo de aprendizagem do ser sambista no espaço de uma Escola de Samba Mirim, compondo um estudo sobre as relações de aprendizagens no espaço não escolar, acerca das pedagogias nativas e sobre o carnaval mirim.

1.1- Delimitando o enredo: o entrelaçar entre o ser pesquisadora e o ser ritmista

*“Eu não nasci no samba
mas o samba nasceu em mim
Quando pisei no terreiro
Ouvi o som do pandeiro
Me encantei com o tamborim”
(Maria Rita)*

Para chegar à definição do enredo da presente pesquisa, se faz necessário realizar uma retrospectiva que correlaciona a minha vida profissional, pessoal e acadêmica. Em uma noite de dezembro de 2018, em pleno verão carioca, eu participava do meu primeiro ensaio de rua como ritmista do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. A Rua Silva Teles, localizada no bairro do Andaraí na cidade do Rio de Janeiro, estava tomada pelos componentes da Escola e por foliões, amantes e torcedores da agremiação. O samba enredo, que é a canção, a tradução poética do tema escolhido pela Escola de Samba para o desfile, era cantado a plenos pulmões por todos que ali estavam. Um entoar forte, de um

samba que saudava o orixá Xangô⁷. Senti meu corpo arrepiar. Jovens, velhos, homens, mulheres e crianças, todos juntos, numa grande comunidade, brincavam, pulavam, dançavam e cantavam o carnaval. Nesse momento senti uma emoção que é difícil descrever em palavras. O coração acelerou, o corpo tremeu, a voz embargou, a lágrima nasceu no canto do olho, e ali, naquela noite, me descobri salgueirense. Sim, foi uma descoberta, posto que, eu não venho de uma família de sambistas, não possuo tradições familiares enraizadas no samba, mas ainda assim fui argolada e capturada pelo ritmo e som da bateria, aprendi a tocar o instrumento chamado chocalho e mesmo não tendo nascido no samba, o “samba nasceu em mim”.

Naquela noite me descobri apaixonada pelo Salgueiro. Me encantei com o rodopiar das baianas, com o samba no pé dos passistas, com o bailar do casal de mestre-sala e porta-bandeira, com a sabedoria e elegância da velha guarda. Me percebi também reflexiva, à medida que o encontro de gerações, os saberes ali presentes, as crianças que riam, corriam e brincavam na rua, no meio do povo me fizeram conectar com a minha formação como pedagoga, fazendo com que o desejo de compreender melhor a maneira como ocorre a presença e a participação das crianças no contexto da Escola de Samba. Dessa maneira, foi ali, no calor do ensaio, na rua, no meio do povo, no despertar da emoção, no sentir de uma energia indescritível que apontou os pensamentos iniciais que se concretizaram na presente pesquisa.

Alguns meses depois, passado o carnaval do ano de 2019, concluída a minha graduação em pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, comecei a participar de maneira mais intensa do universo das Escolas de Samba. Passado então o meu primeiro desfile⁸, pude conhecer pessoas novas, fiz novas amizades, participei mais ativamente das reuniões, festejos e ensaios, não somente do Acadêmicos do Salgueiro, mas também de outras Escolas de Samba que desfilei e ainda desfilo na bateria no decorrer desses anos.

⁷ Divindade cultuada nas religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras.

⁸ O carnaval de 2019 foi o meu primeiro ano desfilando na Marques de Sapucaí no carnaval do Rio de Janeiro, desfilei como ritmista tocando chocalho em três Escolas de Samba, e de lá para cá nunca mais parei de tocar nos carnavais.

Em paralelo, no mesmo período em meados de abril de 2019, comecei a refletir sobre o meu desejo de continuar estudado e pesquisando no âmbito da Educação. A vida seguiu seu curso, sempre permeada pelo samba, pelos sons e ritmo da bateria, pelas crianças nas escolas que trabalhei e nos espaços das Escolas de Samba que frequentei e ensaiei⁹. O desejo de ser pesquisadora se manteve e fortificou e então no ano de 2021 ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio), para realizar o mestrado com a bagagem de professora das infâncias, sambista e ritmista impregnada e reverberando em mim, culminando na construção da presente pesquisa.

Evidencio que trazer o samba, as infâncias e a Escola de Samba Mirim para a academia, na interlocução com a Educação e a Antropologia preenche a presente pesquisa de inúmeros significados. Num primeiro momento, ao iniciar a elaboração do levantamento bibliográfico, deparei-me com uma quase inexistência do tema do carnaval relacionado com crianças e as infâncias. Atentei-me então a buscar trabalhos que trouxessem como temática o samba, o carnaval e as Escolas de Samba. Defrontei-me com diversas pesquisas e estudos acadêmicos nos quais destaco os trabalhos de Muniz Sodré (1998) acerca do processo histórico de surgimento e características do samba, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (1994, 1999, 2002) que apresenta a espetacularização do Carnaval, a articulação entre a tradição e modernidade e a mercantilização das Escolas de Samba; José Sávio Leopoldi (2010) que aborda a Escola de Samba como ritual, Felipe dos Santos Lima de Barros (2016) que trata acerca das especificidades do fazer musical da bateria de uma Escola de Samba; Vinícius Natal (2014) que apresenta a relação entre cultura e memória no contexto do departamento cultural de uma Escola de Samba.

A pesquisa aqui apresentada emprega um outro olhar para as Escolas de Samba, colocando em evidência não os inúmeros processos sociais e culturais vivenciados na trajetória histórica do carnaval carioca, mas dando enfoque para o carnaval mirim. Compreendo que o entoar para a academia os saberes e conhecimentos das crianças, de um carnaval que é construído com e para elas infere

⁹ A cada ano eu desfilo como ritmista em diversas Escolas de Samba do carnaval da cidade do Rio de Janeiro tanto no grupo especial, na série ouro e na série prata, este último desfile ocorre na avenida chamada “Nova Intendente Magalhães”. No ano de 2022 desfilei em seis Escolas de Samba do carnaval carioca. Já no carnaval de 2023 desfilei em sete Escolas de Samba.

apresentar e firmar um campo de estudo que verdadeiramente valorize e respeite as crianças, e especificamente as crianças sambistas que são as protagonistas e coautoras do presente estudo. Nessa direção, ressalto que no decorrer do texto, escolhi grafar Escola de Samba e Escola de Samba Mirim em maiúsculo para valorizar e firmar a importância e multiplicidade de saberes e sentidos desse lugar, considerando as suas complexidades, a sua historicidade e as suas composições.

Nota-se que historicamente a participação das crianças não tem ocupado um lugar de destaque nas pesquisas acadêmicas, de modo que não tem sido objeto específico das pesquisas que abordam a temática das Escolas de Samba, e na mesma linha, as pesquisas sobre Educação e Infância não têm priorizado o enfoque nas Escola de Samba, e mais especificamente não se tem pesquisado sobre a Escola de Samba Mirim.

Diante da ausência direta da temática acerca das infâncias e da Escola de Samba Mirim dentro do campo da Educação evidencia-se que as poucas pesquisas encontradas no levantamento que efetivamente focalizam as crianças e as Escolas de Samba Mirins perpassam outros campos científicos como a área da música no estudo de Guilherme Ayres Sá (2013) sobre o aprendizado da bateria da Escola de Sama Mirim Herdeiros da Vila; o campo da medicina social com o estudo de Ana Paula Pereira da Gama Ribeiro (2009) acerca dos projetos sociais que são realizados dentro dos espaços das agremiações, sustentando considerações importantes para pensar as crianças nesse espaço; no campo da artes com os estudos de Carla Machado Lopes (2019) que aborda a dimensão da produção da construção artística como um espetáculo. Estudos do campo da educação que apresentam a temática acerca do Samba e da Escola de Samba não tratam diretamente das agremiações mirins, contudo corroboram para reflexões acerca das formas de educação e da compreensão das infâncias que perpassam o espaço da Escola de Samba, como Augusto César Gonçalves Lima (2005) que investiga as relações entre a cultura escolar e a cultura do samba, Margarida do Espírito Santo Cunha Gordo (2015) que pesquisa quais são os saberes e as práticas educativas construídos no cotidiano de uma Escola de Samba e de que maneira a vivência nesse espaço pode ser demarcadora da identidade cultural de um grupo social e Eduardo Silva dos Santos (2016) que apresenta sua investigação sob uma perspectiva da educação popular trazendo uma discussão sobre os espaços ocupados pelos jovens dentro da dinâmica

das Escolas de Samba dos grupos de acesso do Carnaval da Cidade do Rio de Janeiro.

A partir do levantamento bibliográfico realizado observa-se que as crianças sempre estiveram presentes nas atividades ligadas ao carnaval, de modo que, embora as Escolas de Samba, em sua constituição inicial, não estivessem pensando um espaço para crianças. Christina Toren (2010) ressalta precisamente que incluir crianças na etnografia nem sempre é motivada por uma antropologia da criança e sim na medida em que elas estão em toda parte, à medida que, segundo a autora, para entender a natureza social da autopoiesis humana é preciso que analisemos como as condições do mundo são vividas por pessoas de todas as idades, e também o que as crianças fazem especificamente dessas condições – isto é, as ideias que as crianças constituem ao longo do tempo, como elas descrevem e compreendem o mundo. (Toren, 2010, p.20).

No que tange a presença das crianças no contexto das Escola de Samba, podemos observar que estas estiveram inseridas de alguma forma, participando de forma mais efetiva nas atividades e setores das agremiações; ou mesmo no acompanhamento de seus familiares nessas atividades.

Se não estimulada, a presença das crianças sempre foi tolerada. Elas participavam das atividades cotidianas da escola e inseriam-se nelas cedo, sem que houvesse algum mecanismo formal para que isso acontecesse. Fugir para assistir aos desfiles, cuidar dos instrumentos da bateria, acompanhar os pais, dançar como passistas, a presença de crianças e jovens sempre foi uma constante na história das Escolas de Samba. (RIBEIRO, 2009, p. 149)

Assim, investigar e refletir sobre e com as crianças como interlocutoras e protagonistas na construção de saberes no contexto da Escola de Samba Mirim, é colocar em evidência os saberes e temáticas que no percurso histórico da produção científica foi silenciado e até mesmo não percebido pelos pesquisadores do campo. Mais ainda, trazer para a academia as questões que perpassam o mundo do samba corrobora para o fortalecimento e valorização dos saberes ancestrais dessa manifestação cultural repleta de sentidos, signos e simbologias. Compreendemos que o chamado mundo do samba circunscreve um conjunto de manifestações sociais e culturais, emergentes nos contextos em que o samba predomina como forma de expressão musical, rítmica e coreográfica (Leopoldi, 2010, p. 61). O

mundo do samba é complexo e múltiplo, é feito de muita gente e para muita gente. O mundo do samba possibilita que as relações emergentes no campo da pesquisa ocorram, configurando-se como o modo de viver de inúmeras famílias, o mundo do samba que permite que as crianças vivenciem e almejem seus sonhos, que aprendizes do samba se tornam sambistas.

Nesse caminhar, o objeto da pesquisa, o nosso enredo, refere-se à intersecção entre as Infâncias, Escola de Samba, Educação e Antropologia, trazendo como questão de pesquisa a seguinte indagação: Como tornar-se aprendiz do samba? Norteada por tal questão no decorrer do percurso investigativo estive atenta aos processos de aprendizagem no ambiente da Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, investigando a maneira como as crianças que frequentam a agremiação tornam-se sambistas, de modo a buscar compreender quem são as crianças que frequentam a escola de samba mirim. Interessa assim investigar como o samba age na vida delas e quais são os significados do ser sambista para as crianças, o lugar do qual as crianças partem, quem/como elas imaginam que serão, quando adultas, no contexto do universo do samba/ da Escola de Samba e para além dele.

Evidencia-se o espaço da Escola de Samba e da Escola de Samba Mirim enquanto um local de produção de subjetividades, sociabilidades, construção de relações e aprendizagens entre as crianças e seus pares e com os adultos. Espaço este privilegiado de possibilidades, de agências, de movimento, de encontros, de formas outras de aprendizados, de produzir arte. Conforme ressalta Nilza de Oliveira (1996):

A escola de samba é uma nova forma de fazer arte. Ela surge desafiando os teóricos e acadêmicos do século vinte. Ela canta e dança estórias de sua história, dos sonhos de seu povo, de fantasias e ilusões, de terras imaginárias ao ritmo de símbolos e no embalo da percussão de metáforas. Usando os pés com eloquência, desenha formas abstratas e arabescos que se dissolvem no ar como bolas de sabão. (Oliveira, 1996, p.6)

Renata Gonçalves, Ricardo Barbieri e Hugo Menezes (2022) ao trazerem apontamentos acerca do carnaval e a pesquisa universitária apresentam a Escola de Samba como:

Fenômeno urbano por excelência, trata-se de uma expressão festiva que articula em sua formação diferentes tradições culturais. No Rio de Janeiro, as escolas de samba – híbridas e impulsionadas pelas tradições culturais da população negra, partilhadas com as das áreas periféricas, morros e regiões centrais – surgiram nos anos 1920. Tais agremiações são lugares onde diferentes camadas e segmentos sociais se articulam para criar, recriar, inovar e transmitir inúmeras habilidades e conhecimentos. Sua notável dimensão criativa e artística produziu ao longo do tempo desfiles espetaculares que combinam música, ritmo, dança, artes plásticas e visuais e constroem uma forma de celebrar o carnaval flexível, de forma adaptativa e comunicativa e, talvez por tudo isso, duradoura. (Barbieri; Gonçalves; Menezes, 2022, p.2)

Nessa direção, revela-se que a definição do campo de pesquisa sendo o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro decorre do fato da minha vivência e participação dentro da agremiação Acadêmicos do Salgueiro que se configura como a Escola Mãe da Aprendizes do Salgueiro. Esclareço que no contexto do mundo do samba, o termo Escola Mãe é a nomenclatura utilizada pelos interlocutores da pesquisa que se refere a Escola de Samba que dá o suporte material e estrutural necessário para o funcionamento da Escola de Samba Mirim. O GRES Acadêmicos do Salgueiro, é a Escola Mãe do GRCEM Aprendizes do Salgueiro, possibilitando não só o espaço, mas suporte e a estrutura de modo geral para a construção do carnaval da Escola Mirim, sendo o apoio fundamental para a realização dos ensaios até a realização do desfile. Assim, a Escola Mãe é a agremiação que acolhe e assume de maneira mais efetiva uma ligação com a Escola Mirim, incentivando e apoiando a participação das crianças e as demandas de organização, no compartilhar da estrutura das quadras para ensaios, oficina, projetos e eventos festivos.

A minha presença constante enquanto ritmista na quadra do Acadêmicos do Salgueiro em decorrência dos ensaios e festividades, me permitiu o contato com a presidente da Escola Mirim Mara Rosa, assim como as diretoras e os diretores da agremiação e as próprias crianças. O encontro entre o eu pesquisadora e o eu ritmista se concretizou, enunciando uma série de sentimentos e sensações. Me vi ansiosa, com medo, repleta de questões e ao mesmo tempo eufórica com a possibilidade de investigar sobre e com as crianças, no contexto da Escola de Samba Mirim, trazendo para a academia a temática do samba e da educação, vivificando o entrelaçar de paixões.

Após o contato inicial realizado por meio de uma conversa com a presidente da agremiação mirim, em um dos ensaios da Escola Mãe, fui convidada para conhecer e participar dos ensaios das crianças, e então foi iniciado a minha imersão no carnaval mirim, a minha imersão no Aprendizes do Salgueiro.

1.2-Vestindo a camisa de pesquisadora: a entrada no campo no espaço familiar.

Adentrar no campo de pesquisa foi um processo que me fez defrontar o eu pesquisadora e o eu ritmista. Um processo repleto de questionamentos e anseios. Assim, rememoro as minhas anotações no diário de campo e recordo os detalhes da minha entrada em campo. O primeiro dia de contato com as crianças e adultos que compõem o Aprendizes do Salgueiro.

“Na tarde do dia 21 de novembro de 2021, cheguei de carro a quadra do Salgueiro, na rua Silva Teles, por volta de 15 horas para conhecer e participar do primeiro ensaio e reencontro das crianças da Escola de Samba Mirim após a pausa em decorrência da pandemia do Covid 2019 (...) Logo que estacionei o carro na Rua Silva Teles, observei que um menino vestindo bermuda branca, tênis e a blusa da Escola Mirim, caminhando juntamente com a sua responsável pela calçada em direção a entrada da quadra(...) Assim que cheguei ao portão, encontrei um homem sentado em uma cadeira, o porteiro da agremiação. O cumprimentei e prossegui a caminhada em direção ao centro da quadra da escola. O espaço estava organizado de maneira totalmente diferente da forma como eu estou acostumada (nos ensaios, sambas de sábado e feijoadas). Havia mesas e cadeiras espalhadas, bolas vermelhas e brancas decorando o palco, brinquedos como cama elástica, piscina de bolinha e um circuito inflável, estação de comidas de festa infantil com pipoca, batata frita, algodão doce, mini pizza, uma mesa com bolo e doces juntamente com um painel de festa com o tema pop it¹⁰. E principalmente tinham muitas crianças, sorrindo, correndo, brincando de pique pega, nos

¹⁰ Pop it é um brinquedo infantil que se tornou famoso entre as crianças. A decoração da festa nesse dia de ensaio teve como tema esse brinquedo.

brinquedos e comendo as guloseimas.” (Anotações do diário de campo 21/11/2021)

Esclareço que o meu primeiro contato com o campo para iniciar a minha observação participante foi um dia muito específico no qual para o ensaio das crianças tinha sido organizado uma grande festa. Nas observações seguintes os ensaios não se encaminhavam da mesma maneira. Nos ensaios não festivos são ofertados para as crianças cachorro quente e guaraná natural como lanche, contudo toda a ornamentação e demais guloseimas são ofertadas as crianças somente em momentos de festividades. Após algumas semanas acompanhando os ensaios, compreendi que mensalmente um dia de ensaio era organizado uma festa marcando uma data comemorativa como por exemplo o dia das crianças e o natal, ou alguma data importante para a agremiação mirim como o lançamento do enredo e o aniversário da Escola.

O espaço da quadra assim como toda sua estrutura (salas, instrumentos, materiais diversos) é compartilhado entre a Escola Mirim e a Escola Mãe, e naquela tarde de domingo um cenário totalmente diferente do que me era familiar enquanto sambista e ritmista se apresentou aos meus olhos e era vivido pelos sujeitos ali presentes. A quadra tinha se transformado, ganhado outros sentidos, outro público, outras possibilidades. O local privilegiado de pesquisa, tão familiar me suscitou o exercício constante de estranhamento, com os sentidos alerta e atentos enquanto pesquisadora, de perceber o familiar de uma outra maneira. Nesse movimento de estranhamento, Gilberto Velho (1978) argumenta que:

O estudo do familiar oferece vantagens em termos de possibilidades de rever e enriquecer os resultados das pesquisas. Acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico, mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados (VELHO, 1978, p.131).

Velho (1978) permite-nos notar que apesar do local de pesquisa ser familiar nos termos físicos, ele apresenta-se como um campo de complexas relações entre os sujeitos envolvidos, crianças e adultos, nos processos de sociabilidades e

aprendizagens do movimento investigado de tornar-se sambista. Evidencia-se desse modo uma importante discussão acerca da distância do pesquisador em relação ao campo pesquisado, assim, no que concerne a tal distanciamento, Velho (1978) nota que o fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados por preferências, gostos, idiossincrasias.

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto estamos sempre supondo familiaridades e exotismos como fonte de conhecimento ou desconhecimento. (VELHO, 1978, p.39)

É notório que a familiaridade do campo ressoa no meu observar, porém conforme colocado pelo o autor, o que aparentemente me é familiar, não necessariamente é conhecido. Dessa maneira, ainda que o meu lugar de ritmista perpassa o lugar de pesquisadora, sendo o local de investigação familiar, os meus interlocutores de pesquisa não me são conhecidos. O processo de relativizar o meu lugar como pesquisadora no campo investigado é fundamental de modo a transcendê-lo, à medida que, como pontua Velho (1978):

Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar, a hierarquia e a distribuição de poder permite-me fixar, grosso modo, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isso não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. (Velho, 1978, p.41)

Ademais, no decorrer da minha entrada em campo, a presença constante nos ensaios, nas observações realizadas das crianças interlocutoras da pesquisa no que tange as relações construídas entre pares, percebi que tais relações, diálogos, trocas e aprendizados ocorriam de corpo inteiro, com olhares, sorrisos, danças, gestos, choros, movimentos corporais, atentando-me para a importância ao fato de que realizar pesquisa com crianças implica atentar-se às sutilezas, às miudezas. A entregar-se por inteiro no processo de investigação. Eloisa Rocha (2015) pontua:

Quando o outro é uma criança, a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais. Isso já indica alguns problemas metodológicos envolvidos na pesquisa com crianças: a atenção

às diferentes linguagens e os limites no grau de compreensão que podemos alcançar. (Rocha, 2005, p.45)

Assim, para estar em campo, é necessário o esforço de compreender e registrar o universo e os discursos do grupo pesquisado em seus próprios termos, permitindo se aventurar no campo. No caso específico do meu campo de pesquisa, foi fundamental estar aberta aos convites que as crianças realizavam. Correr, sambar, brincar junto, tocar algum instrumento quando solicitado, de modo a me permitir ser capturada e mobilizada pelo campo, foram esses movimentos essenciais durante todo o processo investigativo.

No que tange os registros, foi fundamental atentar para realização de uma descrição densa (Geertz, 1989) de modo a buscar a compreensão do entrelaçamento de significados que estão implicados nas ações e gestos dos meus interlocutores de pesquisa no interior do contexto da Escola de Samba Mirim.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou aos processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade. (Geertz, 1989, p.24)

Para o autor, a descrição densa é o objetivo da pesquisa antropológica, de modo que a descrição etnográfica deveria empreender a interpretação e tradução dos dados, mas deveria principalmente ser "microcós mica", ou seja, a forma como o antropólogo deveria ver seus estudos e se comportar no campo seria a de descrever o objeto de pesquisa com todas as suas particularidades e detalhes, levando em conta a vida social na qual o tema investigado está inserido e observando atentamente os significados que o contornam. Segundo o autor, quanto mais densa e detalhada é a descrição, mais o antropólogo embasa seus estudos e pode legitimar suas teorias em uma interpretação acerca da cultura estudada.

A realização da descrição densa do processo de investigação decorreu-se da entrega participativa que possibilitou a minha entrada efetiva no campo pesquisado e também o convite a participar como diretora da agremiação mirim, vestindo efetivamente a camisa de pesquisadora participante, em dois sentidos: o primeiro da possibilidade de ser pesquisadora participante dentro do grupo e o segundo

decorrente da camisa ser um símbolo que diferencia os adultos que atuam como diretores da agremiação dos demais adultos presentes no espaço da quadra.

Destaco que além da descrição densa, outros recursos de pesquisa também foram utilizados e inseridos na medida que minha relação com o campo foi adensada, construída e afirmada com o grupo, pois minha presença também foi significada e aceita pelos sujeitos (as crianças, responsáveis e as diretoras do projeto mirim). Construí, então, um acervo contendo notas de campo com a utilização do diário de campo, registros fotográficos e fílmicos, os quais foram utilizados na pesquisa com a autorização dos sujeitos do campo, tabelas com dados e informações da agremiação mirim. Importante ressaltar que as imagens utilizadas, devidamente identificadas, foram em sua maioria do meu próprio acervo, contudo também utilizei imagens que a própria agremiação divulgou em suas redes de comunicação com o público interno e externo a Escola de Samba Mirim.

O desenho da pesquisa aconteceu no/pelo próprio campo, ocorrendo a cada encontro, a cada conversa e a cada observação com as crianças na Escola de Samba. O deslocar-se na fluidez do eu pesquisadora/diretora e o do eu ritmista, defronte à realização da observação participante, implicou encontrar maneiras próprias de registrar e analisar as observações do campo. Velho (1978) ressaltava que o processo de estranhar o familiar se torna possível no momento que somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações que observamos no campo de pesquisa.

Construir a Etnografia dentro da quadra da agremiação mirim, que se configura como um espaço que me é conhecido, me leva as reflexões acerca da maneira como devo observar e participar das relações e fatos que ocorrem. No que tange compreendermos o que significa observar, Ingold (2016) pontua que:

Observar significa ver o que acontece no entorno e, é claro, também ouvir e sentir. Participar significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre, concomitante e conjuntamente com as pessoas e coisas que capturam a atenção que se dispensa a elas. (INGOLD, 2016, p.407)

A observação constante e a participação ativa possibilitou permitir-me afetar e ser afetada nas relações estabelecidas com os meus interlocutores. Um desafio

constante para o meu projeto de pesquisa, posto que, afetar-se pressupõem-se assumir um risco no processo etnográfico, à medida que, observar e participar concomitantemente é um movimento moroso, demandando deveras reflexão e atenção. Fravet- Saada (2005) ao entender que não se é possível participar e observar simultaneamente no processo investigativo argumenta que:

Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. (Fravet -Saada, 2005, p.160)

Tais contribuições nos levam a reflexões que vão de encontro as ponderações de Ingold (2016) ao argumentar que é precisamente a Antropologia que permite desfazer essa noção objetiva do conhecer de modo a ser possível observar ao mesmo tempo em que participamos. Dessa forma, observando, participando e principalmente assumindo o risco de ser afetada, realizei a entrada no campo e percorri todo o processo investigativo para a construção da narrativa etnográfica da presente pesquisa sendo esta, nos termos dos sambistas, a harmonia do estudo.

Destaco o processo de construção da etnografia como constituindo-se a harmonia da pesquisa, posto que, nos desfiles das Escolas de Samba, a harmonia é um quesito de julgamento significando o entrosamento entre o ritmo da bateria, o canto coral e a dança do conjunto da escola. (LOPES; SIMAS, 2015, p. 141). No que se relaciona à presente pesquisa, é o entrosamento engendrado entre o campo e o estudo de cunho acadêmico que se elaborou a narrativa etnográfica do estudo, ressaltando as ações, vozes, relações dos meus interlocutores de pesquisa. Eu vesti a camisa de pesquisadora, adentrando de corpo e alma, assumindo os riscos e desafios de estudar o familiar e permitir ser afetada, enfrentando “os imponderáveis da vida nativa” (Malinowski, 1976), conhecendo as crianças aprendizes e aprendendo com elas, no movimento de buscar compreender os processos do tornar-se sambista nas suas diversas formas.

1.3- A harmonia da pesquisa: a escrita etnográfica

*“Salgueiro é celeiro de sambistas imortais,
Que vivem na memória dos sambistas atuais.
Nós temos o Aprendiz, o amanhã está garantido.
Eu sinto tanto orgulho, meu Salgueiro tão querido”
(Samba exaltação do Acadêmico do Salgueiro)*

No decorrer da pesquisa, ao narrar e descrever as minhas observações em campo, ressalto que estabeleci uma relação singular com as experiências vividas, de modo que construí a minha identidade como pesquisadora participante do campo. Assim, apresento as narrativas vivenciadas e sentidas a partir do observar e participar, do conhecer, do ser, do sentir, do me afetar, dentro do espaço da Escola de Samba Mirim. Espaço este sendo o campo de investigação e de produção da presente etnografia que ressalta as ações das crianças, seus processos de aprendizagem nas trocas de conhecimentos e saberes.

Ingold (2016) expressa que a observação participante significa viver atencionalmente com os outros. Desse modo, estar em campo de modo participativo com os interlocutores, significa estar atento a eles, atento as suas singularidades e proposições.

Observar não é objetificar; é atender às pessoas e coisas, aprender com elas, e acompanhá-las em princípio e prática. Com efeito, não pode haver observação sem participação – ou seja, sem uma composição íntima, na percepção como na ação, entre observador e observado. (INGOLD, 2016, p. 108).

Ao engendrar o campo investigado com a construção da pesquisa acadêmica na Educação, me unindo aos emaranhados das relações junto aos meus interlocutores, busquei apreender como as crianças tornam-se sambistas, nas suas ações, gestos, movimentos, falas, brincadeiras. Em outros termos, busquei nos seus próprios modos de ser, na sua própria maneira de relacionar-se apreender os processos de aprendizagem do ser sambista e ser aprendiz.

Ingold (2016) argumenta que o trabalho de campo é um processo de educação pois aprendemos justamente na interlocução com os sujeitos investigados. Assim, sublinha-se que a observação participante e a etnografia não são um método, não há uma receita de bolo pronta. A etnografia é o produto do trabalho de campo

intensivo e sistemático, que foi experienciado no processo de aprendizado com os interlocutores, na imersão, no mergulho, na vivência cotidiana com o grupo pesquisado.

Assim, a observação participante *não* é, em absoluto, uma técnica à paisana para coleta de informações das pessoas, sob o pretexto de estar aprendendo com elas. É, antes, a contemplação, em ato e palavra, daquilo que deve ao mundo pelo próprio desenvolvimento e formação. É isso que se entende por compromisso ontológico. (INGOLD, 2016, p.407)

Mas isso está longe do que se convencionou chamar de *método* segundo os protocolos da ciência normal, em que implementá-lo é executar uma sequência de passos preestabelecidos e regulados rumo à consecução de uma meta determinada. Pois os passos da observação participante, como os da própria vida, dependem das circunstâncias, e não avançam rumo a um fim preestabelecido. E envolvem modos de levar a vida e de ser por ela levado, de viver uma vida junto com outros – humanos e não humanos – que reconhecem o passado, atentam para as condições do presente e se abrem especulativamente a possibilidades futuras. (INGOLD, 2016, p.409)

Christina Toren (2010) em seus estudos contribui para a reflexão acerca da etnografia e do trabalho de campo ao destacar a importância de estarmos atentos às sutilezas do campo, pontuando que a análise etnográfica busca compreender os sentidos que as crianças estão dando ao mundo e contextos em que estão inseridas.

Descobrir que sentido as crianças estão dando ao mundo é importante para a análise etnográfica não simplesmente porque possibilita um relato mais completo e sutil de como a vida é vivida em qualquer esfera específica e como a transformação naquela mesma esfera é um aspecto de sua continuidade, mas porque nos possibilita tornar analíticas as categorias das pessoas cujas vidas estamos tentando analisar, seja em nossos próprios lares ou em outro lugar do mundo (TOREN, 2010, pag.40)

Dessa forma, pondero que na construção e evolução da harmonia da pesquisa no que tange à elaboração da etnografia, destaco a utilização desta não como um método de pesquisa, mas como um modo singular próprio dos estudos antropológicos. Um processo de escrita que demanda uma educação da atenção, que por meio do observar os detalhes, as pequenices e sutilezas das relações, a partir da afinação das percepções e sentidos enquanto pesquisadora, estando mergulhada no cotidiano dos e com os interlocutores de pesquisa que faz emergir as

possibilidades de compreensão do campo. E dessa forma a pesquisa com crianças e a pesquisa etnográfica se encontram, justamente no olhar sensível aos detalhes, o interessar-se pelas coisas “desimportantes” como Manoel de Barros (2010) poeticamente propunha, a valorizar a atenção às relações próximas, a vivência participativa e afetiva, a sensibilizar-se com o campo investigado estando atenta aos eflúvios, aos afetos, as principalmente as crianças.

Anuncio assim que, este trabalho etnográfico ao versar sobre educação, Escola de Samba Mirim, crianças e infâncias, coloca-se em condição de comprometimento com o reconhecimento das diferentes culturas e dos saberes locais da agremiação mirim pesquisada, construindo conhecimento e aprendendo com o outro. Importa dizer que, nessa relação com um saber local, “ninguém sabe tudo, porque não há um tudo para se saber.” (GEERTZ, 2001, p. 124). As crianças anunciam possibilidades, manifestam-se de diversas formas. Assim como o enredo segue e apresenta uma história, as relações do contexto do campo de pesquisa vão sendo fortificadas e construídas e as narrativas vão sendo tecidas e vivenciadas.

1.4- Na avenida as Escolas de Samba: movimento, resistência, transformação e aprendizagens.

*“Sambo para resistir
Samba meus ancestrais
Samba pelos carnavais”¹¹*
(Trecho do Samba Enredo do Acadêmicos do Salgueiro, 2022)

A criação das primeiras Escolas de Samba na cidade do Rio de Janeiro é marcada nos registros históricos entre as décadas de 1920 e 1930, tornando-se conhecidas ao longo dos anos como um lugar de produção cultural e espaço de criação do samba. Segundo Cavalcanti (1999) a Escola de Samba é um produto do encontro do morro com a cidade, da interação do samba e seu universo social em expansão com outras camadas da sociedade.

As escolas organizaram-se e estruturaram-se entre os anos de 1920 e 1950, definindo o desfile como acontecimento específico dentro do carnaval e conquistando com ele a hegemonia

¹¹ Trecho da letra do samba enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro do ano de 2022.

carnavalesca na cidade. Já hegemônicas na cidade, elas asseguraram também, entre os anos 60 e 80, a primazia no país. (Cavalcanti, 1999, p. 83)

No decorrer de sua quase secular história, as Escolas de Samba e os desfiles carnavalescos sofreram diversas modificações em sua estrutura e em seu funcionamento, ao passo que o carnaval carioca se expandiu e se estruturou com uma capacidade de renovação singular, sofrendo uma série de transformações estéticas e rítmicas, combinando linguagens artísticas distintas como a visualidade, a música e a dança.

Leopoldi (2010) aponta que na década de 1970 teve início uma série de modificações no contexto do carnaval que aglutinadas deflagraram as diversas transformações ocorridas nas Escolas de Samba.

Um aspecto que chama a atenção é que na década de 1970 teve início um grande afluxo da classe média na participação dos desfiles das escolas de samba. Aumentando a população de participantes, com percentagem crescente dos estratos médios da população, o evento do desfile chamava cada vez mais a atenção de outras pessoas e, particularmente, da mídia, que acabou desempenhando um papel preponderante no engrandecimento dos desfiles. (LEOPOLDI, 2010, pag.12)

Cavalcanti (1994) no seu livro “Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile”, propõe a compreensão do desfile das Escolas de Samba em três ideias centrais: a primeira acerca da dimensão agonística da festa carnavalesca, na qual o desfile é um grande ritual urbano contemporâneo; a segunda ideia diz respeito a forma artística altamente elaborada sendo os enredos carnavalescos elementos expressivos básicos do desfile e o elo de uma grande rede de relações que mobiliza anualmente diferentes grupos e camadas sociais urbanos; e a terceira ideia que aponta os desfiles como processos urbanos importantes que envolvem centenas de pessoas no decorrer do processo de sua elaboração e produção.

Nota-se que os desfiles das Escolas de Samba são um conjunto de eventos carnavalescos importantes e significativos no calendário festivo da cidade, de modo que, a construção da Passarela do Samba, o Sambódromo¹², em 1984, expressou o

¹² O popularmente conhecido como Sambódromo é oficialmente denominado como Passarela Professor Darcy Ribeiro, fica localizado na Avenida Marquês de Sapucaí, na Zona Central da cidade

reconhecimento oficial do potencial turístico, econômico e artístico do desfile na vida da cidade do Rio de Janeiro (Cavalcanti, 1999, p.75).

As Escolas de Samba passaram então a ser o foco da mídia, o que possibilitou que os desfiles se tornassem um grande espetáculo, sendo considerado o evento de maior destaque nos dias de folia, aguardado por uma multidão de pessoas de diferentes idades, etnias e classes sociais, que se envolvem, trabalham e brincam a folia.

Celebra-se a carne, o corpo, a finitude, com mascaradas, fantasias e inversões, com crítica e sátira festivas à ordem social cotidiana que, temporariamente suspensa, retornará logo a seguir... O carnaval possui sua própria história, existe em contexto sociológicos distintos e abrange diferentes formas, todas com sua história particular (Cavalcanti, 1999, p.77)

Assim, o carnaval, e mais especificamente o desfile das agremiações, tornou-se uma grande festividade que tem o samba como seu ritmo, o corpo e a dança como seu instrumento e a cultura negra, de origem africana, como sua raiz.

Como não se emocionar diante da poderosa percussão das baterias, do magnífico balé dos mestres-salas e porta-bandeiras, das vozes dos puxadores de samba-enredo, da habilidade dos compositores, da criatividade dos carnavalescos, do colorido dos carros alegóricos, das alegorias das alas, do rodar acolhedor das baianas e, finalmente, da imagem espetacular do conjunto de uma escola vista do alto da arquibancada? Renascendo a cada ano de suas próprias cinzas, o desfile celebra a finitude do corpo, o aqui e o agora, o tempo que passa em seu inexorável fluxo, junto com o desfile de uma escola. Ele alimenta, com pura alegria carnavalesca, a perspectiva de sua própria morte reinstaurada a cada ano e projetada no horizonte desconhecido da história. (Cavalcanti, 1999, p. 86)

O samba, o seu ritmo e a sua dança, que rege o carnaval carioca é considerado patrimônio imaterial da cultura brasileira, após a elaboração do Dossiê das Matizes do Samba do Rio de Janeiro, no ano de 2007, documento este que se consolidou a partir da pesquisa que buscou localizar o legado e o valor do samba no Rio de Janeiro, mostrando seu papel fundamental na tradição cultural da cidade e como referência cultural nacional. A elaboração do Dossiê foi liderada pelo Centro Cultural Cartola, dando origem à titulação do samba carioca nas modalidades de samba de terreiro, samba de partido alto e samba de enredo como Patrimônio

do Rio de Janeiro, sendo o local onde ocorre os desfiles das escolas de samba do grupo especial, do grupo de acesso e as escolas de samba mirins do carnaval da cidade do Rio de Janeiro.

Imaterial Brasileiro pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN/ Ministério da Cultura. A titulação foi obtida em 2007, com a inscrição dessas modalidades de samba no Livro de Registro das Formas de Expressão. Entretanto, é importante ressaltar que o samba desde a sua constituição quando surge como movimento de expressão da identidade cultural da população negra, assim como as manifestações religiosas do povo negro sofreu, e sofre, perseguições e invisibilidade ao longo da história nacional. Conforme apresentado o Dossiê das Matizes do Samba:

No começo do século XX, comunidades negras do Rio de Janeiro excluídas de participação plena nos processos produtivos e políticos formais, perseguidas e impedidas de celebrar abertamente suas folias e sua fé deram forma a um novo samba, diferente dos tipos então conhecidos, que viria a ser chamado de samba urbano, samba carioca, samba de morro ou simplesmente samba. Elas também criaram as escolas de samba, espaços de reunião, troca de experiências, estabelecimento de redes de solidariedade, criação artística e festa (Dossiê das Matizes do Samba, 2007, p.9)

A criação do samba evidencia a forma de comunicar as experiências, desejos e demandas individuais e de grupo do povo negro. Nesse cenário criativo e festivo, o samba teve a casa de Tia Ciata como importante espaço para as reuniões e batuques. Muniz Sodré (1998) aponta que a casa de Tia Ciata e as rodas de samba que ocorriam naquele espaço simboliza toda a estratégia de resistência musical à cortina da marginalização erguida contra o negro. É nesse contexto fervoroso de criatividade, resistência e musicalidade, que as Escolas de Samba foram criadas e configuram-se como o pulsar da arte e da cultura negra brasileira, envolvendo adultos e também crianças. Nilma Lino Gomes (2003) pondera que a cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. De modo que a cultura negra diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Segundo Gomes (2003) esse “nós” possibilita o posicionamento do negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade. (GOMES, 2003, p. 79).

No que tange a participação das crianças nos desfiles carnavalescos e dentro dos contextos das Escolas de Samba, destaco que elas são as protagonistas do carnaval e dos desfiles das Escolas de Samba Mirins. A pesquisadora Carla Machado Lopes (2019), em sua tese de doutorado, contextualiza historicamente o

processo de construção e fundação das Escolas de Samba Mirins, evidenciando que a primeira Escola criada na cidade do Rio de Janeiro foi o Grêmio Recreativo Escola de Samba Mirim (GRESM) Império do Futuro, no ano de 1983, pelo pioneirismo de Arandir Cardoso dos Santos¹³ mais conhecido como Careca.

O GRESM Império do Futuro, tem como referência a Escola de Samba Império Serrano, denominada sua Escola Mãe, assim como o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, possui como sua Escola Mãe a Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. É importante compreendermos o contexto de fundação das Escolas de Samba Mirins no que infere o objetivo de garantir a preservação da cultura das Escolas de Samba e de seus valores afro-brasileiros com a formação das crianças como futuros sambistas. Conforme apresenta Lopes (2019), a aprendizagem da cultura das Escolas de Samba, antes restrita ao convívio intergeracional presente nos ambientes familiares e das quadras e terreiros, se constituiu como uma tradição típica das Escolas de Samba. A perpetuação dos saberes ancestrais do samba, anteriormente dada dentro do seio familiar e na vizinhança local, adquiriram então um espaço e um local próprio, as Escolas Mirins, que se estruturaram e se firmaram como lócus de formação de aprendizes do samba.

As crianças, enquanto aprendizes do samba, nas relações que estabelecem no espaço e com os sujeitos(adultos e crianças) que frequentam a Escola de Samba Mirim, vão aprendendo o que Lima (2005) infere como a cultura do samba, isto é, aprendem as redes de significados, costumes, práticas, comportamentos, socialização, saberes e sociabilidades que estão ligadas ao gênero musical samba e, mais especificamente, às particularidades do universo da Escola de Samba, nas relações e trocas estabelecidas entre os atores ativos do espaço das agremiações mirins.

O samba nunca esperou pela escola para assediar a vida cotidiana de milhões de cariocas (e brasileiros de uma maneira geral). Mas o que se coloca é que esta cultura do samba vai além da produção musical: tem as Escolas de Samba, as rodas de samba e toda uma maneira de viver e de se relacionar com o mundo que não atende, historicamente, apenas a determinadas faixas etárias. São parte da nossa história, ajudaram a forjar

¹³ Sambista (passista) integrante do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano.

nossa identidade e nos fazer o que somos no Rio de Janeiro e também no Brasil. (LIMA, 2005, p. 234)

Com o enfoque nas trocas que emergem dentro do ambiente das agremiações mirins, é necessário definirmos o que inferimos com o termo Escola de Samba Mirim. Nesse sentido, sublinho a descrição dada por Lopes (2019) que apresenta:

As escolas de samba mirins são representações sociais identitárias da cultura das escolas de samba, formada por crianças e adolescentes, realizando desfiles anuais, estando filiadas a uma escola de samba ou não, promovendo qualificação de profissionais, por meio de projetos sociais, para atuarem no carnaval, e que preservam os saberes e fazeres da cultura das escolas de samba, formando continuadores da expressão cultural popular, identificamos estas agremiações como comunidades de aprendizagens. (LOPES, 2019, p.168)

O protagonismo infantil é um ponto fundamental nas discussões acerca das agremiações mirins. Novelli e Lemos (2020) apontam o caráter dialógico e o protagonismo infantil presente nas relações cotidianas e intergeracionais entre crianças integrantes das Escolas de Samba Mirins e os atores sociais das Escolas Mães, no qual as crianças atuam inaugurando possibilidades, de modo a construir dispositivos em sua potência criadora e inventiva, onde muitos adultos não vislumbram perspectivas e alterações.

Destaca-se que o desfile das Escolas de Samba é considerado o evento mais importante do carnaval carioca nos dias de folia, sendo percebido “como um ritual de integração, em que os diversos segmentos, grupos classes e etnias se encontram numa festa que, se não celebra particularmente nenhum desses elementos, celebra todos eles” (Leopoldi, 2010, p.21). O primeiro desfile da Escola de Samba Mirim Império do Futuro, ocorreu no ano de 1984, quando a escola abriu os desfiles das agremiações do chamado atualmente como Grupo Especial¹⁴ do carnaval carioca. Após esse marco outras agremiações mirins surgiram e atualmente, no último

¹⁴ O grupo especial das escolas de samba é o grupo de elite do carnaval. São 12 escolas de samba que desfilam no Sambódromo em duas noites de festa, competindo para saber qual é a melhor escola do carnaval carioca.

carnaval do ano de 2023, desfilaram na Sapucaí o total de 16 Escolas Mirins¹⁵, levando centenas de crianças para brincarem o carnaval na Avenida.

Ressalta-se que o desfile mirim é composto dos mesmos elementos dos desfiles das escolas do grupo especial, que consistem em: comissão de frente, casal de mestre-sala e porta-bandeira, bateria, alas¹⁶, carros alegóricos, adereços, sambanredo, carro de som, intérpretes, assistentes e destaques de chão. É importante também salientar que, diferentemente dos desfiles das Escolas de Samba adultas, o desfile mirim não possui caráter competitivo, ou seja, não há uma escola campeã. No entanto, a Associação das Escolas de Samba Mirins do Rio de Janeiro (AESM-RIO)¹⁷ organiza uma festa para a entrega algumas premiações para as Escolas que se destacaram no desfile mirim como o Troféu Olhômetro e o Estandarte Mirim.

Nessa direção, as crianças, enquanto aprendizes do samba, nas relações que vão estabelecendo no espaço da Escola de Samba Mirim, vão aprendendo o que Lima (2005) infere como cultura de samba, construindo redes de significados, costumes, práticas, comportamentos, socialização, saberes e sociabilidades. Cavalcanti (1999) evidencia que os processos culturais são, desde sempre, abertos e em movimento. Assim, as crianças apreendem e renovam os processos culturais vivenciados no espaço da Escola de Samba. São meninos e meninas, crianças de diferentes idades que se envolvem, se encantam e iniciam, dentro da Escola de Samba Mirim, seus aprendizados, construindo a continuidade da história do ser sambista.

Nas trocas e aprendizagens que emergem das relações entre os sujeitos envolvidos na agremiação mirim, as crianças são protagonistas do seu processo de aprendizagem. A construção dos saberes do samba no contexto da agremiação mirim ocorre a partir de uma perspectiva não escolar, sendo constituída por

¹⁵ As 16 Escolas de Samba Mirins que desfilaram no carnaval 2022 foram: Corações Unidos do Ciep, Golfinhos do Rio de Janeiro, Pimpolhos da Grande Rio, Miúda da Cabuçu, Mangueira do Amanhã, Filhos da Águia, Inocentes da Caprichosos, Império do Futuro, Herdeiros da Vila, Aprendizes do Salgueiro, Infantes do Lins, Estrelinha da Mocidade, Petizes da Penha, Ainda Existem Crianças de Vila Kennedy, Nova Geração do Estácio, Tijuquinha do Borel.

¹⁶ Cada uma das unidades básicas ou células organizacionais das Escolas de Samba, inicialmente formadas por parentes, vizinhos ou amigos. Em razão de suas funções, as alas outrora caracterizadas como “técnicas” ou “de componentes”. Entre as primeiras estavam a ala da bateria, a das baianas e a dos compositores. (LOPEES; SIMAS, 2022, p. 20)

¹⁷ É a entidade responsável pela organização do carnaval mirim da cidade do Rio de Janeiro. No capítulo II será contextualizado a sua fundação e importância para o carnaval das crianças.

elementos e aspectos próprios desse lugar, fundadas pelas relações socioculturais estabelecidas.

O processo de ser aprendiz do samba desenha-se através de núcleos constituídos pelos sujeitos. A observação participante no decorrer do trabalho de campo possibilitou a visualização de núcleos de aprendizados de saberes específicos tecidos através das relações que são estabelecidas entre as crianças e seus pares e também entre as crianças e os adultos. São subgrupos dentro do grupo maior que é o Aprendizes do Salgueiro que focalizam determinada área dos saberes do samba.

Aprender a tocar um instrumento, aprender o bailar do mestre-sala e da porta-bandeira, aprender a arte do samba no pé dos passistas, aprender e vivenciar como funciona a organização da Escola de Samba para o desfile, são elementos específicos do campo investigado e que enunciam maneiras outras e próprias de aprendizado que segue um formato formal de educar, mas diferente do formato escolarizado, fragmentado e engessado da instituição escola comum.

Nesse caminhar, nota-se que o samba, enquanto um fenômeno cultural de relevância irrefutável, ultrapassa as fronteiras de gênero musical e dança, mostrando ramificações muito mais amplas. Essas ramificações se evidenciam nos processos de ser aprendiz, no qual as crianças aprendem na prática (Lave, 2015) a serem sambistas.

Observa-se que hierarquias se apresentam no campo, contudo tal hierarquia não se configura na relação daquele que sabe mais e aquele que sabe menos, posto que, os saberes são compartilhados, de modo que as trocas ocorrem a todo momento durante os ensaios até o grande dia de desfile. Mestres e aprendizes constroem conhecimentos juntos, criando, reinventando e ressignificando os saberes que são ancestrais.

As aprendizagens na Escola de Samba Mirim enunciam uma organização dialógica de escuta dos mais novos com relação aos mais velhos. Recordo-me de um dia de ensaio do Aprendizes do Salgueiro, em uma quinta-feira à noite, que exemplifica de modo singular uma das diversas relações de aprendizagem que observei no decorrer da pesquisa de campo que explicita e salienta a dialogia. Volto então ao meu diário de campo e encontro as anotações da interação.

“A quadra estava em uma certa confusão, pois era uma quinta-feira à noite e teria não só o ensaio das crianças do Aprendizes do

Salgueiro, mas também o ensaio de rua da Escola Mãe Acadêmicos do Salgueiro. Ao chegar na quadra, algumas diretoras da Escola Mirim estavam sentadas nas mesas e cadeiras vermelhas ao lado do palco, organizado as fichas de inscrição das crianças para o desfile. Alguns responsáveis estavam numa fila que se formava para a entrega dos documentos necessários para realizar a inscrição das crianças. Algumas crianças brincavam e corriam pelo espaço. Um grupo de passistas da Escola Mãe ensaiava no outro extremo da quadra. Próximo a sala da bateria, os diretores da bateria furiosa da Acadêmicos do Salgueiro estavam organizando e afinando os instrumentos para levarem para o caminhão, posto que, o ensaio da Escola Mãe ocorreria na Rua Maxwell. As crianças da bateria Furiosinha que estavam presente aguardando o ensaio da Escola Mirim observavam os movimentos dos diretores da Escola Mãe. Aos poucos iam se aproximando dos instrumentos que estavam sendo afinados, as caixas e os taróis, e logo que percebi estavam empunhados de baquetas e talabartes prontos para tocarem. Não foram proibidos de tocar naquele momento. David, uma das crianças do Aprendizes começou então a tocar o repique. Próximo a ele estavam outras crianças, mas também os diretores da bateria dos adultos, Marcelo e Orelha. Orelha então pegou um tarol, olhou para o David e disse “ Vai, toca ai que eu te acompanho”. David olhou e sorriu, e então começou a tocar, o mais novo puxando o ritmo e seguido pelo mais velho, que o acompanhava respondendo aos seus toques, olhares e sorrisos.” (Diário de Campo, 12/01/2023)



Figura 1- Ensaio Aprendizes do Salgueiro



Figura 2- Ensaio Aprendizes do Salgueiro

O relato destacado do diário de campo juntamente com o registro fotográfico apresentado evidencia que o processo de aprendizagem das crianças do Aprendizes do Salgueiro ocorre através das vivências e do partilhar das experiências intergeracionais. Aqui incluo um adendo para pontuar sobre a ética e autoria nas pesquisas com crianças. Evidencio que escolho utilizar fotografias que focalizam as crianças de modo a apresentar para o leitor as vivências do campo em sua singularidade. Escolho também utilizar os nomes verdadeiros das crianças e adultos interlocutores da pesquisa, pois estes também são os autores do estudo. Suas atuações, falas, questionamentos compuseram a pesquisa, que foi construída e pautada na relação com meus interlocutores. Pereira et al (2018) tecem apontamentos acerca da autoria e da autorização das crianças em pesquisas acadêmicas, ressaltando a dimensão acerca dos princípios éticos na pesquisa com crianças:

“Tratar dos princípios éticos na pesquisa com as crianças significa considerar a alteridade da infância, reconhecer que elas são sujeitos de direitos e produtoras das suas histórias, e compreender a forma sutil, porém complexa e profunda, de como a infância reflete a sociedade e se faz nela.” (Pereira; Ogg; Silva, p.769, 2018)

Nessa direção, ponderamos que as fotografias utilizadas são respaldadas pela a documentação necessária para a construção e validação de uma pesquisa acadêmica. Dessa maneira, os termos de consentimento e o assentimento das crianças e seus respectivos responsáveis nos respaldam defronte à utilização dos registros apresentados.

Nesse caminhar, retomando a análise do relato e das fotografias destacadas, nota-se que a participação das crianças na agremiação mirim é valorizada evidenciando outras possibilidades e formas de viver a infância, outros lugares que ocupam e participam socialmente como protagonistas, os quais também são definidores de uma infância contextualizada e da educação das crianças no contexto investigado.

Ressalta-se que no decorrer do trabalho de campo, no que tange as reflexões acerca das relações intergeracionais tecidas na agremiação mirim, o senhor Orelha é um interlocutor fundamental na pesquisa, sendo um dos ritmistas mais antigos da

bateria Furiosa, e hoje diretor da bateria também auxilia na manutenção dos instrumentos. David, é uma das crianças que participou da oficina de percussão do Aprendizes do Salgueiro, do projeto “Salgueirar vem de criança”¹⁸, e agora faz parte da bateria Furiosinha¹⁹ para o desfile do carnaval de 2023. É notório que o senhor Orelha sabe “puxar”²⁰ o samba, e realizar as convenções da bateria em seu instrumento tarol. Contudo o convite realizado do adulto para a criança não se apresentou como um “teste” ou “desafio”, no sentido de verificação do que a criança sabe tocar, mas sim um convite estruturado por uma relação afetiva e respeitosa. A fala do senhor Orelha, “ *Vai puxa ai que eu vou te acompanhar*”, enuncia que as crianças são agentes e protagonistas no seu processo de aprendizagem e de ser aprendiz nas relações que se constroem na quadra. A tradição e a renovação se encontram, o mais velho e o mais novo numa via de mão dupla aprendem, ensinam e esboçam os significados que compõem ser um aprendiz do Salgueiro.

Nessa direção, os processos de aprendizagens dos modos de ser sambista e ser aprendiz realizados na agremiação mirim, relevam os primeiros apontamentos para o que podemos compreender como uma pedagogia própria da Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro. Uma pedagogia que se constrói pelos conhecimentos locais das crianças e adultos, das experiências que carregam em seus corpos, das trocas dos sujeitos que vivenciam e participam do *ethos*²¹ do lugar (a quadra da Escola de Samba), mas que também se alicerça na tradição, na ancestralidade, nos afetos e principalmente se fundamenta pela cultura do samba que não sendo estática se renova com os aprendizes.

No percurso de aprendizagem acompanhando ao longo da pesquisa de campo observa-se que as crianças se relacionam com diferentes dimensões de si e do outro na constituição da prática do ser sambista e ser. Nota-se que o conjunto de características e valores que formam o Aprendizes do Salgueiro encontra-se em constante transformação, sendo renovado pelas crianças que adentram ao universo da Escola de Samba Mirim. Ocorre um processo de educação em constante

¹⁸ No segundo capítulo da dissertação será apresentado de modo detalhado como funciona o projeto “Salgueirar vem de criança”, foi necessário citá-lo aqui para contextualizar melhor o fato descrito.

¹⁹ Nome da bateria mirim do GRCEs Aprendizes do Salgueiro

²⁰ Expressão utilizada no campo para sinalizar o início do toque do ritmo do samba, ou quem vai iniciar o toque para que toda a bateria toque no conjunto.

²¹ Entendendo o *ethos* por seu sentido semântico como, conjunto dos costumes e hábitos fundamentais característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

movimento, sendo evidenciada e potencializada a partir das relações das crianças entre pares e com os adultos, com os conhecimentos situados (Lave, 2015) que as crianças constroem da prática sociocultural dentro da quadra.

Crianças e adultos ensinam e aprendem numa via de mão dupla. Um aprendizado que revela uma história e uma ancestralidade demarcados por esse lugar, por esse território e pelas relações que nele ocorrem. A quadra da Escola de samba se configura como um terreiro de saberes enredando o passado, o presente e o futuro. O som dos tambores, da dança dos corpos e da materialidade das roupas e fantasias evocam a perpetuação de ser sambista sendo um aprendiz. No capítulo II iremos adentrar de modo mais específico e adensado os processos de aprendizagem, trazendo apontamentos e relatos do campo que evidenciam a forma própria do grupo de construir e garantir em seus termos o futuro da agremiação.

1.5-A interface entre a Antropologia, a Educação, o Samba e as Infâncias

O entrelaçar entre o campo da Antropologia e Educação na presente pesquisa possibilita um olhar multifacetado dos elementos que ressoam no campo investigado. Os saberes antropológicos aglutinados aos conhecimentos da Educação, mais especificamente da Educação das Infâncias atrelado ainda aos saberes do samba potencializam as reflexões e considerações no que tange à compreensão acerca dos processos vivenciados pelos interlocutores de pesquisa, no *locus* investigado, na construção dos movimentos de tornarem-se sambistas.

Contudo ao realizarmos pesquisas sobre e com crianças, é necessário primeiramente analisarmos as concepções de infância e as noções de pessoa que estão implicadas dentro da perspectiva antropológica. Hirschfeld (2018) em seu artigo “Por que antropólogos não gostam de crianças?”, nos convida logo em seu título à reflexão sobre a produção acadêmica no campo da antropologia sobre as infâncias. A indagação proposta pelo autor revela que, a grosso modo, a maior parte da antropologia tem marginalizado as crianças porque desprezou duas características em que elas são muito boas: a capacidade excepcional em adquirir a

cultura dos adultos e, de forma menos evidente, o potencial de criar sua própria cultura. (Hirschfeld, p. 173, 2018).

Segundo o autor as crianças também criam e habitam culturas de sua própria autoria que, de forma significativa, são independentes e distintas daquelas dos adultos com quem convivem.

“Ao formar suas próprias tradições culturais, as crianças incorporam habilidades conceituais únicas que marcadamente condicionam e moldam suas próprias produções culturais, para além daquelas do mundo dos adultos. Ao enxergar as crianças apenas como receptáculos para a cultura, a antropologia colocou a carroça na frente dos bois.” (Hirschfeld, p. 174, 2018).

Márcia Buss-Simão (2009) ao realizar a revisão da literatura sobre o campo da antropologia da criança ressalta que os estudos com e sobre as crianças na antropologia, desde as abordagens clássicas até muito recentemente, só foram incluídas em alguns trabalhos e, raramente como categoria central na condução das investigações e análises. A autora coloca que historicamente, no campo da antropologia, as crianças foram marginalizadas, não sendo consideradas como um tema importante e nem relevante para se realizar pesquisas e análises. Somente a partir da década de 1960 que se constrói uma “nova” Antropologia da Criança.

“A partir, principalmente da década de 1960, surgem novas formulações para conceitos centrais no debate antropológico que possibilitam estudar também as crianças de forma inovadora. Clarice Cohn (2005, p. 19) salienta que dentre estes conceitos principalmente “[...] o conceito de cultura, de sociedade e de agência, ou ação social” foram centrais para uma mudança no campo de estudos antropológicos. Antropologia da Criança inicia um processo de apreensão dessas diferentes formas de ser criança e, inclusive, de deixar de ser criança em diferentes contextos, procurando compreender a fundo os universos autônomos e a autonomia do mundo infantil” (Buss-Simão, p.5, 2009)

Nesse sentido, com a mudança conceitual e com a consolidação dos estudos antropológicos sobre as infâncias, Cohn (2013) coloca que:

“(...) a antropologia dedicada às crianças e às infâncias se consolidou, e a excelência, a possibilidade (metodológica, analítica, epistemológica) e a legitimidade de nossos estudos são reconhecidas. Porém, ainda necessitamos ganhar maior abrangência tanto no debate antropológico como um todo quanto na intervenção e na atuação pública. Por isso, meu chamado aqui é por maior interlocução, mais entrecruzamentos. É também por

manter o tema no debate atual da antropologia. Um bom começo para tal é reconhecer o que os estudos com e sobre crianças têm podido revelar e que nem sempre é revelado pelos demais estudos. (Cohn, 2013, p.223)

A realização de pesquisas onde os interlocutores são as crianças é fundamental o pesquisador estar atento, observando-as no que elas são, ouvindo-as, acompanhando-as em suas atividades e em seus passos. Cohn (2013) pondera ainda que ao nos dedicarmos a estudar as crianças temos que nos debruçar primeiro sobre como as crianças, e a infância são pensadas nestes lugares. Dessa forma, uma nova indagação emerge no campo investigado: O que é ser criança no espaço da Escola de Samba Mirim? Qual a concepção de infância presente dentro da Aprendizagem do Salgueiro?

Evidencia-se que não podemos pressupor uma criança e uma infância universais. No que tange o contexto da presente pesquisa não podemos dá ênfase a um determinado modo de ser aprendiz do samba. O espaço de aprendizagem não escolar que se configura a Escola de Samba Mirim permite com que as individualidades se revelem. No capítulo II veremos de maneira detalhada e adensada os espaços e o cotidiano dos ensaios da agremiação mirim no processo de construção aprendizagem dentro da agremiação mirim Aprendizagem do Salgueiro. Por hora, devemos atentar ao fato acerca do modo como a antropologia nos permite entender outros modos de vivenciar as infâncias e outras formas de compreender os processos de aprendizagens, em lugares outros, fora de uma lógica escolarizada.

Antonella Tassinari (2009) pondera sobre o processo de construção de uma pedagogia nativa por intermédio dos exemplos das sociedades indígenas, evidenciando uma aprendizagem em um local outro, fora da escola, sobre contextos nos quais as infâncias podem ser vivenciadas com maior liberdade e autonomia. Espaços nos quais elas participam como atores plenos. São contextos de aprendizagem onde as crianças figuram como mestres e aprendizes, suscitando assim a problematização acerca das práticas hegemônicas de educação que se fragmentam em hierarquias de saberes.

As relações estabelecidas entre as crianças e seus pares (da mesma idade, mais novos e mais também com as mais velhas) ressaltam outras formas de vivenciar a infância e a aprendizagem, para além da escolarização promovida pela instituição

escola. No campo da presente pesquisa atenta-se para um termo primordial nas reflexões sobre o processo de tornar-se aprendiz do samba, o termo escola.

A Escola de Samba Mirim possui o termo escola atrelado ao seu nome, porém com uma concepção própria, denotando um sentido que em seu âmago revela processos de compartilhar saberes, mas distancia-se do sentido escolar do termo. Observa-se que em seu processo histórico o samba e as agremiações foram profusamente marginalizados, enfrentando inúmeros preconceitos, sendo seus saberes e conhecimentos desvalorizados. A noção hegemônica de escola atrelada a dimensão de local legítimo de aprendizagem e conhecimento não incorpora a Escola de Samba como local de saber, deslegitimando-a como forma de vivência da infância e da aprendizagem. As crianças tornam-se alunos, numa lógica de hierarquia entre adulto (professor) e criança (aluno), na transmissão de um conhecimento de um para o outro. Contudo, no processo de tornar-se aprendiz do samba a lógica de aprendizagem é singular, posto que, as relações estabelecidas entre os sujeitos ultrapassam a visão do mestre que detém o conhecimento e o aprendiz como receptáculo, que recebe as informações por vias de uma educação bancária (Freire,2005).

No contexto da Escola de Samba Mirim investigada há a formalidade no processo de ensino-aprendizagem, entre mestres e aprendizes, porém afasta-se do processo de escolarização das instituições formais de educação²², à medida que, prioriza-se os diálogos, as trocas e os afetos.

Tassinari (2009) aponta para a necessidade de desatrelarmos a presença da escola em um determinado contexto social, ou a vivência da escola por uma criança, à existência de um *ethos* escolarizado, evidenciando a demanda de valorizarmos os saberes e conhecimentos que são apreendidos para além dos muros e espaços da escola.

Assim, sugiro que é possível pensar em sociedades ou grupos sociais “não escolarizados” (ou seja, onde outras possibilidades de infância e aprendizagem são reconhecidas), mesmo com a presença da instituição escolar e com experiências de educação escolar. (Tassinari, 2009, p.5)

²² Os processos de aprendizagem do tornar-se aprendiz do samba da Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro serão apresentados, discutido e aprofundando no capítulo II desta dissertação

Parece inconcebível pensar em “educação” fora de uma relação hierárquica entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem: os adultos e as crianças. Outras características que nos parecem intrínsecas a qualquer processo educativo são também frutos desse “ethos”: a noção de que a aprendizagem se dá por passos sucessivos e previsíveis; a ideia de progresso na aquisição de conhecimentos, como uma sequência de etapas que devem ser seguidas sem variações; a importância atribuída à escrita e à oralidade para a transmissão de conhecimentos; a abstração dos contextos de prática. (Tassinari, 2009, p.7)

A educação desenvolvida pela Escola de Samba Mirim Aprendizizes do Salgueiro ressalta as múltiplas infâncias que vivenciam o espaço da quadra, dos ensaios, das oficinas. As crianças não são segregadas em “salas” e “espaços educativos”, pelo contrário, com o espaço amplo e multifuncional da quadra, as crianças ocupam posições centrais e mediadoras dos processos de aprendizagem que emergem.

Ressalto o espaço da quadra ser multifuncional pois diferentes grupos e atividades ocorrem simultaneamente. No decorrer das minhas observações no campo vivenciei essa multiplicidade de possibilidades de uso do espaço acontecendo em cantos e locais distintos da quadra. Enquanto na sala da bateria²³, ocorria uma aula da oficina de percussão das crianças, no centro da quadra passistas da Escola Mãe ensaiavam, em um dos camarotes²⁴ uma oficina de maquiagem para adultos acontecia, enquanto no espaço amplo de um outro camarote as crianças da oficina de balé realizavam a sua aula. Adultos, acompanhantes e responsáveis, aguardavam sentados em cadeiras em diversos pontos da quadra as aulas e oficinas finalizarem.

²³ Uma sala ampla dividida em cinco espaços: uma sala maior onde é guardado e realizado a manutenção dos instrumentos da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, uma cozinha com pia, geladeira, armários e fogão, uma sala de estar com sofás, televisão, uma outra sala com armários, mesas e também alguns instrumentos e armário e um banheiro unissex.

²⁴ Espaços em um pavimento alto com vista privilegiada de toda a quadra.



Figura 3 – Quadra do GRCES Acadêmicos do Salgueiro em um dia de ensaio festivo



Figura 4 – Sala da Bateria em um dia de oficina de percussão



Figura 5 – Espaço de um camarote onde ocorriam as aulas da oficina de balé

As fotografias apresentam os espaços da quadra de modo a esclarecerem as diversas funções e ocupações que os mesmos possuem, ressaltando a sua dimensão multifuncional. Exponho ainda que escolhi fotografias em momento de ocupação desses espaços com o intuito de destacar a potência viva desses lugares, descortinando as possibilidades de aprendizado em um espaço que, a priori, não se caracteriza como um espaço de educação.

Nessa fluidez de pessoas que habitam a quadra as relações são construídas e a aprendizagem edificada. Uma aprendizagem que diferente da instituição escola não possui caráter hierárquico. Uma aprendizagem que emergem das relações intergeracionais entre os sujeitos que vivenciam o espaço pesquisado.

No processo investigativo observei que as crianças são mediadoras dos grupos sociais dentro do contexto da Escola de Samba Mirim, sendo produtoras de sociabilidades e de situações de aprendizagem. Nas relações que estabelecem entre si, as crianças desenvolvem processos próprios de aprendizagem e de busca do domínio de repertórios, técnicas e habilidades e as estratégias específicas para transmitir os saberes do samba que dominam de modo a possibilitar e estimular a iniciativa de todos os aprendizes. São conhecimentos e habilidades que só podem ser aprendidos através da experimentação e da participação.

Temos também que fazer um grande esforço para incluir as crianças na categoria das pessoas que “ensinam”, especialmente das que “ensinam coisas relevantes”, mas é isso que gostaria de ressaltar com esses exemplos sobre os contextos não escolarizados de infância indígena. Reconhecer as crianças

como elos importantes dessa corrente do ensino e da aprendizagem indígena é fundamental para repensar algumas premissas do que se entende por “educação” indígena. (TASSINARI, 2009, p.14)

Enaltecer as crianças como protagonistas do processo de aprendizagem, no entrelaçar entre a Educação, a Antropologia e o Samba, implica reconhecer nas crianças, aprendizes do samba, potencialidades de participação social que lhes negamos quando as definimos exclusivamente a partir do modelo de criança/aluna, a partir do ponto de vista de uma educação e aprendizagem escolarizada. O contexto da Escola de Samba Mirim apresenta-se assim como um contexto não escolarizado de educação, à medida que não se estrutura nos termos e organização escolares das instituições de ensino, sendo construídos pelo compartilhar dos saberes tecidos nas relações intergeracionais entre os sujeitos.

Os Aprendizes do Salgueiro aprendem os saberes do ser sambista no cotidiano, nas experiências, no contato com os instrumentos, com a materialidade dos objetos, com as histórias contadas pelos mais velhos oralmente assim como às suas próprias histórias vivenciadas no corpo. Desse modo, as crianças constroem entre si os seus próprios processos de aprendizagem e de busca do domínio de repertórios, técnicas e habilidades e as estratégias específicas para possibilitar e estimular a iniciativa dos aprendizes, compondo o que Tassinari (2015) denomina de pedagogias nativas. A pedagogia nativa construída no contexto da agremiação é envolta por intencionalidades capazes de produzir um determinado tipo de sujeito, no caso investigado, sujeitos sambistas.

Murray et al (2021) ao apresentar o trabalho com as famílias rurais mapuche observa o quanto os processos de aprendizado e de sociabilidade são importantes para analisar e refletir acerca da realidade que acompanham os mapuches em suas infâncias. Neste sentido, as autoras observam como na sociedade investigada a noção de aprendizagem tem relação com a observação e imitação e com a ideia de que as crianças possuem suas individualidades e autonomias,

Essa liberdade para explorar acontece num contexto em que os pais privilegiam a exploração da própria criança. Para os Mapuche, “cada pessoa deve descobrir por conta própria seu próprio jeito de fazer as coisas. Da mesma forma que toda pessoa deve saber qual é a melhor opção para si mesmo/mesma em cada caso” (González, 2012: 270), de acordo com sua própria experiência do mundo. (Murray et al, 2021, p.221)

Assim como Murray et al (2021) observa a importância da observação e da imitação no processo de aprendizagem das crianças mapuche, no campo da presente pesquisa os Aprendizes do Salgueiro ao observarem e imitarem uns aos outros no cotidiano dos ensaios, nas danças, no samba no pé, nos toques dos instrumentos e na maneira como segura-los, evidenciam as formas de apreenderem o sentidos e características do ser sambista na Escola Mirim. A independência e o protagonismos são aspectos fundamentais no processo das crianças serem aprendizes do samba. Nos termos de Murray et al (2021) é a volição dos aprendizes que a permitem com que eles se engajem nas atividades da agremiação mirim.

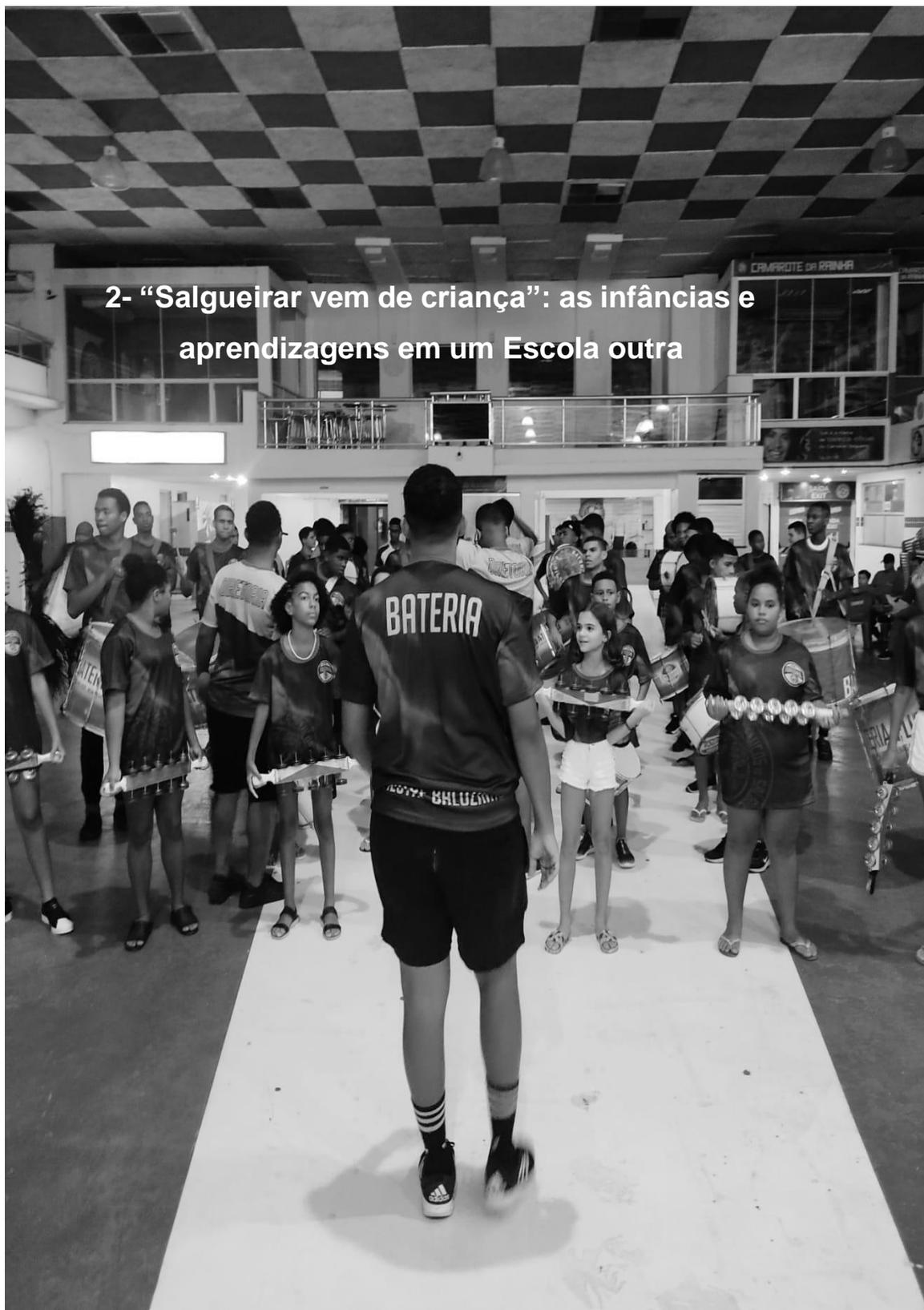
Nessas vias, Tassinari (2009, 2015) e Murray (2021) corroboram para refletirmos sobre o modo como as pedagogias nativas se constroem como o resultado de intencionalidades e sendo capazes de produzir um determinado tipo de sujeito, autônomos no caso de Tassinari, volitivos no caso de Murray, sambistas mirins no caso do campo pesquisado.

Nessa direção, podemos considerar tais formas de aprendizagens a partir das pedagogias nativas carregadas de intencionalidades e propósitos dentro de cada contexto, de modo que estas não são consideradas como aprendizagens escolares, mas não são por isto informais. Tais pedagogias são carregas de uma organização intencional que fomenta a sua formalidade e que corroboram para pensarmos em novas maneiras de relacionar pedagogia, aprendizagem e intencionalidade.

Lave e Weger (1991) que focaliza a iniciativa dos aprendizes como “participação periférica legítima” em direção à sua participação plena e ativa em suas comunidades de prática, compreende o aprendizado enquanto parte integrante da prática social que ocorre de maneira situada. Nesses termos, a Escola de Samba Mirim concebe uma educação centrada na experiência, na atenção aos esforços das crianças de imitação, na ênfase na iniciativa dos aprendizes, na atribuição progressiva de responsabilidade, no aprender fazendo, observando, trocando, compartilhando. Observa-se uma pedagogia própria alicerçada no diálogo, nas interações, na oralidade. Nos termos de Ingold (2010) uma educação da atenção que é construída entre mestres e aprendizes dentro da agremiação, que por meio de uma relação fluida trocam suas funções, ora mestre, ora aprendiz, construindo os saberes, tornando-se ao mesmo tempo em que já são, no presente, sambistas.

(...) mais do que transmissão de informações e representações, é a educação da atenção que permite a continuidade da sabedoria acumulada por gerações: É através de um processo de habilitação (enskilment), não de enculturação, que cada geração alcança e ultrapassa a sabedoria de suas predecessoras. Isto me leva a concluir que, no crescimento do conhecimento humano, a contribuição que cada geração dá à seguinte não é um suprimento acumulado de representações, mas uma educação da atenção.(Ingold,2010, p.7)

A partir da compreensão e do reconhecimento dos processos de aprendizagem que ocorrem para além dos espaços legitimados e escolarizados, no que concerne o lócus da presente pesquisa, podemos transfigurar a máxima conhecida de que “lugar de criança é na escola”, propondo a seguinte frase: “lugar de criança é na Escola de Samba”, de modo a valorizar as relações e construções que as crianças realizam nesse espaço, afastando-se assim de uma visão hegemônica, autocêntrica e hierárquica dos processos de aprendizagem e enaltecendo formas de construção de conhecimentos e saberes para além das formas escolarizadas.



*“Antes de me despedir
Deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final
Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba acabar
O morro foi feito de samba
De samba para gente sambar”
(Edson Conceição e Aloísio Silva)*

O primeiro momento da pesquisa se deteve, num âmbito ampliado, em apresentar os caminhos percorridos para adentrar no campo investigado, assim a construção de todo o referencial teórico que alicerça as ponderações do estudo, defronte a uma interlocução com os autores e saberes do campo da Educação, da Antropologia, do Samba e das Infâncias. Parto agora para um segundo momento, trazendo de forma densa e imersa o local de pesquisa, os sujeitos e as relações que foram construídas no campo. Um desafio, pelos pressupostos da Etnografia, de observar o que as pessoas fazem colocando-me junto delas, nesse caso em particular as crianças, e como fazem, porque fazem, se interiorizando e participando nas práticas locais a fim de compreender o *ethos* desse local, isto é, os sentidos do que se denota a expressão “Salgueirar vem de criança”. Início assim este segundo capítulo rememorando as anotações do diário de campo.

“Na tarde daquele domingo, acontecia o último ensaio na quadra do Aprendizes do Salgueiro na preparação para o desfile de Carnaval de 2022 que se aproximava. A Escola estava repleta de crianças e seus respectivos responsáveis. Os adultos diretores da Escola Mirim, papel o qual eu faço parte, já tinham convidado as crianças para iniciarem o ensaio de modo que elas estavam organizadas em seus lugares. A organização das crianças é pensada para cumprir a ordem do desfile, assim meninos e meninas estavam enfileirados da seguinte maneira: a comissão de frente, o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, as alas, os demais casais de mestre sala e porta-bandeira mirim compostos por crianças menores, as passistas e mais algumas alas. Parada no meio da quadra, na frente do palco estava a bateria e um grupo de meninas que eram a rainha, a princesa e musas mirins, que sambavam na frente dos ritmistas. Enquanto o ensaio acontecia ao som do samba-enredo do ano, os adultos responsáveis pelas crianças aguardavam sentados em cadeiras e mesas de plástico vermelhas espalhadas pelo espaço da quadra. Eu estava caminhando, observando, conversando, brincando com as crianças que cantavam e dançando o samba enredo da Escola, quando ao passar na frente da bateria fui parada por uma menina. Até aquele momento eu achava que ela era uma das passistas mirins da Escola, porém estava enganada. Ela não era

somente uma passista, ela era a princesa da bateria, e somente descobri esse fato pois naquele dia ela me chamou para mostrar sua roupa nova, um vestido vermelho e branco, com pedras e brilhos dourados, a logo da Escola Mirim cravejada de paetês, franjas vermelhas na barra e a sua faixa vermelha, com um bordado em branco escrito seu nome e o seu cargo de princesa da bateria.

Kawany: Olha tia minha roupa nova.

Adriane: Nossa Kawany, que roupa linda, toda brilhosa.

Kawany: Sim, a minha avó que fez. E olha aqui a minha faixa.

Adriane: Princesa da bateria. Caramba que bacana, e como você está se sentindo?

Kawany: Estou feliz tia, é muito legal poder sambar na frente da bateria.

Adriane: Você gosta muito de sambar não é?!

Kawany: Sim tia. E eu quero ser rainha de bateria. Um dia serei! Tenho que me dedicar muito. (Diário de campo, 17/04/2022)

A conversa que tivemos naquele ensaio, me fez refletir sobre a frase que é título do presente capítulo e que também dá nome ao projeto de oficinas da agremiação, “Salgueirar vem de criança”. Destaco que o projeto social foi organizado pela atual presidente da agremiação mirim, tendo seu início no ano de 2020 e sendo paralisado em decorrência da pandemia do COVID 19 que assolou o mundo, retomando efetivamente as atividades em julho de 2022. O projeto é composto por cinco oficinas: percussão, balé, samba no pé, mestre-sala e porta-bandeira voltadas para as crianças que frequentam a agremiação mirim, com exceção da oficina de alegorias e adereços que é voltada para os adultos que frequentam a agremiação. As aulas do projeto ocorrem dentro da quadra, em diferentes espaços como a sala da bateria, camarotes, chão da quadra (na frente do palco), assim como ocorrem em diferentes dias da semana, de modo que, as oficinas de percussão ocorrem as terças e quartas, a oficina de balé e mestre-sala e porta-bandeira aos domingos, a oficina de alegoria e adereços e samba no pé nas terças.

A utilização do termo Salgueirar na denominação do presente capítulo como verbo e também dando nome ao projeto da Escola Mirim é posto como ação, como sentido de ser. Ser salgueiro, ser sambista e ser aprendiz. Toda a polissemia que evoca o termo Salgueirar, aponta para um conjunto de saberes e significados próprios, que emergem no espaço da quadra da Acadêmicos do Salgueiro e consequentemente no contexto da Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro.

A vivência e os interesses das crianças no espaço da agremiação despontam o desejo da menina em se tornar rainha de bateria, evidencia os sentimentos e os saberes que se relacionam com o movimento de tornar-se sambista, “*um dia serei rainha da bateria, tenho que me dedicar muito*”. Uma interlocução entre presente e futuro que nas linhas que se seguirão serão apresentados, de modo a levar à reflexão crítica acerca dos processos participação e aprendizagem dos conhecimentos do universo do samba, no contexto de uma Escola que é outra e que possibilita modos e relações de aprendizagens próprios.

Nessa direção, detenho-me no presente capítulo em apresentar todo o contexto histórico da fundação do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, destacando as narrativas orais dos meus interlocutores de pesquisa que contam e que carregam em suas memórias e em seus corpos a história da agremiação. Destaco as relações estabelecidas entre a Escola Mirim e a Escola Mãe Acadêmicos do Salgueiro, apresentando as questões hierárquicas e políticas que se manifestam na relação de dependência existente entre a agremiação Mãe e a agremiação mirim, e evidencio os processos de aprendizagens observados ao longo da etnografia, que ocorrem no *lócus* da agremiação mirim, no qual as crianças, enquanto aprendizes do samba, aprendem na prática cotidiana e por meio das relações intergeracionais os saberes do samba, produzindo, nos termos de Tassinari (2015), uma pedagogia nativa, isto é, uma pedagogia da Escola de Samba Mirim.

Compreendo assim a Etnografia construída na presente pesquisa como uma filosofia do conhecimento, que possibilitou a organização de insumos históricos da agremiação pesquisada e também do carnaval mirim, contribuindo para a construção de saberes locais com e sobre as crianças do Aprendizes do Salgueiro. Conforme pontuando anteriormente, a escrita etnográfica me coloca em outra posição de sujeito na pesquisa, deslocando-me dos modos mais tradicionais de produção de conhecimento para dar ênfase aos sujeitos, seus saberes dentro de um contexto local, me relacionando com meus interlocutores e participando ativamente do campo investigado. Entendo que escrever uma Etnografia é interpretar e compor uma escrita de tudo aquilo que, eu e os sujeitos, significamos em campo e no processo. Pontua-se que os atravessamentos e alinhamentos vão sendo agora colocados no papel de modo a buscar compreender as relações que emergem do contexto da Escola Mirim pesquisada.

A cada ensaio com as crianças, a cada dia de oficina do projeto, eu aprendia como é realizar uma pesquisa antropológica: surpreendente, por vezes conflituosa, emocionante e acima de tudo verdadeira pois se relaciona com a existência de pessoas reais, e especificamente na presente pesquisa se relaciona com as crianças aprendizes do samba.

2.1- Um dia na Aprendizizes do Salgueiro: Que Escola é essa?

A Escola de Samba é um local vivo e dinâmico, é um espaço vivenciado, feito de e com pessoas. Espaço de interlocuções, criações, manifestações, sociabilidades. Local repleto de trocas entre os sujeitos que o frequentam, que a admiram e que a vivem ao longo de todo ano. São adultos e crianças que circulam na quadra, que torcem, dançam, encantam e se encantam pela arte do samba e pela Escola de Samba em toda sua pluralidade.

Para compreender a explosão desse pulsar de sentimento que envolve adultos e crianças de diferentes idades e grupos sociais, se faz necessário adentrar no universo de relações que ocorrem dentro da Escola de Samba. Vivenciar um dia no Aprendizizes do Salgueiro é observar e participar de uma série de movimentos e acontecimentos onde as crianças são autoras e protagonistas, reconhecendo-as como informantes privilegiadas de seus modos de ser aprendiz. São diversas atividades que ocorrem simultaneamente no espaço da quadra com a participação das crianças. Tal participação evidencia as características próprias do contexto pesquisado. Duarte (2020) ressalta que

Pensar sobre o lugar ocupado pelas crianças na Escola de Samba, passa por entender esse ocupar perpassado pela posição da criança que participa desse contexto, e constitui-se por um espaço de educação, ocupando um lugar também organizado para e por elas, num processo engendrado na própria história e organização da Escola de Samba e na cultura local de comunidades específicas. (Duarte, 2020, p.61)

Um dia no Aprendizizes do Salgueiro infere atentar aos lugares ocupados pelas crianças dentro da agremiação mirim. Uma inserção inicial ao campo que não é tão inicial assim defronte à minha vivência e presença no espaço da quadra como ritmista da Escola Mãe em decorrência dos ensaios da bateria adulta. Escolho

assim, apresentar um dia no Aprendizes do Salgueiro, revelando os movimentos, momentos e interações que ocorrem na quadra. Trago trechos das notas do diário de campo, diálogos e fotografias que corroboram para a compreensão desse local, das relações estabelecidas e das dinâmicas da Escola de Samba Mirim.

“A quadra nos dias de ensaios do Aprendizes do Salgueiro fica repleta de crianças de diferentes idades e seus respectivos responsáveis. Encontro um cenário completamente diferente do que sou acostumada. Conheço a estrutura total da quadra pois os ensaios da Escola Mãe ocorrem às quintas-feiras, enquanto os ensaios do Aprendizes ocorrem aos domingos e chegando mais próximo do carnaval passam a ser também às quintas-feiras antes do ensaio da Escola Mãe. Contudo, tenho um olhar totalmente diferente quando chego na quadra aos domingos e encontro as crianças aguardando o início do ensaio. Observei que durante a espera, as crianças brincam de pique, de correr, outras ficam sentadas próximos aos seus respectivos responsáveis mexendo no celular. Adentro a quadra e procuro uma das diretoras. Atravessando o centro da quadra cumprimento as crianças com sorrisos, algumas ao me reconhecerem correm para me abraçar, vira e mexe alguém me pergunta “tia, vai ter cachorro-quente? ”, o lanche após o ensaio é um atrativo para a presença das crianças. Busco então encontrar alguma das diretoras para saber em que posso ajudar na organização. Encontro Renata, uma das diretoras da agremiação mirim e responsável pela bateria, ela está organizando algumas fichas de inscrição das crianças. Pergunto se ela precisa de alguma ajuda naquele momento de organização da documentação, com a sua negativa me direciono a sala da bateria, de onde escuto o batuque de alguns instrumentos. Entro na sala e encontro os ritmistas da bateria mirim. Observei que as crianças da bateria ao chegarem na quadra caminham logo para a sala de bateria e já começam a tocar seus instrumentos e a conversarem, enquanto as outras crianças componentes de alas e passistas brincam e conversam no espaço da quadra. É notório que os ritmistas mirins sentem o espaço da sala da bateria como um local deles. Somente o grupo se reúne no espaço, enquanto as demais crianças brincam no espaço da quadra (...). Após alguns minutos de espera e com a chegada da presidente da agremiação mirim o ensaio se inicia. Crianças e adultos pulam, sambam e cantam o samba que será entonado no desfile de 2022 por cerca de 30 minutos. Passista e musas dançam, conversam, mostram suas roupas (em grande maioria repletas de brilhos dourados e vermelhos e franjas vermelhas) umas para as outras. O primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira rodopia pela quadra sendo observados pelos casais mais novos, que atentos observam e em seguida se apresentam para o público presente. (...) Ao final do ensaio as crianças são organizadas em filas para pegarem o lanche que é constituído por um cachorro quente e um guaraná natural. Observo que o lanche ofertado pela agremiação faz sucesso entre as crianças que muitas vezes pedem para repetir (...). Os ritmistas novamente voltam para a sala da bateria para guardar os instrumentos. Após todas as crianças pegarem seus lanches percebo que a quadra vai esvaziando. E aos poucos o barulho das gargalhadas, falas, corridas, brincadeiras, do samba cantado e tocado pelas crianças vai dando espaço para silêncio e somente o som das vozes das

diretoras e diretores organizando as cadeiras que foram utilizados no ensaio ressoa pela quadra. ” (Diário de campo, 24/02/2022)



Figura 6 - Ensaio da bateria mirim

O relato destacado apresenta um trecho das observações realizadas em um dia de ensaio do Aprendizes do Salmgueiro. Nos ensaios muitos movimentos ocorrem simultaneamente, e o exercícios de estar atento a tudo se configura como um desafio e um grande esforço no percurso etnográfico. Por vezes focalizei nos meus registros a bateria mirim, acredito que por uma afinidade maior em decorrência de também ser uma ritmista. Em outros momentos precisei me ausentar da relação com as crianças para buscar algo solicitado pelos adultos, como por exemplo a caixa de guaraná natural que estava em uma sala na parte de externa da quadra. Contudo, ressalto que no decorrer do trabalho de campo perpasssei todos os grupos da agremiação mirim, buscando observar atentamente a forma como as crianças evidenciavam o que ao longo da pesquisa compreendi sendo os sentidos de ser um aprendiz do samba.

Ademais, no que concerne à dimensão temporal da pesquisa, pontuo que o trabalho de campo na agremiação iniciou no dia 21 de novembro de 2021, com a ida ao meu primeiro ensaio da agremiação e foi finalizado no dia 21 de fevereiro de 2023, na realização do desfile do carnaval do mesmo ano. Salienta-se que o carnaval de 2022 foi adiado, ocorrendo tardiamente no mês de abril do mesmo ano, em decorrência das incertezas e consequências postas pela pandemia que o mundo

vivenciou, a COVID 19. Dessa maneira, o percurso investigativo foi envolto de idas e vindas, chegadas e saídas, pausas e retornos, defronte ao calendário atípico do carnaval e também as características temporais do ciclo carnavalesco.

Peirano (1995) pondera que a pesquisa de campo pressupõe uma hierarquia, de modo que ou a pesquisa é aceita pelos nativos, ou não há pesquisa etnográfica. Dessa maneira, o trabalho de campo foi vivido inicialmente no processo de ser aceita pelo grupo de crianças aprendizes para o carnaval do ano de 2022 assim como os interlocutores adultos que participam e compõem a agremiação mirim. Concluído o ciclo carnavalesco de 2022, o trabalho de campo foi atravessado por um outro marco temporal que possibilitou a participação em todo processo de construção e organização do carnaval do ano de 2023.

O trabalho de campo é uma vivência, ou seja, mais do que um puro ato científico, como talvez pudesse ser um trabalho de laboratório, no caso de um psicólogo experimental, ou a pesquisa de gabinete de um economista. O trabalho de campo, a pesquisa antropológica, para mim, é uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem e realizam. (BRANDÃO, 2007, p. 12)

Vivenciei não somente um dia no Aprendizes do Salgueiro, mas sim meses, participando de diversos momentos, dos ensaios aos desfiles. Foram construídas relações, produzidos conhecimentos e afetos. A cada dia de ensaio, a cada encontro com as crianças pude apreender e conhecer os processos que constituem a Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, contudo uma questão me perpassava a todo momento, como começou tudo isso? Como as crianças ganharam protagonismo? Como começa a história do Aprendizes do Salgueiro?

2.1.1 A história viva narrada em memórias... como começa o Aprendizes do Salgueiro?

Apresentar a criação e fundação da Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro infere conhecer uma história que é encontrada nos registros documentais, fotográficos e fonográficos e também que é narrada pelos meus interlocutores de pesquisa, entrecruzando o passado, o presente e o futuro.

No contexto do espaço da quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro esse movimento vívido de pessoas ressoa nos ensaios, nos eventos, nos desfiles. Um espaço de sociabilidades, de encontros de diversos grupos sociais, uma legião de apaixonados pela agremiação. Natal (2014) em sua dissertação intitulada “Cultura e memória na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro”, expressa que:

O G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro possui representação significativa de torcedores que, ano a ano, lotam as arquibancadas e agitam bandeiras para ver a escola desfilar; ou ainda, lotam as quadras nos ensaios de fim-de-semana – geralmente nos dias de Sábado – e ensaios técnicos de rua, quando já próxima a data do desfile principal. Todos esses fatores considerados constroem a visão proposta do Salgueiro como um espaço de convivência entre muitos grupos sociais. (Natal, 2014, p.22)

Nessas vias, para compreender o processo histórico de construção da agremiação, começo por rememorar a história da Escola destacando uma conversa entre o senhor Orelha²⁵, ritmista antigo na Escola Acadêmicos do Salgueiro, com duas crianças da oficina de percussão do projeto “Salgueirar vem de criança”, Bernardo e Otávio, durante uma visita do grupo de crianças realizada no ensaio da bateria da Escola Mãe.

“Bernardo: Eu tenho uma pergunta. Por que o nome é Acadêmicos do Salgueiro.

Otávio: É porque é academia do samba.

Orelha: Também, mas vocês sabem como se deu esse nome? Foi lá no morro! Lá tinham duas escolas. Uma era azul e branco, outra verde e branco. Mas elas não ganhavam nada no carnaval, então resolveram se juntar. Ai no dia 5 de março de 1953 nasceu a Acadêmicos do Salgueiro. Entenderam? Ta vendo só, agora vocês sabem o porquê do nome.” (Diário de campo, 10/11/2022)

²⁵ Importante interlocutor da pesquisa, já apresentado no capítulo I, o senhor Orelha é hoje um dos ritmistas mais antigos da bateria Furiosa da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. É diretor de bateria e também realiza a manutenção dos instrumentos



Figura 7- Visita dos aprendizes no ensaio da Escola Mãe

A conversa entre Orelha e as crianças evidencia um encontro de gerações distintas que fazem parte da história tanto do Salgueiro quanto do Aprendizes do Salgueiro. Orelha, um senhor de 79 anos e dois meninos de 7 anos, através da vivência e experiência do mais velho e da curiosidade dos mais novos trocam conhecimentos e aprendem juntos, construindo mais um pedaço da história que começou no dia 05 de março de 1953, no morro do Salgueiro na cidade do Rio de Janeiro.

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, conforme pontuado pelo interlocutor da pesquisa, o senhor Orelha, nasce da união de duas Escolas de Samba existentes no morro do Salgueiro, localizado no bairro da Tijuca. Ambas as Escolas foram organizadas pelos moradores que habitavam a região do morro, a Unidos do Salgueiro e a Azul e Branco do Salgueiro, de modo que a primeira quadra de ensaios da agremiação ficava localizada em uma das subidas do morro do Salgueiro. Na década de 1970, a quadra da agremiação foi transferida do morro para o asfalto. Barros (2016) coloca que no ano de 2012 o *website* da

agremiação continha uma subseção denominada quadra que trazia algumas informações sobre a mudança da sede do morro para o centro do bairro.

O texto explicava que a partir dos anos 60, a frequência de público nas atividades da sede cresceu exponencialmente ao ponto dos organizadores da escola optarem pela transferência do morro para um ponto de fácil acesso e com melhores instalações. No caso, o novo ponto escolhido foi o clube Maxwell, na rua de mesmo nome que fica nas fronteiras dos bairros da Tijuca, Andaraí e Vila Isabel (Barros, 2016, p.39)

Nota-se que a mudança da localização da quadra do morro para o asfalto ocorreu por uma série de questões políticas e sociais, fato este que não irei me debruçar na presente pesquisa decorrente da sua grande complexidade. Ressalto, porém, a importância de destacar as mudanças do local da quadra da Acadêmicos do Salgueiro, pois corrobora para a compreensão de quem são, atualmente, as crianças que estão e ocupam a Escola Mirim.

Dessa maneira, conforme pontua Barros (2016) primeiramente a quadra da agremiação foi transferida do morro do Salgueiro para o clube Maxwell, e somente a partir de 1976 que a Acadêmicos do Salgueiro deixou de realizar seus ensaios no clube e passou a ocupar o local em que está até hoje, a quadra localizada na rua Silva Teles, número 104, no bairro do Andaraí, na grande Tijuca.²⁶

Atualmente o espaço da quadra é ocupado por um público amplo e variado, desde componentes da agremiação que se dedicam o ano todo trabalhando em diferentes frentes dentro da Escola até admiradores e fãs que participam das festividades e frequentam a quadra esporadicamente. Gonçalves (2003) ressalta tal participação ao destacar as associações construídas entre as pessoas dentro do contexto da Escola de Samba.

As escolas de samba podem ser entendidas como associações que inicialmente se restringiam a relações primárias, envolvendo pessoas que se conheciam entre si. Ao longo do tempo tornaram-se associações formadoras de redes sociais que incorporam estranhos, cujo objetivo final seria a distribuição de bens baseada em critérios amplos de justiça, ou seja, critérios que vão mais além dos locais, característicos das associações onde predominam os laços de amizade, vizinhança e parentesco. (GONÇALVES, 2003, p.25).

²⁶ É a área chamada pela administração municipal do Rio de Janeiro que pertence às VIII e IX regiões da cidade e engloba os bairros da Praça da Bandeira, Maracanã, Tijuca, Andaraí, Vila Isabel, Alto da Boa Vista e Grajaú.

No que tange a participação das crianças no espaço da quadra da Acadêmicos do Salgueiro, nota-se que desde a fundação da Escola Mãe, elas estão presentes seja acompanhando os seus responsáveis, seja na participação na antiga ala das crianças e posteriormente a participação na agremiação mirim.

Barros (2016) em sua pesquisa apresenta a trajetória, a história e a relação de diferentes componentes da escola Acadêmicos do Salgueiro com a agremiação, evidenciando que seus interlocutores tiveram seus primeiros contatos com a Escola de Samba ainda crianças, na ala mirim chamada “Moleque é tu”, organizada na época pela Tia Fia, mãe do então mestre de bateria Louro, que comandou ao longo de 30 anos o conjunto de ritmistas da bateria da Acadêmicos do Salgueiro. Barros (2016) ressalta:

Da mesma maneira que Jô, Marcão narra que suas primeiras experiências na escola se deram de dois modos. A primeira é a participação em uma ala composta somente por crianças, chamada ‘Moleque é Tú’ organizada por Tia Fia, mãe do antigo mestre de bateria. A segunda experiência é a participação da escola de samba mirim ‘Alegria da Passarela’ que anos mais tarde passou a ser chamada de ‘Aprendizes do Salgueiro’. (Barros, 2016, p.138)

Nos anos 80, Louro contribui para a fundação da escola de samba mirim (voltada somente para crianças e jovens) Alegria da Passarela. Tempos depois, a escola mirim do Salgueiro se tornaria a Aprendizes do Salgueiro, nome que manteve até 2012. A mãe de Louro Dona Fia também é apresentada nas narrativas como uma figura responsável por introduzir crianças na escola de samba. Segundo os ritmistas, foi através dela que tiveram acesso à escola. (Barros, 2016, p.362)

Na busca por documentos e registro escritos que trouxessem a narrativa histórica dos processos fundação, mudanças e vivências da Escola Mirim Alegria da Passarela fundada em 1984, e logo depois, em 1989, a fundação da Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, entrei em contato com o setor de Direção Cultural da Escola Acadêmicos do Salgueiro, setor este responsável por resguardar a memória da história da agremiação, contudo, fui informada pelo atual diretor do departamento que o setor não possui nenhuma fonte ou arquivo que pudesse ser consultado. Então o mesmo diretor me indicou um nome de uma pessoa para que eu pudesse conversar e compreender toda a história e trajetória da agremiação mirim, até o momento da presente pesquisa.

Desse modo, na busca por traçar o percurso de construção da agremiação mirim evidenciando as mudanças que ocorreram ao longo dos anos apresento as

narrativas e versões dos meus interlocutores da pesquisa que se configuram como a história viva da agremiação mirim. São narrativas, momentos e vivências marcadas em suas memórias e corpos que nos dão indícios acerca da fundação da agremiação mirim como veremos nas linhas que se seguirão.

2.1.2- Buscando a história da agremiação mirim nos registros escritos: a ida ao barracão da Escola Mãe

Em busca de encontrar materiais escritos que corroborassem com a pesquisa, combinei com a minha interlocutora Tia Glorinha uma ida ao barracão do Salgueiro, pois ela tinha me informado que existiam algumas caixas com materiais do Aprendizes guardadas lá. Tia Glorinha, assim como Orelha, é uma interlocutora essencial na presente pesquisa. Uma senhora com pouco mais de 70 anos de idade, baixinha, atual vice-presidente da agremiação mirim, trabalha de modo formal no barracão da Escola Mãe na construção do carnaval do Acadêmicos do Salgueiro.

Evidencio que o barracão de uma Escola de Samba é uma edificação como um grande galpão, fora da sede da agremiação, no qual em seu interior são confeccionados os carros alegóricos, aviamentos, adereços e fantasias para o desfile no carnaval. Além da parte de construção dos elementos carnavalescos, há também no espaço de salas administrativas e de reuniões. Os barracões das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro ficam localizados na chamada Cidade do Samba²⁷, localizada no bairro da Gamboa, na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro.

“Combinamos o dia da minha ida ao barracão, nos encontraríamos na tarde de uma sexta feira. Na porta de entrada do barracão estava sentado o porteiro, fiquei aguardando a chegada da Tia Glorinha para a liberação da minha entrada. Era necessário aguardar a liberação de entrada pois dentro do barracão estão sendo montados os carros alegóricos do Salgueiro para o carnaval de 2023. Toda preparação é sigilosa. O barracão estava tomando por trabalhadores que soldavam, serravam, lixavam e pintavam os carros. Uma multiplicidade de cheiros pairava no ar, cheiro de tinta, cola, madeira sendo cortada,

²⁷ A Cidade do Samba é um espaço, localizado na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, que concentra os barracões. O espaço foi inaugurado em fevereiro de 2006 e cedido á Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Liesa).

cheiros estes característicos da montagem de um carnaval. Ao encontrar a Tia Glorinha, nos dirigimos a uma sala ampla, com armários brancos grandes, repletos de pastas e caixas. Tia Glorinha começou a abrir as portas dos armários procurando uma caixa de papelão.

Tia Glorinha: Iih, essa pasta aqui é do Salgueirão, ta muito chique. O nosso tá numa caixa de papelão mesmo.

Adriane: Essa aqui Tia Glorinha?

Tia Glorinha: Isso minha filha, essa mesmo, vou puxar. Eu organizei, tem mais caixa por ai, vou achar.

Adriane: Caramba Tia Glorinha, quanta ficha de inscrição. Essas crianças devem ser adultas agora. Essa daqui é de 2005.

Tia Glorinha: Sim minha filha, tanta gente já passou por mim nesse tempo de Aprendizes viu. Eu vou nas Escolas coirmãs, ai sempre vem alguém para falar comigo, me abraçar. Tem mestresala, porta-bandeira, passista, interprete. Tanta gente já passou por aqui.

Adriane: Nossa, é muita história né Tia Glorinha. Será que aqui tem algum documento da fundação do Aprendizes?

Tia Glorinha: Não sei minha filha. Tem que procurar. Tem muita ficha.

Adriane: Achei aqui a organização do desfile de 2006, posso tirar foto?

Tia Glorinha: Pode minha filha. Antigamente a Aprendizes era luxo. Olha aqui os desenhos das fantasias. Agora ta bem fraquinha. Mas já passou muita gente boa pela gente. Agora eles estão ai no carnaval. ”

(Diário de campo, 04/11/2022)

Entre fichas e mais fichas de inscrição, com documentos referentes aos anos de 2005 a 2010, não encontrei nenhum documento que apresentasse o registro da fundação da agremiação mirim. Tia Glorinha contou que está na Escola desde a chamada época da Alegria da Passarela, com o mestre Louro, tendo vivenciado todas as mudanças e transformações que ocorreram na Escola Mãe e também na Escola Mirim. Segundo ela, tudo começou com a Escola Mirim Alegria da Passarela em 1983, quando as crianças abriram o desfile de carnaval daquele ano, depois a agremiação virou Aprendizes do Salgueiro. Tia Glorinha ressalta que muitos adultos que hoje estão no mundo do samba, sendo grandes nomes e participando de outras Escolas de Samba, passaram pelo Aprendizes do Salgueiro.

Percebe-se que as narrativas, interpretações e percepções que são construídas e reconstruídas na fala de Tia Glorinha contribuem para compreendermos como a participação das crianças na agremiação mirim e os saberes apreendidos contribuem para que posteriormente elas sigam no mundo do samba como sambistas. A narrativa apresentada também revela uma versão da fundação da Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro. A seguir exponho a narrativa apresentada por outro importante interlocutor no processo de escavação e descoberta da maneira como iniciou a agremiação mirim.

2.1.3- Departamento Cultural: buscando os registros da história da agremiação mirim

Retomando ao diálogo com o Departamento Cultural, em contato com o atual diretor do setor da Escola Mãe com o objetivo de buscar alguma fonte documental que de algum modo contasse a história e memória do Aprendizes do Salgueiro fui informada da inexistência desse material. Contudo, recebi o nome de uma pessoa que se tornaria um novo interlocutor importante na construção e compreensão do percurso histórico a agremiação mirim, o nome de Leonardo Bessa.

Seguindo a sugestão do diretor do Departamento Cultural entrei em contato com o Leonardo Bessa, lançando então uma nova estratégia no percurso investigativo. Utilizei desse modo o meu papel de pesquisadora e também de ritmista para entrar em contato com o novo interlocutor. Me apresentei como pesquisadora e ritmista da bateria Furiosa, Bessa prontamente se colocou à disposição para me ajudar a contar a sua versão da história do Aprendizes do Salgueiro. Em nossa conversa, foi descortinado como foi fundada a Escola Mirim, à medida que, Bessa relatou que na realidade a Escola Mirim Alegria da Passarela não “virou” Aprendizes do Salgueiro.

“Na conversa que tivemos, Leonardo Bessa pontuou que Escola Alegria acabou entre abril ou maio de 1989, e então a sua mãe que fazia parte da Alegria, conversando com seu Miro Garcia²⁸ convenceu ele a ter a Escola Mirim do Salgueiro. De acordo com

²⁸ Presidente do Acadêmicos do Salgueiro no ano de 1989.

Bessa, a Escola Alegria não era a Escola Mirim do Salgueiro, mas sim de Osmar Valença, um dos ex-presidente do Acadêmicos do Salgueiro que teve as suas atividades encerradas entre abril e maio de 1989. De acordo com Bessa, sua mãe conversando com Miro Garcia convenceu ele a fazer a Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro, de modo que sua mãe foi a fundadora da agremiação mirim, sendo a primeira presidente” (Notas do diário de campo, 07/11/ 2022)

De acordo com a narrativa apresentada por Bessa, não ocorreu a transformação da primeira Escola Mirim Alegria da Passarela em Aprendizes do Salgueiro, mas sim a construção da última pela sua mãe. Desse modo, o interlocutor evidencia que são duas agremiações distintas, sendo a sua mãe, conhecida como Tia Mirtes a primeira presidente do Aprendizes do Salgueiro, ficando nesse cargo do ano de 1989 até o ano de 1999.

Lopes (2019) em sua tese de doutoramento investiga o processo de construção e transformações vivenciadas pelas Escolas de Samba Mirins evidenciando as relações entre a educação e o espetáculo que no decorrer dos anos modificou a organização e atuação das agremiações. Ao destacar o processo de fundação da Escola Mirim Alegria da Passarela, a autora coloca que:

Quando em 1985, Osmar Valença funda a escola mirim Alegria da Passarela, ele afirmava que seu objetivo era o de “ensinar a desfilar”. Ele intuía a necessidade de formação de novas gerações de sambistas com foco nos desafios técnicos e artísticos que a nova estrutura montada - o Sambódromo - exigia de seus dirigentes e integrantes. A escola de samba mirim participou somente por apenas quatro anos dos desfiles. (Lopes, 2019, p.99)

A investigação de Lopes (2019), que também teve Leonardo Bessa como interlocutor, corrobora para a compreensão dos processos anteriores a fundação da Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, ao destacar, conforme a narrativa de Bessa apresenta, que após o fim da Escola Mirim Alegria da Passarela Tia Mirtes assumiu o compromisso de manter o projeto mirim, fundando assim o Aprendizes do Salgueiro.

Após quatro anos de existência da escola de samba mirim Alegria da Passarela, Osmar Valença decidiu não mais continuar com o projeto da escola. De acordo com Leonardo Bessa (ex-Leonardo Alegria, intérprete da Alegria da Passarela), devido a problemas de saúde e alegando cansaço, o presidente decidiu não mais continuar com a escola de samba mirim, que cumpriu seu último desfile no Projeto Aleluia, realizado pela Riotur, no

sábado de aleluia, na avenida Atlântica, em Copacabana. Mas nem tudo foi perdido(...) No último ano de existência da escola mirim Alegria da Passarela, o G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro cedeu sua quadra para os ensaios da agremiação mirim, e esta aproximação foi muito proveitosa. Tia Mirtes Rodrigues, mãe de Leonardo Bessa, uma das diretoras do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro, e também diretora atuante na escola Alegria da Passarela, conquistou da presidência da escola adulta o compromisso de manter o projeto, mas criando uma outra escola mirim vinculada à agremiação, que veio a se chamar Aprendizes do Salgueiro, em 1989. (Lopes, 2019, p.105)

Um fato significativo que deve ser destacado é participação familiar que ocorre de forma intensa dentro do contexto da Escola de Samba em geral, e especificamente na agremiação mirim. Tia Mirtes é a mãe de Leonardo Bessa, interlocutor este que já atuou em várias frentes dentro do Aprendizes do Salgueiro sendo cantor, compositor e presidente. A sua mãe foi a fundadora e ao longo de dez anos foi a presidente da agremiação. No campo da minha pesquisa, durante a observação participante, conheci Luan Bessa, filho de Leandro e neto de Tia Mirtes. Luan é o atual interprete da agremiação mirim, cantando o samba e animando as crianças desfilantes nos ensaios e no desfile.

Ribeiro (2009) coloca que a participação conjunta de pais e filhos na construção e na participação do carnaval é uma recorrência nas escolas de samba, ressaltando que se nem sempre esse fato foi uma regra escrita, muitas vezes a convivência na mesma vizinhança ou a aproximação com a escola se davam de uma maneira lúdica. Ressalta-se que a história do Aprendizes do Salgueiro se constrói perpassando a história de várias famílias que fizeram e ainda fazem parte da agremiação mirim.

A história viva do Aprendizes do Salgueiro é gravada na memória, no corpo e narrada pelos meus interlocutores traça o percurso histórico da agremiação mirim. Evoca-se sentimentos, afetos, recordações, ressignificações. Expõem-se conflitos, contextos de disputas e adversidades que se entrelaçam com a história da Escola Mãe Acadêmicos do Salgueiro. Na investigação e pesquisa pela construção e compreensão da trajetória da fundação até o momento atual da agremiação mirim, foi valoroso poder escutar as diferentes perspectivas, as experiências vividas por cada interlocutor e as suas ressignificações, à medida que, foram as experiências do passado que delinearam e traçaram as marcas no presente.

Através dessas narrativas contadas e lembradas, meus interlocutores operam valores e sentidos a partir de seus personagens, episódios e conflitos. Desse modo, não me interessa aqui buscar a veracidade do que de fato aconteceu no processo de fundação da Escola Mirim, mas sim o sentido simbólico, sensível e os valores que as situações narradas pelos personagens condensam e que colaboram significativamente para o desvelar do processo do tornar-se um aprendiz do samba.

2.1.4- Associação das Escolas de Samba Mirim do Rio de Janeiro (AESMRIO): uma fonte de descobertas

Prosseguindo na busca por encontrar fontes que fundamentassem o presente estudo no que concerne à compreensão acerca do contexto de criação e fundação do Aprendizes do Salgueiro, fui apresentada pela presidente do Aprendizes do Salgueiro a Associação das Escolas de Samba Mirim do Rio de Janeiro (AESMRIO).

A AESMRIO foi fundada em 2002 e tem o objetivo de chancelar as Escolas de Samba Mirins como projetos socioeducativos, voltados para o desenvolvimento das atividades que norteiam a educação e cultura vislumbrando a profissionalização dentro do mundo do carnaval. A entidade é responsável pela organização e elaboração dos desfiles mirins e desde o ano de 2009 elabora a Cartilha Revista do Samba, uma revista impressa e eletrônica que apresenta os enredos que serão apresentados pelas agremiações mirins em seus respectivos desfiles, além de informações e notícias acerca do universo do samba e das Escolas de Samba. Segundo a AESMRIO:

“As crianças e os jovens que compõem as escolas mirins desenvolvem um importante papel para salvaguardar da tradição e da identidade afro-brasileira contida no fazer do samba e no cotidiano das escolas como patrimônio imaterial brasileiro, na formação de plateia consciente de seu papel na sociedade”
(Cartilha Revista do Samba, p.20, 2013)

Tendo o compromisso ético com a função social, cultural e educacional da arte como um todo e principalmente a arte do samba cujo produto final é o carnaval a AESMRIO objetiva fazer “o carnaval mirim uma perspectiva de aprendizagem

que encaminhe crianças e adolescentes para um futuro profissional, propiciando a preservação da memória cultural da cidade e de suas comunidades. ” (Cartilha Revista do Samba, p.13, 2017). Nota-se o compromisso com o âmbito educacional e com a aprendizagem de saberes não escolares, especificamente os saberes do universo do samba. Desse modo, o carnaval é pensado pela entidade como uma ferramenta de ensino, não seguindo os moldes do carnaval dos adultos, de caráter competitivo, mas como veículo de formação e aprendizado das crianças.

Evidencio que a cartilha elaborada pela entidade possibilitou encontrar insumos históricos que tecem narrativas acerca do contexto inicial de fundação do GRCEM Aprendizes do Salmgueiro. O levantamento das informações na análise e leitura das revistas do período correspondente ao ano de 2009, ano da primeira edição, até o ano do último desfile mirim no carnaval de 2023, possibilitaram a compreensão dos processos históricos e de construção do carnaval mirim, assim como elucidções acerca da constituição inicial do Aprendizes do Salmgueiro.

Em matéria apresentada na Cartilha Revista do Samba no ano de 2015, Arleson Rezende, redator, pesquisador e colaborador da revista, destaca que a Alegria da Passarela e o Aprendizes do Salmgueiro são escolas diferentes apesar de inúmeras comparações e confusões serem feitas pelas pessoas com relação as agremiações.

“Duas Escolas de Samba Mirim completamente distintas, em tempos e realidades diferentes. A verdadeira origem da Alegria da Passarela e do Aprendizes do Salmgueiro, ainda é confundida e muito discutidas nas rodas de conversas entre os admiradores do carnaval. Há quem afirme que o Aprendizes do Salmgueiro é uma continuidade da Alegria da Passarela. Alguns aspectos as tornam tão próximas só pelo fato dos envolvidos terem fortes ligações com o Acadêmicos do Salmgueiro. (...) não se pode afirmar que o Aprendizes são oriundos da Alegria. Mesmo com a comparação entre as duas escolas, notam-se algumas diferenças entre elas. A Alegria da Passarela realizava seus ensaios no Clube Maxwell, além de ter em seu pavilhão símbolos como os Arcos da Apoteose e a bandeira branca com as cores do arco íris. Fundada por Osmar Valença, a Alegria da Passarela tinha por objetivo ser uma opção de lazer para as crianças da Tijuca, Andaraí e Vila Isabel, ao mesmo tempo dar uma formação de sambistas e servir como fonte de renovação formando talentos para o carnaval. (...) Enquanto o Aprendizes do Salmgueiro repete o pavilhão da sua escola mãe, nas cores vermelho e branco. (...) O GRCEM Aprendizes do Salmgueiro, foi fundada por Dona Mirtes no ano de 1989. Já envolvida com a escola de samba mirim e diretora da Escola de Samba Acadêmicos do Salmgueiro Dona Mirtes decidiu consultar Miro Garcia, patrono do Salmgueiro, a respeito de fundar a escola mirim que

representasse a agremiação. Com a aprovação e apoio do patrono, no dia 03 de outubro de 1989, na sala de sua casa foi fundado o Aprendizes do Salgueiro” (Revista Cartilha do Samba, p.41, 2015)



Figura 8 - Bandeira do GRCEM Aprendizes do Salgueiro



Figura 9 - Bandeira do GRES Alegria da Passarela

Conforme podemos observar, a descrição apresentada na Revista Cartilha do Samba pela AESMRIO acerca da fundação da Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, vai de encontro com as ponderações postas pelo interlocutor de pesquisa Leonardo Bessa, apresentado anteriormente. Evidencio que a pesquisa etnográfica, possibilita o fluir do caminhar investigativo, não sendo regido por uma lógica temporal linear. Pondero tal questão, posto que, somente encontrei as informações fornecidas pela revista, após os diálogos e interações terem sido tecidos com os meus interlocutores de pesquisa, a Tia Glorinha e o Leonardo Bessa. Novamente ressalto que no presente estudo não objetivo atestar e investigar a veracidade dos fatos narrados, mas sim apresentar as diferentes versões e narrativas que perpassam e constituem a agremiação mirim e que contribuem para a compreensão dos modos de ser aprendiz do samba resgatando as heranças de sua história.

2.1.5- A quadra e a Aprendizes do Salgueiro: o conhecido desconhecido

No percurso da escrita etnográfica, as ponderações emergem de acordo com as demandas que o campo investigado suscita. Nesse sentido, faço a retomada

acerca dos aspectos que circundam o espaço físico da quadra da agremiação no caminho de conhecer que Escola Mirim é o Aprendizes do Salgueiro. Conforme anteriormente ressaltado, o campo de pesquisa e o espaço da quadra me são familiares e me conduzem a outros lugares, outras formas de observar. A quadra como *locus* dos ensaios do Aprendizes do Salgueiro modifica a minha experiência, até então familiar enquanto ritmista. Os interlocutores ocupam funções outras, sendo diferentes daquelas encontradas enquanto frequentadora assídua da quadra. As crianças descortinam modos outros de vivenciar o espaço provocando autorreflexões, desnudando-me das minhas posições enquanto sambista no processo contínuo de alteridade e estranhamento.

No processo de compreender que Escola Mirim é essa, busquei o exercício do fazer antropológico, analisando as relações e os desdobramentos dos fatos que emergiam no cotidiano da observação participante nos ensaios e oficinas da agremiação mirim. Fazer antropológico da pesquisa etnográfica no espaço da quadra da Escola de Samba é um desafio constante de estranhar o familiar, exigindo um constante processo de reflexão sobre as relações que se criam, recriam e consolidam com os meus interlocutores.

O fazer antropológico tem como uma de suas bases a relação direta entre antropólogo e os atores sociais presente em sua pesquisa de campo. Se o pesquisador não criar uma empatia com seus interlocutores, não haverá trabalho antropológico possível. Um simples gesto, ato, palavra, um não ou sim, podem definir rumos inusitados de pesquisa, ocasionar recuos ou avanços. (Natal, 2014, p.13)

Cavalcanti (2003) também observa a necessidade do estranhamento na pesquisa antropológica, afirmando que no campo, o conhecimento antropológico não se daria pelo que se passa, de fato, entre os nativos, e sim através de uma observação e visão organizada e percebida pelos antropólogos do que ocorre nessas experiências, nas trocas cotidianas no trabalho de campo. Uma percepção aproximativa, permeada de subjetividades que pode ocasionar mudanças no lado do pesquisador e de seus interlocutores:

Consideremos então a nós mesmos como um bando de nativos, um grupo social cuja vida profissional ganha forma entre o campo, a etnografia e a academia. Se a etnografia é, como quer Claude Lévi-Strauss, uma certa experiência de objetivação da subjetividade, creio que quem a exercita desenvolve também gradualmente uma noção de pessoa peculiar. Um eu ambivalente

e diverso que, com o ir-e-vir refletido e sistemático entre múltiplas realidades e sistemas classificatórios, cruza zonas de perigo que o ameaçam por vezes de dissolução. O exercício profissional de um certo tipo de mediação, a mediação entre sistemas cognitivos e morais, visando à produção de conhecimento novo, deixa o sujeito/antropólogo potencialmente muito perto da metamorfose (...). (CAVALCANTI,2003, p.134).

Nesse sentido, subjetiva e familiar é a complexidade do ambiente com a qual me defrontei. O espaço da quadra, as relações ali estabelecidas, a forma como ocorrem os ensaios, as trocas e interações com as crianças, fez com que o exercício de estranhar esse local tão conhecido fosse rotineiro, assim como problematizá-lo a ponto de se formular uma visão crítica a respeito do seu próprio cotidiano.

Estranhar o familiar nos termos de Velho (1978) me possibilitou observar o espaço da quadra por uma outra lente. Agora não mais como salgueirense e ritmista, mas com a camisa de pesquisadora. Inúmeras indagações emergiram no campo, alguns lugares da quadra que até então não tinha conhecido passei a conhecer, trocas outras começaram a ser construídas e a investigação começou a ser consolidada e erguida a cada ida a quadra.

Evidencio que o espaço da quadra no campo de pesquisa possui o caráter multiuso, evidenciando a pluralidade de relações socioculturais que se estabelecem neste espaço. Ao longo do ano, diversas atividades de preparação para o carnaval ocorrem simultaneamente no espaço envolvendo centenas de pessoas. São diferentes aulas para crianças e adultos, como as oficinas do projeto “Salgueirar vem de criança”, como também a utilização pelos adultos como aulas de maquiagem, de percussão, eventos e os ensaios da bateria e dos (as) assistentes da Escola Mãe.

Os efeitos do Carnaval não se limitam aos quatro dias e a festa hoje fomenta políticas locais e vicinais de desenvolvimento econômico e de geração de empregos e recursos. Nas escolas de samba, o carnaval é construído o ano inteiro, do momento em que um desfile acaba até o começo do desfile do ano seguinte. Por trás da festa exaustivamente televisionada e que hoje privilegia celebridades, temos um mundo que contempla a inserção comunitária e a solidariedade. (Ribeiro, 2009, p.173)

Cada dia da semana a quadra é ocupada por um grupo que compõe a agremiação Mãe e também a Mirim. Na segunda-feira ocorre a oficina de percussão

dos adultos. A oficina é um projeto da Escola Mãe com os diretores da bateria Furiosa ministrando aulas. Essa oficina é paga, diferente da oficina de percussão do projeto da Escola Mirim, no qual todas as atividades são gratuitas. Na terça-feira ocorre o projeto de percussão mirim, a oficina de samba no pé mirim, a aula de maquiagem para adultos e o ensaio dos (as) passistas do Acadêmicos do Salgueiro. Na quinta-feira ocorre o ensaio da Escola Mãe, como parte fundamental do ciclo carnavalesco da agremiação. Cavalcanti (1995) coloca que o ano carnavalesco é sempre pensado e organizado no tempo futuro da realização dos desfiles. Desse modo, os ensaios de quadra que observei no campo em 2021 eram de preparação para o ano seguinte, isto é o carnaval de 2022. Dando continuidade ao processo investigativo após o carnaval do ano de 2022 também acompanhei a preparação do carnaval de 2023, acompanhando os ensaios ao longo do ano de 2022.

Esse ciclo anual se move numa temporalidade própria, regida pela data à qual todo o ciclo se dirige. Como os preparativos se iniciam num ano, e o carnaval se realiza no ano seguinte, desde o momento em que o processo se põe em marcha, estamos no carnaval do ano seguinte. Em pleno 1991, estávamos já no carnaval de 1992. A relação de um desfile com o tempo é obsessiva. Cada ciclo anual é apenas um pedaço de tempo culturalmente pleno, com princípio, meio e fim: em cada ciclo, o carnaval nasce, morre e renasce de forma ininterrupta. Um ciclo muitas vezes penetra no outro de tal forma que nenhum tempo seja deixado vazio e o ano rotineiro seja sempre o ano do carnaval (...). Desse modo, a vida de uma escola constrói-se na sucessão ininterrupta de seus carnavais anuais. Ora, esses carnavais se distinguem entre si primordialmente pelos diferentes enredos levados pela escola à avenida. Com o passar do tempo, para as pessoas ligadas a esse mundo social, a memória de um carnaval é registrada não pela data de seu ano (que seria aliás defasada do ano do calendário corrente), mas por esse enredo ou aquele samba levados pela escola à avenida. (CAVALCANTI, 1995, p. 75).

No sábado ocorre o ensaio comercial da Escola Mãe, no qual é necessário pagar o valor do ingresso para entrar na quadra. No domingo acontece a oficina de balé para as crianças, a oficina de mestre-sala e porta-bandeira e o ensaio da agremiação mirim com a participação de todas as crianças e adultos envolvidos na elaboração do carnaval do Aprendizes do Salgueiro.

A múltipla utilização da quadra conforme apresentado, possibilita diversas observações e relações com o espaço. Na terça-feira e no domingo vivencio a quadra

como pesquisadora, na quinta feira e no sábado como ritmista. São vivências distintas, mas que dialogam entre si. Ser pesquisadora no espaço não anula, tão pouco exclui o ser ritmista, ao contrário, possibilita um ampliar da lente de observação assim como da circulação no espaço da quadra. O conhecido se apresenta como desconhecido, e o exercício do trabalho de campo de estranhar o familiar se coloca como movimento diário na investigação no campo. A quadra da Escola de Samba transborda possibilidades e espaços-temporais, configurando-se como um terreiro²⁹ no seu sentido ancestral do termo, como um espaço de vivências, de trocas, de festividades e de aprendizagens.

2.1.5- Demandas e relações políticas: a filiação entre a Escola Mãe e a Escola Mirim

No que tange os aspectos dos vínculos estabelecido entre a Escola Mãe e a Escola Mirim, se faz necessário pontuar a dimensão política que perpassa tal relação. A dependência da agremiação mirim em relação a Escola Mãe é total e defronta-se com interesses e demandas que em alguns momentos da observação em campo percebi acarretar prejuízos ao desenvolvimento das atividades da Escola Mirim. A preferência da utilização do espaço é sempre da Escola Mãe Acadêmicos do Salgueiro, assim quando a quadra está sendo utilizado por outros grupos, as crianças ficam restritas a determinados espaços, como a sala da bateria e o espaço de alguns camarotes no andar superior da quadra. Há o controle dos corpos, com a proibição realizada pelos adultos para as crianças não correrem na quadra e a problemática da segurança, pois a escada que dá acesso ao andar superior é bem estreita podendo gerar acidentes.

A dependência dos insumos e materiais do Aprendizes do Salgueiro com relação a Escola Mãe também revela as relações políticas estabelecidas entre as agremiações. Exemplo de tal relação são as negociações realizadas para a elaboração do lanche que as crianças recebem ao fim de cada ensaio. O lanche é composto por cachorro quente e guaraná natural, sendo preparado e entregue para

²⁹ “Nas escolas de samba cariocas, até pelo menos a década de 1960, o local onde se realizavam os ensaios e preparativos do carnaval recebia a denominação de “terreiro”, e isso certamente em referência às casas onde o samba se plasmou” (LOPES; SIMAS, 2022, p. 287)

as crianças pelos diretores adultos da Escola Mirim. É permitido repetir o lanche, e no geral isso ocorre, pois, as crianças adoram o cachorro quente. Em um dos ensaios, durante o trabalho de campo, um menino me parou e perguntou “*Tia quem é que faz o cachorro quente? Está uma delícia, eu queria agradecer*”. Então expliquei que é a Tia Suca a responsável pela equipe que prepara o lanche. O menino então se dirigiu correndo para agradecer diretamente a ela.

O lanche faz sucesso entre as crianças aprendizes, contudo, observei que para conseguir os insumos necessários para a sua preparação, a presidente da Escola Mirim precisa solicitar ao presidente da Escola Mãe o material. Constrói-se um diálogo entre as agremiações de modo que quando tal solicitação demora a ser atendida e a agremiação mirim é prejudicada.

O exemplo do lanche das crianças ilustra assim a relação de dependência da Escola Mirim com a Escola Mãe no que tange os insumos para as atividades no decorrer do ciclo carnavalesco. Outros elementos também evidenciam essa dependência, como a busca por material para a fabricação das fantasias e alegorias das crianças, a utilização dos instrumentos, a organização do ônibus utilizado no transporte das crianças no dia do desfile, os presentes e brindes entregues para as crianças nas festividades como a festa do dia da criança e na festa do natal. Diferente do que ocorre nas relações entre os sujeitos interlocutores da pesquisa – mestre e aprendizes- a relação entre os dirigentes da agremiação mãe e mirim é posta defronte a uma hierarquia e conseqüentemente culmina na dependência apresentada.

A estrutura da organização da agremiação mirim é toda compartilhada e dependente da Escola Mãe, tanto no ponto de vista dos objetos e materialidades como também dos sujeitos atuantes, à medida que, nota-se que os diretores adultos da Escola Mirim participam também como componentes do Acadêmicos do Salgueiro. São baianas, componentes de ala, ritmistas, que trabalham de modo voluntário na agremiação mirim. Conforme aponta Lopes (2019), a vinculação a uma escola de samba não está restrita a um suporte financeiro, mas na convivência comunitária entre crianças, adolescentes, adultos e idosos pertencentes à escola de samba mãe, quando - na quadra da escola de samba - os saberes e fazeres típicos da ambiência de uma escola de samba são vivenciados coletivamente. (Lopes, 2019, p. 105).

Nota-se a dependência que a Escola de Samba Mirim possui com relação a sua Escola Mãe evoca conflitos, tensões, desencontros de informações internas compondo o cotidiano da agremiação mirim defronte ao vínculo de filiação com a Escola Mãe. Sublinha-se que as relações políticas mais adensadas que emergem no campo da pesquisa não serão aprofundadas, posto que, o objeto da investigação são os processos de aprendizagem e as relações que emergem no campo entre as crianças aprendizes do samba. Contudo, consideramos importante pontua-las ainda que brevemente, à medida que, as relações políticas que se estabelecem e se edificam afetam diretamente a organização e estruturação da agremiação mirim.

2.2- “Olha, faz desse jeito que você toca melhor”: os processos de aprendizagem na Escola de Samba Mirim.

No decorrer dos ensaios do Aprendizes do Salgueiro, a bateria Furiosinha³⁰ fica localizada no centro da quadra, na frente do palco. Os ritmistas mirins são organizados em fileiras pelo mestre da bateria e pelos diretores seguindo a ordem dos instrumentos que tocam: chocalho, tamborim, caixas, repiques e surdos. Os ritmistas que tocam surdo ficam posicionados nas laterais da bateria, enquanto as crianças menores são colocadas na frente da bateria, de modo a facilitar a visualização delas com o mestre que se posiciona à frente do grupo e executa movimentos de comando com os braços.

“Ao longo do ensaio percebi dois meninos, Samuel e Lucas, conversavam entre si, um olhando para o outro, quando surge o seguinte diálogo.

Samuel : olha, faz desse jeito que você toca melhor

Lucas: Tá bom, tá bom.

E então Lucas segue as instruções de Samuel e continuam tocando ao longo de todo ensaio. Samuel é um pouco mais velho que Lucas, A conversa foi rápida, ao passo que por pouco não consigo realizar o registro desse momento.” (Notas do diário de campo, 22/02/2022)

³⁰ O nome da bateria da Escola de Samba Mirim faz referência ao nome da bateria da Escola de Samba Mãe, chamada de bateria Furiosa.



Figura 10 - Ensaio da bateria mirim



Figura 11 - Ensaio da bateria mirim

Observei ao longo do percurso investigativo que no decorrer dos ensaios as crianças iam trocando entre si seus conhecimentos, ajudando, incentivando um ao outro durante o toque dos instrumentos e na posição que deveriam ficar, com falas de incentivo e permeadas de afetos e cuidados. Os mestres e diretores também auxiliavam nesse processo, contudo as trocas ocorriam entre todos, sem ocorrer uma hierarquia na relação mestre-aprendiz. Destaco aqui a dimensão do afeto nas relações estabelecidas entre os aprendizes, posto que, os afetos que permeiam a prática musical dentro da Escola Mirim evidenciam a materialidade da música, do samba, apreendido no movimento de tocar os instrumentos. O desejo do menino em tocar o instrumento caixa da forma correta atua como um ponto de partida para compreender o seu poder de agência sobre a constituição de identidades, experiências, atribuição de significados do tornar-se sambista na forma como a construção do fazer musical dos ritmistas mirim ocorrem. Mobiliza-se sentimentos, os sentidos e também o corpo das crianças aprendizes e dos adultos que tecem a relação de troca com os novatos que estão chegando no contexto da Escola Mirim.

Paula Bessa Braz (2021) ao destacar as pesquisas que apresentam os efeitos da música enquanto obra em si, na construção do fazer musical perpassado pela dimensão do afeto pondera.

Uma outra dimensão que essa noção de presença afetiva abre para se pensar a pesquisa em música é, especialmente, a de um certo envolvimento sensorial. Para Feld (1990), só é possível acessar a esfera da experiência nativa e dos sentimentos ali catalisados, se o pesquisador se envolver emocionalmente com seus interlocutores, abrindo a possibilidade de os sentir e de ser sentido por eles (Braz, 2021, p. 125)

Braz (2021) ressalta que a transmissão de conhecimentos é tema caro à etnomusicologia e à antropologia, e nessa última ainda mais, à medida que se tem como centro das discussões as crianças e suas formas de ser, estar e significar o mundo. Desse modo, o processo de transmissão de conhecimentos musicais pode ser pensado não só através das características estritas do ensino e da aprendizagem, mas por aquilo que as sustenta enquanto prática: seus valores, significados e pertinências sociais. (Braz, 2021, p.128)

Na cena apresentada nas fotografias e descrita nas notas de campo podemos perceber que o processo de ensinar e aprender percorre toda a cena observada entre as duas crianças interlocutoras da pesquisa. Na obra “*Situated learning: legitimate peripheral participation*” (Lave e Wenger, 1991), as autoras desenvolvem o conceito de aprendizagem situada. Lave e Wenger (1991, p.17) defendem que a cognição se distribui no corpo, na mente, nas práticas e nos ambientes organizados culturalmente. A “*apprenticeship*”, nos termos de Lave e Weger (1991), diz respeito à aprendizagem no sentido o qual o aprendiz segue o mestre. Ressalta-se a aprendizagem não no sentido hegemônico, da escolarização, no qual as abordagens cognitivas da aprendizagem elaboram divisões problemáticas entre mente e corpo, sujeito e sociedade, cultura e aprendizagem nas quais o que quer que seja considerado em um dos termos é distinto e separado do outro (Lave,2015, p.38), as autoras ponderam acerca de uma aprendizagem legitimada pela prática, pela comunidade, entre os aprendizes e seus pares e com os mestres.

Nesse sentido, adotar a perspectiva de uma aprendizagem situada, que localiza o desenvolvimento da aprendizagem no contexto, apropriando-se de abordagens socioculturais, revela-se chave para compreender como a aprendizagem está distribuída entre os participantes e integrantes da Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro. Assim, a aprendizagem está distribuída entre os

participantes, não no ato de uma pessoa, a distribuição do conhecimento está organizada socialmente, entre os sujeitos que compõem a agremiação mirim. Nesse caminhar, a teoria da aprendizagem situada oferece um referencial analítico que enfoca o estudo da prática cotidiana

Seguindo as pistas de Lave (2015), é necessário deslocarmos o foco da aprendizagem em si para privilegiarmos as práticas e os praticantes. Nessas linhas, a aprendizagem é algo inerente à nossa participação no mundo enquanto sujeitos, o domínio do conhecimento faz com que os aprendizes se engajem nas práticas socioculturais de um grupo, uma comunidade de prática. Podemos pontuar que o GRCEM Aprendizes do Salgueiro se configuram como uma comunidade de prática, de modo que na prática cotidiana os aprendizes engajam-se tecendo relações entre si, e as aprendizagens dos saberes do samba ocorrem. Lave e Wenger (1991) vão definir essa forma de engajamento como participação periférica, que “diz respeito a estar localizado no mundo social. Lugares e perspectivas em mudança fazem parte de trajetórias de aprendizagem dos atores, das identidades em desenvolvimento e formas de afiliação” (Lave e Wenger, 1991, p.36).

A aprendizagem situada ocorre no engajamento em comunidades de prática no qual as crianças, aprendizes do samba, adquirem conhecimentos, apreendem comportamentos e noções partilhadas coletivamente, à medida em que participam da comunidade. Tal participação ocorre de forma não intencional ou dirigida, mas sim autônoma, de modo que os aprendizes protagonizam seus processos de aprendizagem. A aprendizagem acontece pelo que Lave e Wenger (1991, p. 100) definem como uma participação no currículo de aprendizagem no ambiente da comunidade. E assim, parece-me, que as crianças aprendizes aprendem a aprender e aprendem a ensinar, sendo protagonistas de todo o processo. As crianças são aprendizes e mestres simultaneamente dentro da comunidade de prática que formam.

Destaco que as observações realizadas no campo, a todo momento alertaram para uma aprendizagem própria dos saberes e conhecimentos que perpassam o contexto da Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro. Chantal Medaets (2021) no seu trabalho que apresenta a relação de aprendizagem das crianças com os adultos da região do baixo Tapajós, coloca que:

Observar e descrever detalhadamente situações de aprendizagem *in situ*, no contexto onde elas ocorrem, com as pessoas e objetos que compõem a trama das relações cotidianas das pessoas que se estuda, aí se encontra a principal e mais original contribuição da antropologia para o estudo da aprendizagem. Saindo da situação de pesquisa em que o pesquisador concebe e propõe uma atividade (em exercício, um teste) aos sujeitos, o antropólogo participa do cotidiano dos seus interlocutores, segue seus movimentos, aceita boa parte dos seus convites, aprende com eles (Medaets, p.196, 2021)

As observações realizadas *in loco* a respeito da maneira específica de executar os toques na bateria, a forma própria de cantar os sambas, os jeitos próprios de ensaiarem e brincarem o carnaval mirim, os modos como as crianças mais velhas ensinam as mais novas os seus conhecimentos, apresentam-se como os apontamentos do processo de tornar-se sambista no contexto do Aprendizes do Salgueiro. Compreendemos a agremiação mirim como uma comunidade de prática que possui uma pedagogia própria de ser aprendiz. Uma pedagogia que não descarta uma organização formal, como por exemplo a divisão das turmas das oficinas do projeto por idade, mas que não se constrói nem se fundamenta em hierarquias de saberes, como numa estrutura escolarizada. Ocorre o processo de construção de uma aprendizagem em rede e principalmente uma aprendizagem situada.

Teoricamente central na teoria da prática social é a ideia de que toda atividade (o que seguramente inclui a aprendizagem) é situada nas – feita de, é parte das – relações entre pessoas, contextos e práticas. Isso nos levou às noções de que a aprendizagem é situada em complexas comunidades de práticas (culturais e mutantes, como parte do processo histórico que constitui a vida social). As coisas são constituídas por, e constituídas como, as suas relações; e assim, produção cultural é aprendizagem que é produção cultural. (Lave, 2015, p.40).

O envolvimento das crianças enquanto Aprendizes do Salgueiro instaura-se dentro do contexto social da Escola Mirim e para além desse espaço. Desse modo, analisar a forma como ocorrem os aprendizados na agremiação mirim embasado no conceito de participação periférica legitimada, envolve analisar a organização política e social dos Aprendizes do Salgueiro, o desenvolvimento histórico e os efeitos gerados nas possibilidades de aprendizado.

No que concerne o desenvolvimento histórico, destaca-se as relações intergeracionais existentes no campo de pesquisa que ultrapassam o espaço da

quadra e da própria agremiação mirim, causando efeitos na organização da Escola Mirim. Nota-se que famílias inteiras se relacionam com o processo de aprendizagem que emergem na agremiação mirim, por serem, em sua maioria, um ceio familiar de sambistas, é comum encontrarmos relações de parentescos como irmãos, primos, tios e sobrinhos, filho e pai no contexto da Escola Mirim em interlocução com a Escola Mãe.

Paulo Freire (2015) no que concerne os processos de educação e aprendizagem expressa que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção, por meio das relações entre os sujeitos ativos e autônomo no processo de aprendizagem. O aprendizado envolve assim a construção da aprendizagem através das trocas entre os sujeitos. Traçando um paralelo com Lave (2015) a aprendizagem é realizada no mundo vivido, sendo parte integrante da prática social.

(...) quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (Freire, 2015, p.25)

(...) a aprendizagem é feita pelos aprendizes, o que deveria nos sugerir fortemente que o esforço de observação produtivo deve ser para as relações entre aprendizes (incluindo a mudança na participação de todos os envolvidos, nas suas diferentes formas). É muito útil reconhecer que um aprendiz não é alguém que não sabe, aprendendo (conhecimentos) provindos de alguém que sabe. Ao contrário, os aprendizes estão engajados (com outros) em aprender o que eles já estão fazendo – um processo multifacetado, contraditório e interativo. (Lave, 2015, p. 40)

O caráter relacional do processo de aprendizagem é notório nas relações estabelecidas dentro do contexto da agremiação mirim. Crianças e jovens, aprendizes e mestres, experientes e iniciantes apreendem em comunidade os saberes de sua prática social. A noção da internalização do aprendizado é superada, não se instaura no campo investigado o *ethos* escolarizado, aprende-se de corpo inteiro dentro de uma cadeia intergeracional ligando a tradição dos mais velhos com a inovação dos recém-chegados ao grupo.

Passistas, ritmistas, mestre-sala e porta-bandeira, componentes das alas, princesa da bateria, rainha da bateria, musas da agremiação, interpretes, são todos Aprendizes do Salgueiro, mas não são somente isso. Conforme Lave (2015) expõe:

Além disso, pode parecer que mesmo nesses termos os ‘aprendizes’ são indivíduos, mas eles não são nunca somente isso. Eles estão engajados em práticas cotidianas em múltiplos contextos, participando em diferentes modos uns com os outros. Como as pessoas aprendem é algo que pode ser mais bem capturado pela noção de participantes cambiantes na prática em curso do que por pressuposições naturalizadas sobre aquisição de conhecimentos”.(Lave, 2015, p. 40)

No decorrer dos ensaios, observei que as crianças brincam, cantam e se entregam ao momento, as trocas, ao aprendizado, evidenciando conforme Barros (2016) aponta que o ensaio parece forjar de modo marcante esse sentimento de pertencimento a um todo que a todos iguala, no contexto da presente pesquisa, o pertencimento a Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro. Nota-se em todo o processo de investigação a presença de um sistema de símbolos que emergem nas relações de aprendizagens entre as crianças. São símbolos de comando para a bateria, de passos de samba, de formação das alas, de reverencia a bandeira que fazem parte da rede de relações que constituem a agremiação.

Barros (2016) aponta para a construção dos sistemas de símbolo dentro da bateria da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, o autor citando Geertz (1978) coloca que o “símbolo” se refere a qualquer objeto, ato, acontecimento que serve como vínculo a uma concepção ou um “significado”. Nesse sentido, os símbolos representam fontes de informações, pois carregam um complexo conjunto de elementos próprios dos sujeitos que os utilizam.

No campo da pesquisa, os símbolos são próprios do seu contexto e interpretados pelas crianças conforme o aprendizado situado na prática ocorre. Como por exemplo o sinal da bossa da bateria, que se caracteriza como um símbolo próprio do grupo que é interpretado pelos ritmistas mirins que executam a batida correspondente.

A transparência do processo de aprendizado ocorre conforme as relações entre mestres e aprendizes são horizontais, no qual os aprendizes possuem acesso as atividades em andamento, como por exemplo a construção dos passos de danças das alas, onde os aprendizes constroem juntos a forma como irão se apresentar, a

participação dos ritmistas mirins junto ao mestre na elaboração das bossas que realizarão na bateria. Segundo Lave e Wenger (2008):

“To become a full member of a community of practice requires access to a wide range of ongoing activity, old-timers, and other members of the community; and to information, resources, and opportunities for participation” (Lave e Wenger, 2008, p.100)

“Tornar-se um membro pleno de uma comunidade de prática requer acesso a uma ampla gama de atividades contínuas dos veteranos e outros membros da comunidade; é a oportunidade de acesso as informações, recursos e participação” (tradução livre do autor)

É justamente o acesso dos aprendizes as diversas atividades que está em andamento nas oficinas e ensaios, que os tornam protagonistas de seu próprio aprendizado, oportunizando assim a participação na prática.

Ademais, ressalta-se que no que concerne o processo de aprender a ser aprendiz do samba, é fundamental apresentarmos uma discussão sobre cultura, à medida que, aprender os saberes do samba infere aprender a cultura do samba. Tomamos aqui o entendimento sobre a cultura como um conceito antropológico. A noção de cultura designa, portanto, uma realidade social vivida e experimentada por diferentes grupos humanos e estudada pela antropologia. O entendimento da cultura que se transforma e se modifica dentro dos grupos sociais.

No curso da minha pesquisa, me aproximo da definição de cultura utilizada por Natal (2014) em seu estudo sobre o Departamento Cultural na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, no qual coloca que:

Para fins desse trabalho, compreendo a “cultura” nas escolas de samba do Rio de Janeiro em duas acepções: a cultura como um conceito antropológico, significando um sistema de símbolos vividos e manuseados pelos sujeitos sociais e a cultura como um valor ideológico de determinados grupos ou sujeitos, usada com uma intenção política definida de atuação no meio social das escolas de samba” (Natal, 2014, p.30)

A cultura do samba como o conceito para dar conta das redes de significados, costumes, práticas, comportamentos, socialização, saberes, sociabilidades que estão ligadas ao gênero musical samba (Lima, 2005, p.7), se expressa no *locus* da Escola de Samba Mirim como o conjunto de saberes do samba

que são apreendidos no processo das crianças tornarem-se sambistas assim como nos demais espaços e contextos sociais que circulam e convivem.

A questão de como a aprendizagem acontece não é sobre o que acontece em um único contexto educacional – uma loja de alfaiates, uma escola, uma sala de aula –, mas sobre como o aprender-na-prática seja constituído por participantes em movimento através e lidando com, e por entre os contextos dos quais eles participam, contextos que funcionam para influenciar, cindir e conectar, ou ao contrário para moldar, na sua vida cotidiana. (Lave, 2015, p.42)

Nessa linha, Lopes e Simas (2022) expressam que a cultura é o modo de vida de um conjunto de indivíduos organizados em sociedade, afirmam que o samba como fenômeno cultural de relevância insofismável, que ultrapassa as fronteiras de gênero musical e dança, mostra-se em ramificações ampliadas. (Lopes e Simas, 2022, p. 86). O processo de aprendizagem das crianças acerca dos saberes e da cultura do samba coloca-se para fora, para além do momento restrito aos minutos de ensaio e de oficina.

A educação é entendida aqui pelo pensamento de Paulo Freire (2015), considerando-a “como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2015, p. 96). A educação que ocorre dentro do espaço da Escola de Samba Mirim permite possibilidades de construção dos conhecimentos da cultura do samba pelas crianças. Para além da transmissão, alicerçados nas interações intergeracionais entre crianças e adultos, o conhecimento é produzido e apreendido e o processo de aprendizagem se instaura a partir de modos próprios de uma pedagogia da Escola de Samba Mirim, nos termos de Tassinari (2015) uma pedagogia nativa, que é construída e modificada constantemente através das relações, nas formas dos interlocutores da pesquisa estarem e agirem no mundo e no contexto que estão inseridos.

Ainda refletindo sobre o processo de aprendizagem, recorro a Ingold (2015) que aponta para uma variante do verbo em latim educare, o verbo educere. O primeiro verbo aponta para uma educação do criar, cultivar, de modo a inculcar um padrão de conduta aprovado juntamente com o conhecimento que o sustenta. O segundo verbo, educere, configura-se como uma variante etimológica no qual apresenta o ex (fora) juntamente com o educere (levar). Nesse sentido, educar é levar os novatos para o mundo lá fora, ao invés de inculcar e depositar o

conhecimento dentro das suas mentes. Significa, literalmente, convidar o aprendiz para dar uma volta lá fora. (Ingold, 2015, p. 23).

Observa-se, no campo de pesquisa, que as crianças no processo de tornarem-se sambista transbordam em seus corpos, suas falas, suas atitudes, os saberes apreendidos no decorrer dos ensaios e oficinas. A cultura do samba, não estática, se modifica com as relações construídas entre os aprendizes, evidenciando o desvelar de suas próprias formas de compreensão acerca do processo de tornarem-se aprendizes do samba.

A dimensão dos afetos e dos vínculos surgem no processo de aprendizagem observado no campo. As interações construídas são repletas de sorrisos, abraços, cuidados. Os afetos transbordam as relações humanas, dos aprendizes entre si e com os adultos, ressaltando também o afeto com relação a própria instituição. Aprende-se a ser sambista, assim como nas conexões construídas aprende-se a amar a Escola de Samba Mirim.

Esses afetos e sentidos que reverberaram ao longo de todo percurso etnográfico serão apresentados no capítulo a seguir. Dos ensaios ao dia do desfile, o sentimento que pulsa, que faz brilhar os olhos das crianças, um sentimento que “só entende quem é Salgueiro”³¹, ou melhor dizendo, só entende quem é um Aprendiz do Salgueiro.

³¹ Trecho do samba enredo do Acadêmicos do Salgueiro do ano de 2017

3- O carnaval das crianças: dos ensaios ao grande desfile da agremiação mirim



*“Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita
Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz”
(Gonzaguinha, 1982)*

“A beleza de ser um eterno aprendiz”, é com essa frase da música “ O que é, o que é?” de Gonzaguinha (1982) que inicio o presente capítulo a fim apresentar as crianças, aprendizes do Salgueiro, como eternos aprendizes. A pesquisa de campo realizada nos ensaios para o carnaval dos anos de 2022 e 2023, até seus respectivos desfiles, possibilitou que reflexões acerca dos processos de aprendizagem das crianças no *lócus* da agremiação consolidasse conhecimentos acerca de uma educação não escolar, alicerçada por uma pedagogia nativa, própria do contexto do Aprendizes do Salgueiro.

No decorrer do campo eu imergi no lugar, nas práticas e relações sociais dos sujeitos que compõem a agremiação mirim. Me desafiei, pelos pressupostos da Etnografia, a adentrar nas Escola de Samba Mirim e ver o que os aprendizes fazem, colocando-me junto deles, observando e participando das interações realizadas, mergulhando nas possibilidades que o campo me colocava.

Ressalto que no período de carnaval há um mix de emoções, de acontecimentos que se misturam, se envolvem e transbordam na folia que é a festa do momo. O sagrado e o profano, as brincadeiras, as danças, as risadas, os choros, o batuque. A arte que encanta, que aglutina pessoas de diferentes idades, que captura o folião. O carnaval, e mais especificamente o carnaval mirim, que leva crianças e jovens para a passarela do samba, que faz brotar sorrisos e choros de emoção. O carnaval que no desfile apresenta sua grandiosidade, seu poder de hipnotizar, capturar e encantar, mas que é construído e vivido ao longo de meses de ensaio e preparação. O carnaval que no decorrer da pesquisa me modificou, me afetou, me encantou.

Abro aqui um parêntese para pontuar que entendo que escrever uma Etnografia é interpretar e compor uma escrita de tudo aquilo que eu e os sujeitos

interlocutores da pesquisa significamos em campo e no processo investigativo. Enfatizo que a Etnografia aqui apresentada não foi construída somente no momento do campo propriamente dito, aquele campo que nos encontramos com os sujeitos interlocutores da pesquisa, mas se constitui sobretudo no entrelaçar de todos os caminhos percorridos, trilhados e das escolhas realizadas para se chegar a este campo e para posteriormente sair dele, ou seja, a Etnografia aconteceu ao longo de todo o percurso, de toda a construção da pesquisa.

No decorrer do processo etnográfico muitos momentos foram vividos. A pesquisa que se focalizada no tempo referente ao acontecimento do carnaval evidenciou que este carnaval não se resume aos quatro dias de folia, pelo contrário, o carnaval que é preparado, planejado e vivido ao longo de todo o ano, de todo “ciclo carnavalesco” Cavalcanti (1999). Assim, a pesquisa de campo, como ponderado no decorrer do trabalho, não seguiu um tempo linear, mas foi realizada em momentos que se conectam e entrelaçam. O acontecimento tardio do carnaval de 2022 e logo após o retorno para os preparativos para o carnaval de 2023, fizeram com que o tempo em campo se prolongasse. A pesquisa então perpassou momentos diferentes da construção e realização de cada carnaval da agremiação mirim. Foram entradas e permanências no campo de forma itinerante, que perduraram até o final da escrita desta dissertação. De modo que no carnaval de 2023, o desfile se configurou como o último ato desta dissertação, a última ida ao campo.

Nessa direção, permaneci em contato com os sujeitos, acompanhando e envolvida nas atividades da agremiação mirim, frequentando aos ensaios e as aulas das oficinas. Me coloquei em movimento com a pesquisa e com o campo do início ao fim. Escolhi estar viva para a pesquisa, continuar viva nela, continuar com o campo vivo em mim para além do tempo acadêmico do mestrado.

O contanto prolongado e imerso com o campo investigado possibilitou tecer relações singulares com os meus sujeitos da pesquisa. As crianças protagonistas e também autoras do presente estudo me aceitaram e acolheram de modo que pude participar e observar toda a preparação para o carnaval. Estive presente na emoção antes do desfile, na curiosidade por saber como será a fantasia, nas aulas das oficinas e na preparação dos ensaios. Nas linhas que se seguirão apresento todos

esses cenários no qual crianças e adultos, em relação, evidenciam os modos de ser aprendiz do samba.

3.1 - As fantasias e o fantasiar: as passistas mirins

Quem me vê sempre parado, distante,
Garante que eu não sei sambar,
Tou me guardando pra quando o carnaval chegar. (Buarque, 1972).

A arte do samba do pé, tem o chão da quadra da Escola de Samba como seu território. Uma arte que transforma e agita o corpo. As crianças passistas do Aprendizes do Salgueiro dançam ao som do samba enredo e encantam os espectadores que acompanham os ensaios e os desfiles. Evidencio que no decorrer da pesquisa de campo, me aproximei de um grupo de meninas passistas, de modo que sempre que elas me avistam na quadra, seja no momento do trabalho de campo, ou quando estava presente na quadra em decorrência de um evento da Escola Mãe, elas me abraçam e me mostravam suas roupas novas, acessórios brilhantes e sapatos. Estabeleci uma relação de amizade com as crianças, repleta de conversas sobre sonhos, brilhos e muito samba.

Destaco que a ala dos passistas do Aprendizes do Salgueiro é majoritariamente composta por meninas de variadas idades. Nos ensaios da agremiação mirim a ala das passistas sempre estão próximas da bateria. Assim como ocorre no desfile, no momento de saída do recuo da bateria, as passistas são a ala que seguem logo atrás dos ritmistas. Além das passistas, também há a presença de uma rainha de bateria, duas princesas e as musas da Escola. Segue-se assim uma estrutura de hierarquia defronte a tal composição. O cargo mais importante é o de rainha da bateria, seguido pelo cargo de princesa, musa e finalmente passista.

As roupas, as fantasias, os acessórios, as maquiagens corroboram com a composição acerca do que se compreende por ser uma passista, evidenciando que as crianças enquanto participantes ativos das aprendizagens do tornar-se sambista aprendem também por meio das relações que estabelecem com os objetos e as materialidades de suas roupas, adereços e também próprio o palco e espaços da quadra da escola.

“Estava observando o processo de organização para começar o ensaio. As alas já estavam sendo separadas e as crianças sendo

organizadas na ordem do desfile. Ao me aproximar do grupo de passistas Marie vem prontamente em minha direção.

Marie: Olá tia , minha roupa nova.

Adriane: Nossa Marie que vestido lindo.

Marie: Eu amei, olha tem pedras.

Adriane: E ainda tem o símbolo da Escola bordado, adorei. Posso tirar uma foto?

Marie: Pode sim tia. Tira uma minha também.

Após me mostrar seu vestido novo e tirar a foto, Marie voltou ao encontro das demais meninas e seguiu se divertindo e dançando no ensaio” (Notas do diário de campo, 17/01/2022)



Figura 12 – Detalhe dos bordados do vestido



Figura 13- Passista mirim

A importância da indumentária se configura como aspecto fundamental no campo. As meninas passistas sempre buscam a cada ensaio trazer alguma coisa de sua indumentária como novidade. Miller (1954) nos auxilia a compreender como no reino do vestuário a dimensão do sentir-se se concretiza. Por meio da

materialidade, as vestimentas devem dar a sensação certa, no contexto da pesquisa, a sensação de ser efetivamente uma passista. Mylene Mizrahi (2019) em seu livro “ O figurino funk: roupa e dança em um baile carioca”, ao trazer apontamentos acerca das indumentárias dos sujeitos participantes e frequentadores do baile funk pesquisado pondera que

Foi no Santa Luzia que compreendi que o baile a que acompanhava poderia ser apreendido como um espetáculo, e portanto como um todo estético. Foi também ali e já na primeira noite que me dei conta que a roupa, manifestação do todo estético que é o fio condutor de minha pesquisa, só me interessava, só chamava o meu olho, na medida em que a via vestida pelos corpos, e mais ainda, pelos corpos em dança, dentro da festa. Deslocada da festa, na fila de entrada, a roupa não fazia o mesmo sentido. Daí a roupa ser vista como um figurino, que tem relação com a festa. Uma indumentária cujo sentido é atribuído na relação com o contexto em que ela se insere. (Mizrahi, 2019, p.83)

Na mesma direção, no campo de pesquisa, percebe-se que a roupa das passistas exprimem uma manifestação estética conduzidas por sentidos dentro do contexto das apresentações nos ensaios, festividades e desfiles da agremiação mirim. Distanciadas desse lugar, as indumentárias perdem a dimensão do espetáculo. As roupas da passistas chamam a atenção pela interação entre o corpo e a roupa na dança. As franjas sambam junto com os corpos, os brilhos ao refletirem as luzes da quadra destacam de forma mais intensa a presença das passistas. Mizrahi (2019) pondera que ao devolver a estética ao seu contexto, como o gosto por roupas e adornos corporais está comprometido com o corpo do dançarino em movimento. O estilo que dela deriva está relacionado, ou melhor, adquire sentido pleno, quando inserido na festa (Mizrahi, 2019, p.118), no presente estudo, quando as roupas das passistas estão inseridas no contexto das atividades da agremiação mirim.

Parto assim da noção básica formulada por Geertz (1997). O autor defende uma abordagem semiótica da arte, na qual as manifestações estéticas umas às outras e ainda aos valores do grupo, indicando uma conexão entre arte e vida coletiva. Toda manifestação artística só pode ter o seu significado apreendido quando inserida no todo da vida social. Assim, os objetos estéticos usados por um grupo social são inseparáveis sua própria vida, de sua visão de mundo, e por tanto a atribuição de significado é sempre local. A indumentária não se constitui em expressão isolada dos outros aspectos do baile. (Mizrahi, 2019, p.117)

Tal importância da indumentária no movimento de tornar-se passista é apresentada no diálogo a seguir com uma das meninas passistas mirins.

“Durante o ensaio me aproximei de Luma., que estava com a expressão de triste no rosto e afastada do grupo de passistas. Abaixei para ficar na altura dela e falar diretamente olhando em seus olhos. Perguntei se estava tudo bem e se ela não queria sambar. Prontamente a Luma me respondeu que não poderia sambar pois seu pai tinha esquecido de levar a sua roupa de passista e que não dava para sambar sem a roupa. Tentei conversar e explicar para ela que tudo bem não ter levado a roupa naquele dia, mas que no próximo ensaio ela estaria com a roupa desejada. Contudo a menina seguiu sem querer participar do ensaio.”(Notas do diário de campo, 26/12/2021)

As roupas e adereços em suas materialidades, agem de modo a envolver a atenção e desejo das crianças. Gell (1992) pondera acerca da tecnologia da arte como forma de captura, de apanhar o telespectador e provocar o encantamento. No campo investigado são as indumentárias que capturam a atenção não somente dos telespectadores, mas também das próprias artistas, isto é, das crianças passistas mirins, que se agenciam a agem em seus contextos permeadas por tecidos, brilhos e lantejoulas. Evidencia-se assim um continuar e uma afirmação do ser e tornar-se passista, na junção e perpassar entre o corpo ao tecido e do tecido ao corpo.

Além das roupas, fantasias e adereços observei, nas conversas com as passistas mirins, que o movimento de fantasiar não se restringe a materialidade das roupas e vestimentas. O fantasiar no sentido de idealizar e imaginar também configuram as relações das passistas dentro do contexto da Escola de Samba Mirim no que concerne seus desejos de tornarem-se musas, princesas e rainhas da bateria.

No decorrer da observação em campo, percebi que um elemento fundamental distingue as passistas com relação as musas, princesas e rainha. A faixa vermelha com o cargo exercido bordado na cor branca. Percebi que ter essa faixa carrega muitos significados e caracteriza-se como um dos desejos da maioria das passistas, permitindo um destaque para elas defronte ao grupo de aprendizes.

Nota-se que o fantasiar, em seu sentido amplo entre as fantasias (roupas) e sonhos, permeia o cotidiano dos ensaios das passistas mirins. Ser um aprendiz do samba nesses termos evoca elementos materiais e sentidos simbólicos que caracterizam o grupo de aprendizes.



Figura 14 – Passistas, musas e princesa

3.2- As tias do Aprendizes do Salgueiro: os afetos que constroem a Escola Mirim

Repletas de carinho e dedicação com a Escola Mirim, as Tias do Aprendizes do Salgueiro trabalham voluntariamente contribuindo para o desenvolvimento, manutenção e organização de todas as atividades da agremiação mirim.

O samba mirim se na atualidade tem o reconhecimento, deve-se muitos ás mulheres. Nossas “tias”, como são chamadas pelas crianças, desde a fundação da primeira agremiação, sempre prestaram serviços relevantes para o desenvolvimento desse trabalho. Ai de nós se não fossem elas! (Arleson Rezende, entrevista para a Revista Cartilha do Samba, n3, p.31, 2012)

As Tias evocam dentro do contexto da quadra os sentidos de comunidade que perpassam a Escola de Samba, evidenciando a força e o amor da comunidade pela agremiação mirim. São mulheres guerreiras que participam como componentes da Escola Mãe (tias baianas, tias que saem nas alas, nos carros alegóricos) e que mantem viva a cultura do samba dentro no espaço da Escola de Samba Mirim. Destaca-se no campo pesquisado o sentido de comunidade que compõem e forjam as relações dentro da Escola de Samba e corroboram para a

efetivação e continuidade das dinâmicas presentes dentro da agremiação mirim investigada.

Duarte (2020) aponta para a dimensão da ação coletiva do grupo, demarcando símbolos próprios.

A comunidade da Escola de Samba é demarcada por um território, por uma cultura e símbolos próprios, e as pessoas compartilham disso, formando uma rede de ação coletiva, em que, independentemente de conflitos e diferenças existentes, elas trabalham em prol da sua escola. Há uma relação de pertencimento e de reconhecimento social e cultural pela Escola de Samba, na qual os sujeitos participam de uma experiência social coletiva. (Duarte, 2020, p. 174)

No campo de pesquisa é o trabalho das Tias que garantem o cachorro quente para o lanche das crianças após os ensaios, o cuidado na fabricação das fantasias para os desfiles das crianças, a organização do espaço da quadra para a realização das atividades da agremiação mirim. São as Tias que deram os primeiros passos anos atrás para que no presente tenhamos a consolidada Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro.

“O lanche preparado pelas Tias do Aprendizes é fundamental nos ensaios e dias de oficina, funciona não somente como alimentação para crianças após gastarem energia no ensaio, mas agem também como um atrativo para chamar as crianças para participarem do ensaio. De modo que por inúmeras vezes as crianças me perguntaram “Tia que horas é lanche”. Em um dos dias oficina do projeto “Salgueirar vem de criança”, em decorrência da falta de tempo dos componentes da diretoria, as Tias responsáveis pela produção do cachorro quente, não tiveram tempo de preparar o famoso lanche e servir para as crianças após o término do ensaio. No lugar do cachorro quente foi servido para as crianças um biscoito do tipo goiabinha e também no sabor chocolate e um guaraná natural. Ao ser formada a fila das crianças para pegar o lanche, começaram a surgir diversas indagações e questionamentos pela ausência do cachorro quente.
Miguel: Mas ué, hoje não tem cachorro quente? Mas por que?

Pedro: Eu não quero biscoito, eu queria cachorro quente, eu amo o cachorro quente da tia

As expressões de frustração ficaram evidente nos rostos dos aprendizes, atrelados aos seus questionamentos de revolta evidenciaram o quanto os momentos para além do ensaio constituem e consolidam o que é a Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro.” (Notas do diário de campo, 18/10/2022)

Nota-se que a organização do espaço da quadra pelas Tias para a realização dos ensaios, a fabricação do lanche, os abraços de despedidas, as falas das crianças de agradecimento as Tias, são fatos característicos da agremiação, observado semanalmente no decorrer do trabalho de campo. Além do destaque percebido na investigação no campo com relação ao trabalho das Tias do Aprendizes acerca do desenvolvimento das atividades da agremiação mirim, ressalto importante destacar o trabalho realizado pela Tia Glorinha, interlocutora da pesquisa que ao longo de toda escrita etnográfica destaca-se ao contribuir para as reflexões acerca da compreensão sobre os sentidos de ser aprendiz do Salgueiro.

“ Na festa do dia das crianças do Aprendizes do Salgueiro ocorreu a apresentação das turmas da oficina de balé. Estava parada em um canto da quadra observando o grupo e conversando com a Tia Glorinha sobre a felicidade das crianças nos ensaios e sobre a importância do trabalho realizado nas oficinas do projeto ‘Salgueirar vem de criança’

Adriane: Tia Glorinha é muito bonito ver as crianças felizes aprendendo a tocar os instrumentos na oficina de percussão.

Tia Glorinha: formamos tanta gente. Tantas crianças, hoje grandes, adultos, passaram por aqui, por mim. Tem mestre sala em escola grande, tem ritmista” (Notas do diário de campo, 16/10/2022)



Figura 15 - Apresentação do pavilhão

Atualmente a Tia Glorinha atua como vice-presidente da agremiação mirim. Estando presente na Escola desde a sua fundação atuando até mesmo antes, como ela diz “*na época da Alegria da Passarela*”. O trabalho realizado por ela na Escola Mirim perpassa toda organização do carnaval das crianças, com o foco principalmente na elaboração das fantasias. É a Tia Glorinha responsável pela oficina de alegorias e adereços do projeto desenvolvido pela agremiação, que atende jovens e adultos, ensinando os saberes da confecção e aviamentos das indumentárias que a todos encantam nos desfiles.

A cada ensaio Tia Glorinha está presente sempre observando e acompanhando as crianças, incluindo seus netos, à medida que, toda a sua família participa da agremiação mirim. O papel de ensinar os saberes da cultura do samba apreendidos ao longo de sua trajetória dentro da agremiação ocorre nas trocas construídas e nas falas de agradecimentos que frequentemente são dirigidas pelos aprendizes mais velhos a Tia Glorinha evidenciando o papel fundamental exercido por ela no processo de aprendizagem do tornar-se sambista das crianças (hoje adultos) e também das crianças que estão na agremiação mirim.

Nesse caminhar, identifica-se que as Tias do Aprendizes do Salgueiro são figuras importantíssimas na configuração da Escola. É o trabalho dessas mulheres que corrobora para a continuidade da agremiação mirim, evocando os saberes tradicionais do passado atrelados as dinâmicas e saberes das crianças aprendizes do presente. Desse modo, ressalto novamente que por meio das relações intergeracionais, nos diversos espaços da agremiação, o processo de aprendizagem do ser sambista, especificamente, ser um Aprendiz do Salgueiro acontece.

3.3- O bailar que encanta: o casal de mestre-sala e porta-bandeira

Conforme defendido desde o início do presente trabalho é o campo que oferece a demarcação no processo etnográfico. Nessa direção apresentou-se fundamental destacar as relações e trocas observadas entre os casais de mestre sala e porta-bandeira ao longo dos ensaios do Aprendizes do Salgueiro.

Gonçalves (2010) apresenta o bailar do casal mestre sala e porta-bandeira como a dança nobre do carnaval, que segue seus próprios rituais, configurados na tríade homem, mulher e bandeira. Gonçalves pontua que “na essência, uma escola está presente quando seu casal baila com sua bandeira, marca e anima sua existência. É feita para ser vista e para fazer interagir. E dá a dimensão de continuidade no tempo” (Gonçalves, 2021, p.314). A dança do mestre-sala e da porta-bandeira foi uma das artes carnavalescas que no trabalho de campo esteve presente ao longo de todo período de observação e participação. Uma das artes do carnaval que me envolveu e me encantou.

Apresentar o pavilhão da Escola de Samba é um dos processos ritualísticos mais importantes do desfile carnavalesco. A bandeira é desfronhada pela porta-bandeira que em seu bailar, na sua dança acompanhada do mestre-sala apresentam o pavilhão para o público. A bandeira e sua materialidade é envolvida por significados próprios, que de segundo Duarte (2020) aciona o *ethos* comunitário sobre a tradição, incorporando a defesa do pavilhão e o modo como a materialidade carrega a memória e as histórias da agremiação.

“ As crianças já estavam organizadas para começar o ensaio. Os casais mirins de mestre-sala e porta-bandeira aguardavam ao lado do palco para receber o pavilhão e assim iniciarem o ensaio. Fiquei atenta aos movimentos do grupo, pois sabia que se segue todo um processo de ritual para a retirada da bandeira e entrega para as crianças. Um ritual de respeito e cuidado. Tia Glorinha então retirou a primeira bandeira do mastro, com um total de 4 bandeiras, para entregar ao primeiro casal, as crianças próximas olhavam atentas para esse movimento. Com cuidado Tia Glorinha, de cima do palco, entregou a bandeira para a diretora Fabiana que também estava ajudando na organização dos casais naquele ensaio. Ao entregar a bandeira para o casal, curvou-se e colocou as duas mãos no peito, em um sinal de respeito ao pavilhão (...) Para que o casal se apresentasse foi aberto um espaço na quadra para que o bailar fluísse e a bandeira girasse no ar sem correr o risco de bater em algo ou em alguma criança. Era um momento especial e exclusivo do mestre-sala e da porta-bandeira da agremiação mirim (...) Ao longo da dança de apresentação o primeiro casal conduziu a bandeira para apresentar a presidente da Escola Mirim. Ao receber a presidente posicionou uma mão sobre a outra para beijar o pavilhão e curvou um pouco seu corpo em sinal de respeito. As crianças menores ao começarem a realizar a sua apresentação seguiram o mesmo caminho do primeiro casal, conduzindo a bandeira para que a presidente da agremiação mirim a reverenciasse” (Nota do diário de campo, 28 de novembro de 2021)

O ritual apresentado pela nota de campo se repetia em todos os ensaios da agremiação mirim, com algumas diferenças no que tange ao adulto que entregava as bandeiras para as crianças, assim como a quantidade de criança que estava presente no ensaio, posto que, em alguns ensaios não tinham bandeiras para todas as meninas porta-bandeiras que aguardavam para ensaiar. Assim era necessário bailar simulando que estavam segurando a bandeira enquanto aguardavam a apresentação umas das outras para realizar a troca e efetivamente ensaiar sua dança carregando o pavilhão.

Destaco aqui novamente a importante construção das relações intergeracionais. O primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da agremiação mirim são adolescentes, enquanto os demais são crianças mais novas que participam da oficina do projeto “Salgueirar vem de criança”. No decorrer das oficinas do projeto as crianças dançavam entre si, não importando a idade, a altura, a desenvoltura. As trocas e os processos de aprendizagem eram construídos no fazer da dança, nas conversas, no olhar atento dos mais velhos em direção ao mais novos. Tais rituais, processos, movimentos, interações, saberes compartilhados, evidenciavam processos de ser mestre-sala e porta-bandeira próprios do ser Aprendiz do Salgueiro.

Gonçalves (2010) ressalta que como parte da continuidade da dança, do bailado do casal de mestre-sala e porta-bandeira, as formas de transmissão do conhecimento entre gerações, que se fazem pela observação e pelo treinamento são fundamentais. Nas vivências do campo tal aprendizado era perpassado também pela dimensão das relações afetivas construídas entre mestres e aprendizes. São os afetos pela agremiação mirim, pela arte da dança, pelo pavilhão, que constituem os processos de aprendizagem do tornar-se sambista dentro da agremiação mirim investigada.



Figura 16- Casal de mestre-sala mirim e porta-bandeira mirim

A arte carnavalesca perspectivada na dança, no bailado do mestre-sala e da porta-bandeira também eram vivenciados pelas crianças aprendizes na troca com os adultos da agremiação Mãe como por exemplo o primeiro casal de mestre sala e porta da bandeira que frequentavam alguns dos ensaios da agremiação mirim, observando e conversando com as crianças aprendizes do samba. Aqui é importante pontuar, conforme a fala da interlocutora Tia Glorinha já destacada no presente estudo, que muitos dos atuais sambistas foram Aprendizes do Salgueiro. Nesse sentido, as trocas possibilitadas pelos encontros nos ensaios, o sentimento de inspiração perpassado pela dimensão do carinho e amor pelo pavilhão ficavam evidenciados nos diálogos e feições que as crianças esboçavam.

“Hoje no ensaio, o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira do Acadêmico do Salgueiro esteve presente e foram

apresentados para todos na quadra pela presidente da agremiação mirim. O casal falou ao microfone com as crianças presente no ensaio sobre a importância de se dedicar e treinar bastante para serem mestre-sala e porta-bandeira, mas nunca deixando de se divertir. Moises, mestre sala mirim, os observava atentamente. Me aproximei para conversar.

Adriane: Oi Moises, tudo bem?

Moises: Oi, tudo sim!

Adriane: Sua roupa de mestre sala é tão bonita

Moises: Obrigada, eu gosto muito de ser mestre sala.

Adriane: Você ensaia muito?

Moises: Sim, eu ensaio bastante em casa e aqui na quadra.”

(Notas do diário de campo, 17/03/2022)

Em todos os ensaios que observei a participação de Moises na Escola Mirim, percebi que ele adentrava na quadra para os ensaios vestido com um terninho e uma calça branca, outras vezes vermelha, sapatos que também alternavam entre as cores branca e vermelha, a roupa característica de um mestre-sala, estando sempre elegante e com a roupa completa. Moises se destacava nos ensaios, por ser uma das crianças mais novas dançando como mestre-sala e pela sua desenvoltura com a arte da dança. No ensaio do relato apresentado, observei que Moises estava atento as falas do primeiro casal de modo que na nossa conversa tornou-se notório o seu interesse pela arte de ser mestre-sala e pela dança.

As observações no campo evidenciaram que a dimensão da aprendizagem através das relações intergeracionais novamente se constrói e fortalece a medida que os adultos da Escola Mãe se aproximam, conversam e trocam saberes com as crianças aprendizes. Os casais mirins são atores protagonistas nos ensaios e incumbidos de uma responsabilidade grandiosa de carregar e apresentar o pavilhão, Moises e as demais crianças aprendizes que compõem os casais de mestre-sala e porta-bandeira cumprem essa responsabilidade nos atentando para o fato de que as crianças são protagonistas no decorrer de todo percurso do aprendizado dos saberes do samba, assumindo seus próprios lugares e encontrando suas próprias maneiras de manter a continuidade do bailar que a todos captura.

3.4- O coração da Escola: a bateria Furiosinha

A batida forte e intensa do surdo, os sons agudos do chocalho e do tamborim, o apito que convoca a bateria, a subida do repique que anuncia para todos o início do samba, o início do ensaio. O chamado coração da Escola de Samba, a bateria, que dita o ritmo que a Escola deve seguir na apresentação do seu desfile. O coração do Aprendizes do Salgueiro é a bateria Furiosinha. Acredito que o meu lugar como ritmista tenha encorajado o meu interesse investigativo mais próximo aos ritmistas mirins, de modo que, ao longo do trabalho de campo fui imersa e envolvida pelas relações que estabelecia no decorrer da participação nos ensaios e também oficinas do Aprendizes do Salgueiro.

Recordo da minha entrada em campo, no meu primeiro dia acompanhando e observando o ensaio da agremiação mirim, naquele momento, dia 21 de novembro de 2021, eu não conhecia as crianças, mas fui enlaçada e capturada pelas suas ações e movimentos com os instrumentos que em sua materialidade convidavam as crianças a experimentações e descobertas dos sons e do ritmo do samba. Dois anos depois, no desfile do Carnaval mirim de 2023, no dia 21 de fevereiro, me percebi reflexiva, observando que as mesmas crianças que estavam no meu primeiro dia em campo, e que agora, maiores, mais maduras com relação aos instrumentos que tocam, finalizavam um ciclo de ensaios e dedicação desfilando na passarela do samba.

A bateria Furiosinha é formada por ritmistas mirins de diferentes idades que tocam surdo, caixa, tarol, repique, chocalho e tamborim. A maioria dos ritmistas são meninos, mas ao longo do processo investigativo e com o início das oficinas do projeto de percussão observei que presença e participação das meninas na bateria se ampliou. A bateria tem um espaço próprio na quadra, a sala da bateria. Um local organizado e utilizado pela bateria da Escola Mãe mas que assim como toda a estrutura da quadra, é compartilhado com a agremiação mirim. A sala de bateria possui um amplo espaço para guardar os instrumentos e reunir os ritmistas, ao chegarem na quadra no dia do ensaio. Os ritmistas mirins logo que adentram a quadra se encaminham direto para a sala para buscar seus instrumentos, conversar, brincar e principalmente tocar.

A sala de bateria é dividida em espaços, conforme apresentado na planta abaixo, as crianças aprendizes do Salgueiro utilizam o espaço principal que é a sala dos instrumentos. Nesse local ficam guardados em grandes prateleiras de ferro os instrumentos utilizados nos ensaios. Outros elementos compõem a sala, como uma mesa utilizada para a realização da manutenção dos instrumentos, ferramentas para a manutenção, cadeiras de plástico vermelha e um sofá que convidam para conversas e trocas.

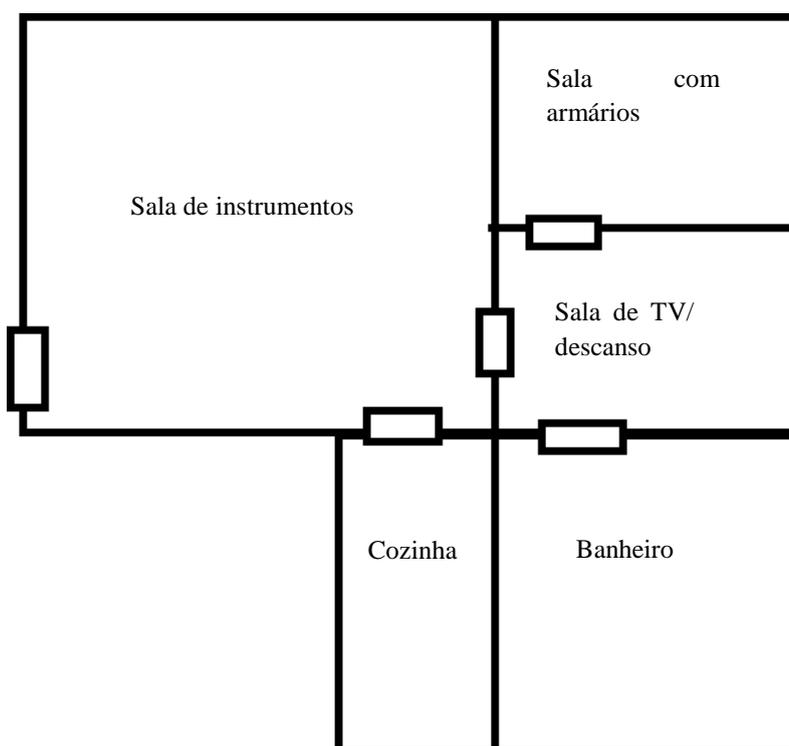


Figura 17 – Planta da sala de bateria

A bateria mirim segue as mesmas características da bateria adulta, tendo uma organização de comando que possui uma hierarquia no que tange a sua estruturação: mestre de bateria, diretores e ritmistas. O mestre de bateria é o responsável por toda bateria, realizando os sinais para as mudanças no ritmo, os toques dos instrumentos, a criação das bossas para o samba, é a pessoa que comanda e coordenada a bateria como um todo. Os diretores de bateria são responsáveis por cada naipe de instrumento, transmitindo ao grupo os sinais e mudanças que o mestre executar. Os ritmistas são a base da bateria, as pessoas que tocam os instrumentos ditando o ritmo do samba no ressoar dos instrumentos.

Observei no curso investigativo que apesar da hierarquia entre os aprendizes existir no que concerne a organização da bateria, as trocas e aprendizados ocorrem de forma horizontal. As crianças trocam e aprendem entre si, auxiliando e ajudando uns aos outros. Tais trocas ocorriam tanto na sala de bateria, no primeiro contato das crianças com os instrumentos assim que chegavam na quadra, como também ao longo de todo ensaio, quando já organizados no centro da quadra começavam a tocar o samba.

Enquanto nos momentos de ensaio a sala de bateria funcionava como local de refúgio para os ritmistas mirins, nos dias de oficina de percussão do projeto “Salgueirar vem de criança”, a sala se transformava em uma sala de aula, no sentido de local de troca de saberes entre os aprendizes no processo de aprendizado dos instrumentos da bateria para um grupo de crianças que estavam chegando na agremiação mirim. As aulas das oficinas eram conduzidas pelo mestre da bateria Furiosinha, que organizava a sala com os instrumentos. Participei de maneira bem próxima das oficinas auxiliando na inscrição das crianças e na organização das dinâmicas e do espaço. As crianças eram divididas por faixa etária de idade, em quatro grupos. As aulas eram realizadas em dois dias da semana (terça-feira e quarta-feira), sendo dois grupos por dia. A participação dos aprendizes mais antigos nas oficinas eram constantes, eles observavam e ajudavam os recém-chegados nos saberes próprios de ser ritmista. Observei no decorrer o trabalho de campo que a todo momento as trocas entre as crianças ocorriam de múltiplas formas, através dos gestos de incentivo, dos sorrisos, dos olhares. No auxílio para colocar o talabarte para dá suporte ao instrumento no corpo, até falas como “*vai, você consegue tocar, vai devagar*”.



Figura 18 - Ritmistas mirins



Figura 19 - Ritmistas mirins

Uma pedagogia própria se construía através das relações que eram estabelecidas entre as crianças recém-chegadas, os aprendizes mais antigos e o mestre da bateria mirim. A comunicação, a escuta, o diálogo, o protagonismo e a participação de todas as crianças possibilitava que no decorrer das aulas o aprendizado dos conhecimentos singulares do universo do samba, da bateria e mais especificamente do contexto da Escola Mirim se efetivasse, tanto nos momentos da oficina de percussão quanto nos ensaios na bateria mirim.

A comunicação e o intercâmbio de conhecimentos só se torna possível se a voz das crianças for considerada não como um mero elemento instrumental, a que se recorre na ação didática para replicar a voz do saber instituído (e, portanto, a do adulto-professor) ou para exprimir a sua incerteza e dúvida ante o conhecimento comunicado, mas como substância mesma do ato educativo: a expressão verbal de um saber (que é também incorporado de valores) que se vai construindo na exata medida em que se exprime. (SARMENTO, 2005, p. 35)

O intercambio de conhecimentos como Sarmiento (2005) evidencia se efetivava no decorrer das aulas da oficina da percussão através das metodologias

próprias utilizadas pelo mestre de bateria que entrelaçava a escuta, a participação e protagonismo do grupo. A oficina de percussão se constitui como *locus* de formação de novos ritmistas para o Aprendizes do Salgueiro, assim como o Aprendizes do Salgueiro se constitui com *locus* de formação de ritmistas para a bateria Furiosa. E aqui é importante ressaltar um movimento fundamental para o presente estudo no que concerne a dimensão do processo de aprendizagem do movimento de tornar-se sambista, isto é, a ida dos aprendizes para a bateria adulta.

Em sua pesquisa Barros (2016) aponta os processos de mudanças e transformações da bateria Furiosa, do Acadêmicos do Salgueiro, ressaltando que no período de investigação o então mestre da bateria teria proporcionado uma renovação dos quadros da ala ao convidar muitos jovens oriundos da Escola de Samba Mirim.

Para Marcão, tal renovação se expressou também em uma mudança na estética sonora do grupo de percussão: “... as gerações vão vindo e vêm trazendo coisa nova” (entrevista de Marcão em 2010). A “coisa nova” trazida por tais jovens eram justamente arranjos sonoros e coreográficos que, em épocas anteriores, não eram praticados pela bateria da Acadêmicos (Barros, 2016, p.334)

Barros (2016) destaca que o movimento de renovação a bateria da Escola Mãe empreendeu-se com o movimento de trazer as crianças ritmistas do Aprendizes do Salgueiro para a bateria adulta. Nos termos nativos, alguns aprendizes foram selecionados pelos atuais mestre de bateria da agremiação Mãe para “*subir*” para a bateria Furiosa. No processo investigativo da presente pesquisa observei que esse movimento de “*subir*” e de “*puxar*” as crianças e jovens da bateria mirim para a bateria adulta se manteve e foi se consolidando ao passo os atuais mestres da bateria da Acadêmicos do Salgueiro, Guilherme e Gustavo, selecionaram e convidaram 5 meninos e 1 menina da bateria mirim para realizar com eles o trabalho de refinamento e “limpeza” do toque do instrumento caixa.

Assim, observava que durante os ensaios da bateria da Escola Mãe, no qual eu frequentava enquanto ritmista, os aprendizes também estavam presentes e participavam. Em uma conversa com o grupo em uma quinta-feira de ensaio da agremiação Mãe pude compreender melhor a presença deles no ensaio dos adultos.

“Adriane: Oi pessoal, vocês estão perdidos por aqui?
Marcelinho: Não po os mestres chamaram a gente.

Adriane: Como assim? Vocês já vão tocar na Furiosa?

JP (João Pedro): Espero que sim .

Todos riam

Adriane: Mas vocês estão tocando caixa, é isso?

Fabricio: É po, os mestres tão trabalhando com a gente antes do ensaio. Ai ficamos tocando com eles. Limpando o som. Eles querem subir a gente.

Adriane: Mas você já toca chocalho com a gente.

Fabricio: Eu sei, eu não vou tocar caixa, mas sim os meninos. E eu treino para a outra escola que vou tocar e desfilar.

JP: A gente ta treinando e ensaiando para “subir”

Adriane: Por isso que no sábado vocês estavam aqui né, tocando no palanque.

JP: Isso, os mestres estão dando oportunidade, estamos aproveitando. ” (Notas do diário de campo, 07/12/2022)

A relação mestre-aprendiz, aprendiz-mestre, Escola Mirim e Escola Mãe, se consolida nas trocas realizadas entre os sujeitos que compõem esses núcleos principalmente por meio da bateria. O som que une a todos nos ensaios das agremiações, unifica também a relação de aprendizado, engendrando sonhos e desejos dos aprendizes, evidenciando que no processo de aprendizagem de tornarem-se ritmistas os aprendizes já são sambistas no presente. A possibilidade de “*subir*” concretiza um aprendizado que se principia na Escola Mirim, nas atuações dos aprendizes como protagonistas de seus processos de aprendizados.



Figura 20 - Ensaio da bateria mirim

3.5 – Os desfiles do GRCEM Aprendizes do Salgueiro: os carnavais de 2022 e 2023

O tempo corre muito rápido, e o tempo do carnaval corre mais rápido ainda, posto que, a sua não linearidade e a sua intensidade faz com que inúmeros movimentos se realizem ao mesmo tempo, os ensaios, as oficinas, a organização das festas, a elaboração do enredo, do samba, das fantasias, dos carros alegóricos. São momentos e movimentos que se entrecruzam até que então o dia aparentemente distante finalmente chega, o dia mais esperado por todas as crianças, o desfile na Marquês de Sapucaí.

O desfile das Escolas de Samba configura-se como o ritual vivo de culminância do trabalho construindo ao longo do ciclo carnavalesco. É, conforme as crianças dizem, “*o grande dia*” sendo vivenciado por cada um a seu modo.

As escolas de samba com seu desfile festivo são um caso exemplar da eficácia dos rituais, que expressam questões sociais seríssimas, e os pesquisadores conseguem acessá-las de uma forma criativa, diferente do usual. Outra coisa importante é que estamos falando da cultura contemporânea, de coisas que estão acontecendo. São processos vivos. Os rituais são reflexivos, além de serem artísticos e expressivos. O carnaval comporta uma imensa heterogeneidade. Mas as escolas de samba são singulares nesse contexto, e por quê? No seu processo ritual anual elas articulam permanentemente grupos sociais distintos, grupos étnicos diversos em torno do objetivo comum de levar um enredo para a passarela e idealmente ganhar a disputa com as demais escolas. Um enredo é como uma moeda que permite uma troca cultural muito ampla que atravessa, no caso do Rio de Janeiro, a cidade inteira e que se espalha mesmo para várias cidades do país que respondem, também, de volta com as suas próprias trocas. É um diálogo ativo com muitos pontos de interlocução, que conseguem se espalhar mesmo para além das fronteiras nacionais. (Gonçalves, 2022, p.305)

No processo desta pesquisa vivenciei e participei de dois desfiles da agremiação mirim Aprendizes do Salgueiro. O desfile do Carnaval de 2022 com o enredo “Rio de lá para cá”, no qual cheguei na agremiação para a minha imersão no campo nos últimos preparativos e ensaios para o carnaval. E o Carnaval de 2023 com o enredo “Salve o mestre do Salgueiro”, no qual estive presente desde a sua escolha, no decorrer dos processos de preparação, ensaios e finalmente o dia do desfile.



Figura 21- Tema do enredo do Aprendizes do Salgueiro para o Carnaval de 2022.



Figura 22- Tema do enredo do Aprendizes do Salgueiro para o Carnaval de 2023.

No Carnaval de 2022, o Aprendizes do Salgueiro foi a oitava Escola Mirim a desfilar, fazendo uma reedição do enredo de 1994 da Escola Mãe Acadêmicos do Salgueiro " Rio de cá pra lá". Foi ao meu primeiro desfile do Carnaval Mirim não somente enquanto pesquisadora, mas enquanto foliã.

“Estava animada, nervosa e com expectativas com esse momento do desfile pois pela primeira vez experenciei o carnaval mirim como pesquisadora e como foliã. Encontrei com as diretoras da Escola e com algumas crianças na quadra da agremiação de onde saíria um ônibus para o desfile. Na quadra as diretoras estavam finalizando os últimos ajustes de preparação que era a montagem dos lanches das crianças, um saquinho com biscoitos, doces e um guaraná natural. Um grupo de crianças da comissão de frente já estavam com as suas fantasias e realizavam um último ensaio. Os diretores da bateria mirim já tinham organizado o caminhão com os instrumentos e se preparavam para entrar no ônibus. Logo percebi que na concentração do desfile iriam acontecer muitas coisas ao mesmo tempo, pois é de responsabilidade dos responsáveis levarem suas crianças sendo fundamental assim que chegarmos colocarmos as pulseiras de identificação

Renata: Dri tem caneta?

Adriane: Tenho sim Re.

Renata: Então toma essas pulseiras e coloca em todas as nossas crianças que tu ver sem. Todas têm que estar com essa identificação por conta do Conselho Tutelar, é uma segurança para as crianças.

Adriane: Entendi, já estamos indo?

Renata: Sim , já acabamos por aqui , vamos ver se o ônibus chegou, tem um grupo que vai direto, não vem na quadra. São muitas crianças, a concentração fica cheia. Somos do lado do

balança³², temos que ficar atentas a tudo e a todos ao mesmo tempo

Adriane: Entendi, vamos que já deu tudo certo” (Notas do diário de campo, 24/04/2022)

Assim como o desfile das agremiações adultas, as crianças ficam esperando na concentração o horário para o início do desfile de sua Escola. A chegada do ônibus na quadra até a chegada ao desfile foi um trajeto rápido, a crianças que ali estavam brincavam e conversavam. Ao chegar na concentração encontramos com as crianças, seus responsáveis e diretoras da Escola que já estavam aguardando. Eram muitas crianças fantasiadas, de todas as Escolas Mirins que iriam desfilar. Me emocionei ao observar crianças das mais diversas idades e lugares das cidades, reunidas pela cultura do samba, pela festa e ancestralidade que constitui o Carnaval.

Foi necessário esperar um pouco até a vez do Aprendizes do Salgueiro adentrar na Avenida. No decorrer desse momento de concentração e espera continuei observando, conversando e brincando com as crianças. Aquele momento era totalmente novo para mim enquanto pesquisadora e enquanto sambista. Busquei estar a todo tempo em contato com os aprendizes trazendo o que Geertz (2014) em seu texto, “Do ponto de vista dos nativos”, coloca como “experiência próxima”

Em vez de tentar encaixar a experiência das outras culturas dentro da moldura desta nossa concepção, que é o que a tão elogiada “empatia” acaba fazendo, para entender as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção, e busquemos ver as experiências de outros com relação à sua própria concepção do “eu”. (GEERTZ, 2014, p. 63)

O anunciar do início do desfile da quinta escola gerou o movimento de preparação do Aprendizes do Salgueiro. As crianças foram organizadas nas suas respectivas alas, os ritmistas pegaram seus instrumentos e se organizaram dentro da bateria, as diretoras adultas que passavam as informações acerca do final do desfile para os responsáveis assumiram seus postos dentro do corpo da Escola acompanhando as alas seguindo o roteiro do desfile que se configurava como o

³² A concentração das Escola de Samba (adultas e mirins) para entrarem na Avenida Marquês de Sapucaí se dividem em dois locais: o lado do Balança (referência ao nome do prédio que marca o início da concentração) e o lado dos Correios (referência ao nome do prédio que marca o início da concentração)

mapa com a ordem de entrada de todas as alas e componentes da agremiação mirim na Avenida. Naquele momento eu estava um tanto quanto perdida defronte a todo movimento que tinha se instaurado fiquei ao lado da bateria, auxiliando as crianças menores com os instrumentos e ajudando no deslocamento ao longo da Marquês de Sapucaí.

Tinha chegado a hora de todos os processos de aprendizagem, de todo esforço nos ensaios serem apresentados ao público que assistia ao desfile mirim. As crianças felizes, sambavam, pulavam e cantavam o samba que embalava o desfile do Aprendizes. A bateria estava parada no recuo possibilitando observar de modo geral todos os ritmistas mirins que estavam concentrados em executar todas as convenções ensaiadas. O apito indicava quando alguma alteração seria realizada. As passistas ao passarem na frente da bateria com suas fantasias com muito brilho e cores brincavam e sambavam. Os casais de mestre-sala e porta-bandeira dançavam e bailavam, apresentando o pavilhão para o público presente. Avistei Tia Glorinha do outro lado da Avenida, chorando, emocionadíssima com as crianças desfilantes. Os afetos transbordavam, pois, naquele momento se concretizava e materializa na Avenida todos os preparativos que ocorreram para o Carnaval. Os afetos que se manifestavam nas relações construídas entre os aprendizes e entre os adultos que compõem a Escola Mirim estampava-se nos sorrisos e choros, na energia que pulsava naquela noite.

Após trinta minutos na passarela, o desfile do Aprendizes do Salgueiro estava chegando ao seu fim. Novamente o tempo, que corre rápido, fez com o que o trabalho e construção de todo um ciclo carnavalesco, principalmente um ciclo carnavalesco de pós pandemia, chegasse ao final. Ou melhor fosse recomeçado, pois logo chegaria o Carnaval de 2023.

“Antes de me despedir
Deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final

Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba acabar
O morro foi feito de samba
De samba para gente sambar” (Alciana, 1975)

Após a chegada do desfecho do Carnaval de 2022, há no contexto das Escola de Samba um tempo de suspensão, uma pausa, um descanso que caracteriza o ciclo carnavalesco. O retorno as atividades ocorrem por volta do mês de junho/julho, marcando os processos de reorganização das Escolas de Samba e indicando também o meu reencontro com o campo. Esse movimento de entradas e saídas, encontros e reencontros com o campo só é possível pelos sentidos e movimentos que o campo investigado possui.

Dessa maneira, retornei à quadra juntamente com regresso das atividades das oficinas do projeto “Salgueirar vem de criança”, vestida de pesquisadora e diretora, agora tendo construído e consolidado relações com os adultos e crianças da agremiação mirim participei do processo de produção do carnaval de 2023 por inteiro. Toda criação se iniciou na escolha do enredo.

“No movimento de retorno das atividades da agremiação mirim, fui até quadra para receber os responsáveis das crianças que realizavam as inscrições de seus filhos e filhas nas oficinas do projeto da Escola. O retorno das oficinas foram divulgados nas redes sociais da Escola Mãe e também da agremiação mirim. Estava presente na quadra somente as diretoras Renata, Fabiana, Tia Glorinha, Susi e Edna. Colocamos mesas e cadeiras logo na entrada da quadra e começamos a conversar enquanto aguardávamos os responsáveis chegarem. O assunto com relação ao enredo do próximo ano surgiu.

Fabiana: O carnavalesco quer colocar o enredo sobre aquela moça, esqueci o nome dela.

Renata: Mas ela tem alguma coisa a ver com o Salgueiro?

Tia Glorinha: Sei lá dessa mulher. A gente tem que resgatar o que é o nosso, do salgueiro para as crianças, contar a história da escola.

Fabiana: A gente podia falar do mestre Louro né, das coisas que ele fazia.

Tia Glorinha: Ih é tanta história. Ele vinha com aquele cabelo todo bagunçado, abrindo os braços. Ele era brabo com a bateria tá.

Adriane: O mestre Louro foi anos mestre da bateria né.

Tia Glorinha: Minha filha, ele ficou anos no Salgueiro, anos. Foi campeão tá na década de setenta. Tem muita história para contar...” (Notas do diário de campo, 13/07/2022)

A ideia que surgiu naquela noite foi desenvolvida e elaborada transformando-se no enredo do carnaval de 2023 do Aprendizes do Salgueiro, a construção de uma homenagem ao mestre Louro, antigo mestre da bateria Furiosa

do Acadêmicos do Salgueiro. Além do enredo que naquela noite nascia, as inscrições nas oficinas fora um sucesso e então iniciou o novo ciclo carnavalesco para 2023 assim como a nova etapa do processo de pesquisa.

Ao longo dos caminhos percorridos na pesquisa foi fundamental estar aberta as possibilidades que o campo apresentava. Duarte (2020) ressalta que a Etnografia só será possível numa afinação com o campo sendo construída e constituída por esse lugar, tendo a observação a ver com a inscrição do pesquisador, ou seja, uma proximidade que além de física precisa ser social. E foi por essas vias que ao longo da participação e observação nesse reencontro, fui me afinando ao campo, até chegarmos ao dia do desfile do carnaval de 2023.

No decorrer do ciclo carnavalesco de 2023 fui construindo vínculos e afetos com os sujeitos interlocutores de pesquisa. Tal relação foi constituída conforme a intensidade que vivia esse lugar, estando presente, fazendo-me presente, e não somente como observadora, mas como quem partilhava esse/desse lugar com os sujeitos que lá estavam, principalmente com as crianças no decorrer da realização das oficinas. Confesso que não sei ao certo localizar em que momento esse vínculo foi efetivamente firmado, mas sei dizer que firmou, durante o processo de pesquisa e foi acontecendo, muito mais do que dizer efetivamente senti isso. Os abraços calorosos que recebia das crianças assim que chegava na quadra, as conversas, as brincadeiras, as mensagens, os convites para ir em aniversários. Afeto na dimensão não somente sentimental, de acolhida, mas afeto na dimensão do afetar-se, do mover-se, do refletir, de aprender com as crianças, com as vivências no campo os sentidos da pesquisa, de ponderar acerca de um processo de educação de um conhecimento específico que ocorrer de maneira não escolar, pelo viés as relações entre os aprendizes e que no desfile se consagra. O desfile de 2023 foi além de uma consagração do processo de construção do carnaval e dos saberes sambistas foi também um movimento de resistência e de manifestação de amor que envolve os sujeitos que frequentam a agremiação com relação a própria Escola.

“Diferente do desfile do ano passado, esse ano eu não consegui ir para a quadra da escola. Me encontrei diretamente com o grupo no espaço da concentração que seria do lado dos Correios. No sorteio da ordem de desfiles fomos a 15ª escola a desfilar, a penúltima do dia. A ansiedade estava a flor da pele. No caminho para o ponto de encontro fui atravessada por imprevistos e cheguei no local juntamente com o ônibus da escola. As crianças animadas já desciam do ônibus com as pulseiras de identificação

preparada. Recebi abraços calorosos de cada criança que descia do ônibus, todas já fantasiadas. As diretoras adultas que estavam no ônibus desceram com algumas caixas de papelão com biscoitos dentro, percebi que o lanche desse ano fora diferente do ano anterior. As crianças receberam um pacote de biscoito doce, um pacote de biscoito salgado e um guaraná natural... Após todos descerem caminhamos todo o grupo junto a fim de encontrarmos as demais crianças que já tinham chegado no ponto de encontro. Todos animadíssimos, pulando, cantando. Já estava anoitecendo e o céu estava com poucas nuvens, não fazia calor, o clima estava agradável.

Ao encontrar todo o grupo me dirigi ao caminhão da bateria, onde os instrumentos ficam guardados e os ritmistas mirins ficam todos próximos brincando e conversando. O desfile desse ano era a estreia do grupo de crianças que entraram na oficina de percussão do projeto. A turma dos mais novos (crianças de 6 e 7 anos) ensaiaram para desfilar tocando o instrumento chocalho, eles gostavam de outros instrumentos também, porém devido ao tamanho e força exigida também para andar e tocar e por serem muito novos, o instrumento da bateria mais leve para eles se apresentarem era o chocalho. Estavam todos muito felizes. Fotos e vídeos eram realizados, responsáveis orgulhosos, diretores adultos orgulhosos do trabalho que tinha sido construído junto com as crianças. As fantasias feitas pelo projeto de alegorias e adereços estavam todas coloridas, com acabamento singular. As passistas com seus saltos, maquiagens e fantasias repletas de pompons vermelhos se preparavam para o grande momento de sambar na Avenida. Conversei com os grupos de crianças que estavam próximas ao caminhão, e depois como no ano anterior passei nas alas verificando as pulseiras de cada criança e colocando a identificação naquelas que estavam chegando. O momento aguardado por todos se aproxima. Aos poucos as diretoras começaram a chamar as crianças para se organizarem nas alas, seguindo o cronograma do desfile. Fui caminhando pela Escola, observando as fantasias e fazendo alguns registros fotográficos e de vídeo. Percebo então que começa a cair pequenos pingos de chuva. Paro para ajudar a primeira porta-bandeira da escola a terminar de vestir a sua roupa. Um vestido volumoso branco com manchas em vermelhos, cheio de pompons também vermelhos. Na cabeça ela usava um boné, metade vermelho, metade branco e com pedras brilhantes coladas. Parei para ajudar pois percebi que o zíper que fechava a parte das costas estava emperrado. Estávamos eu, o mestre-sala, a porta-bandeira e a sua responsável tentando fechar o vestido quando então percebemos que chuva começava a ficar mais forte. Repentinamente começou um toró muito forte. Uma tempestade gigante. Foi um corre-corre para proteger as crianças. Não tinha nenhum lugar com abrigo para deixar as crianças. Os ritmistas mirins todos entraram dentro do caminhão com os instrumentos, alguns responsáveis optaram por ir embora com as crianças. Não sabíamos o que iria acontecer. Percebi que as crianças estavam chorando muito, não pela chuva, mas pela possibilidade de o desfile ser cancelado. As informações não chegavam e a intensidade da chuva não diminuía. As ruas já estavam alagadas, as roupas e fantasias todas molhadas. Conseguimos abrigar as crianças no prédio da Cedae que tinha uma proteção que nos permitia um abrigo da chuva. Todas as crianças encolhidas e tremendo com o frio. Na confusão que tinha se formado uma cena me afetou de forma intensa, foi no momento de correria e preocupação com as crianças menores,

procurando saber se todos tinham conseguido se abrigar da chuva para o local que estávamos eu me defrontei com um menino cadeirante de uma das alas que estava com seus responsáveis e outras crianças ao redor, todos molhados e com frio. O menino chorava muito, então me abaixei para falar com ele.

Adriane: Oi, você está bem?

Pedro: Eu tava animado porque eu ia desfilar, agora não vou mais desfilar.

Adriane: Calma, pode ficar tranquilo, essa chuva está muito forte, atrapalhou tudo, mas em algum momento a gente vai desfilar, se não for hoje será em algum momento.

Pedro: Olha a minha fantasia ta toda molhada. Eu queria desfilar, essa chuva, não quero chuva.

Eu tentava acalmar o menino quando um dos diretores da Escola Mirim Pimpolhos da Grande Rio, que também abrigava as crianças no prédio da Cedae, chegou e o ofereceu um algodão doce. Brinquei com Pedro perguntando se tinha gosto de nuvem, mudando um pouco o foco da conversa e buscando distraí-lo. Ele respondeu que sim. Me despedi dele falando que precisa buscar informações sobre o que iríamos fazer. Fui atrás da presidente da Escola, que assim como todos os diretores estava aflita em busca de informação da AESRIO se o desfile seria mantido. A chuva perdurou cerca de uma hora, caindo de forma intensa. A presidente conseguiu a informação de que o desfile não seria cancelado e que iríamos sim desfilar. Ao ouvirem a notícia todas as crianças começaram a pular e a gritar de felicidade. Agora a chuva já estava bem menos intensa e o molhado das fantasias não importava, o sentimento e o desejo de desfilar falava mais alto. As crianças estavam ansiosas para defender e apresentar o Aprendizes do Salgueiro na passarela do samba. Observei que muitas crianças tinham ido embora, mas as que ficaram desfilaram, sambaram e cantaram a plenos pulmões o samba da Escola. Antes de entrarmos na avenida reencontrei o Pedro, que agora sorria. Foi um desfile emocionante em múltiplos sentidos. Novamente eu estava ao lado da bateria, ajudando os ritmistas mirins mais novos e estreantes no desfile. No recuo fiquei observando a escola que passava na frente da bateria e toda a materialidade das roupas, objetos e carro dando sentidos ao enredo, observando os ritmistas mirins que acompanhei tão próximo nesse ciclo carnavalesco, avistando a Tia Glorinha, a presidente, os diretores todos chorando. A energia que pairava era forte e intensa, ao mesmo tempo que suave e repleta de alegria, aquele momento poderia ter congelado no tempo, poderíamos ficar horas na avenida brincando o carnaval nos termos do Aprendizes do Salgueiro, mas logo novamente ele, o tempo, foi passando, o desfile foi se encaminhando para o final. Na Apoteose a bateria parou. Todos abaixaram e fizeram uma bossa ritual da bateria da Escola Mãe e que agora é utilizada pela Escola Mirim. No final da bossa todos gritam Furiosinha! E após esse grito e muitos sorrisos de alegria nos despedimos da avenida para brevemente reencontrá-la no próximo carnaval” (Notas do diário de campo, 21/02/2023)

O relato do dia do desfile do Carnaval de 2023 evidencia os sentidos que as crianças Aprendizes do Salgueiro constroem sobre o movimento de ser aprendiz. O desejo de desfilar, de se apresentar pela Escola, as ansiedades. A rede de sentidos que perpassam o dia do desfile evoca reflexões acerca de todo o processo que foi construído com as crianças até ali. O sentimento de pertencimento a um lugar, os saberes compartilhados entres os aprendizes, “ *eu sou aprendiz do salgueiro*”, as relações intergeracionais que fundamentam as práticas e vivências dentro da Escola Mirim, todos os processos vivenciados ao longo do ciclo carnavalesco é no desfile apresentado.

“Sou aprendizes cria do torrão
Vermelho e branco é a minha paixão
Meu coração dispara o apto anuncia!
Furiosinha arrepia!”

(Trecho do samba enredo Aprendizes do Salgueiro 2023)

O desfile de 2023, mais ainda, o ciclo carnavalesco de 2023, foi fundamental para a elaboração das reflexões propostas ao longo da pesquisa. Na observação do processo de aprendizado do saberes do tornar-se sambista evidenciaram que na prática cotidiana nos ensaios, oficinas e posteriormente nos desfiles, as crianças nos apontam que as aprendizagens que ocorrem nas vivências e experiências, as crianças mostraram que a chuva não atrapalha algo que vem sendo ensinado a muitos anos dentro do contexto de uma Escola de Samba, a força que o coletivo possui quando os afetos se encontram com a arte, quando o som do tambor faz o corpo transbordar, quando as histórias daqueles que nos antecederam nos formam e nos constroem formando o hoje do Aprendizes do Salgueiro.

Considerações finais: a dispersão da pesquisa

A Escola de Samba, é um lugar marcado por uma cultura historicamente marginalizada e que, até hoje, carrega essas marcas deparando-se com a negação e apagamento social. Trata-se, pois, de uma cultura que traz em cena o protagonismo do povo negro e dos morros, dos subúrbios, das chamadas favelas, com seus becos e vielas onde as pessoas e as crianças transitam todos os dias. Na pesquisa afirmo o lugar da Escola de Samba e da Escola de Samba Mirim como local de construção de conhecimento e intelectualidade, no qual os saberes e conhecimentos da cultura do samba são ensinados pela primazia da oralidade e da construção das relações intergeracionais no compartilhar de experiências que constituem os modos de ser sambista. Evidenciamos no decorrer de todo trabalho que a Escola de Samba é composta por pessoas, por famílias inteiras que vivem aquele local cotidianamente. São crianças, adultos, velhos, que partilham desse espaço que é plural, diverso e identitário.

A pesquisa também destacou que a Escola de Samba é também um espaço de disputa, de modo que ao longo deste trabalho escolhi disputar esse espaço buscando trazer para a academia as narrativas que atendam os meus interlocutores, isto é, as crianças. Escolhi disputar no cerne acadêmico da Educação as narrativas das infâncias, das crianças e do samba como lugar de construção de conhecimento, de enredos que enredam as relações, que constroem o seu futuro vivenciado e alicerçado no presente.

Nesse caminhar, não me atrevo a escrever considerações finais, engessando o estudo numa conclusão única, mas sim em apresentar continuidades para provocações e reflexões. Exponho aqui a dispersão da pesquisa, no sentido carnavalesco do termo, no qual ao final de cada desfile, os componentes das Escolas de Samba e toda estrutura que a compõem vão espalhando-se, deixando da Avenida Marques de Sapucaí para tão logo reencontra-la no próximo carnaval. Aqui me espalho nas múltiplas reflexões suscitadas pelo percurso investigativo, de modo a reencontrá-las em breve, tecendo tantas outras ponderações, envolta pelo mundo do samba, pelo carnaval mirim e pelo campo da Educação

Nessas vias, pontuamos que no decorrer pesquisa buscamos dialogar com a educação das crianças dentro do contexto da Escola de Samba Mirim Aprendiz

do Salgueiro promovendo uma ampliação para pensar as relações educativas em outros contextos, trazendo a interlocução entre os saberes da Educação, da Antropologia, do Samba e das Infâncias. As crianças e seus processos de aprendizagem foram ao longo de todo processo investigativo as protagonistas da pesquisa. Foi buscando apreender os sentidos formulados pelas crianças acerca do movimento de ser um aprendiz do samba que se construiu o estudo, destacando os modos próprios de significação e ação das crianças como aprendizes do samba.

Ao longo do trabalho de campo observamos o modo como as crianças, coletivamente e nos diferentes grupos da Escola Mirim, significam e agem sobre o movimento de aprendizagem dos saberes do samba. Expôs-se que quando nos deslocamos do olhar autocêntrico e passamos a buscar compreender como as crianças vivem os momentos que partilham, estando abertos ao campo pesquisado, as observações e sentidos mudam, uma vez que é possível identificar a ação das crianças dentro do contexto das suas relações. Seu protagonismo é evidenciado, as crianças se apropriam dos saberes do samba, dos conhecimentos apreendidos dentro da quadra com os sujeitos que constituem o Aprendizes do Salgueiro, aprendem os modelos e a maneira como se é sambista dentro da agremiação, contudo o fazem a sua maneira e conforme seus interesses, reinventando e agregando elementos novos aquilo que aprendem dos adultos. Nas relações estabelecidas entre as crianças e seus pares, elas se reconhecem, se respeitam, instituem regras e práticas singulares da cultura de pares, da cultura do ser aprendiz. Toren (2010), salienta que a intersubjetividade apresentada pelas crianças evidencia as formas como elas se envolvem no mundo.

Descobrir que sentido as crianças estão dando ao mundo é importante para a análise etnográfica não simplesmente porque possibilita um relato mais completo e sutil de como a vida é vivida em qualquer esfera específica e como a transformação naquela mesma esfera é um aspecto de sua continuidade, mas porque nos possibilita tornar analíticas as categorias das pessoas cujas vidas estamos tentando analisar, seja em nossos próprios lares ou em outro lugar do mundo. Cada criança nasce em um mundo em construção cujas características locais variam em função da história de um ambiente povoado específico. Cada criança encontra assim um mundo cuja história particular é concretizada não apenas em um ambiente físico específico, mas nas relações sociais específicas onde a criança é imediatamente envolvida. E cada criança, em virtude de sua autonomia como um sistema vivo que é humano, não tem escolha a não ser dar sentido àquilo que ela encontra. Ao mesmo tempo, por criarmos significado intersubjetivamente a partir de significados que outros criaram e estão criando, segue-se que literalmente cada

ideia na cabeça de cada criança tem uma ligação com a realidade como ela é vivida. Em outras palavras, as ideias de uma criança – por mais que sejam unicamente dela – não saem do nada; elas têm tudo a ver com o envolvimento intersubjetivo dessa mesma criança no mundo (Toren, p.40, 2010)

As formas como as crianças Aprendizizes do Salgueiro vivenciam e apreendem os saberes do samba, em seu cotidiano dentro da quadra, dos ensaios, das oficinas e do desfile evidenciam a construção de um sentido de estar no mundo, de uma pedagogia que é nativa, revelando uma pedagogia própria da agremiação mirim que tem a oralidade, as relações entre aprendizes e as relações intergeracionais não como metodologia de ensino, mas como forma de vivenciar o seu próprio mundo, o seu próprio contexto. Os processos de aprendizagem do ser sambista ao mesmo passo que continuam, se renovam a cada início e término de um ciclo carnavalesco, posto que, o caminhar cíclico que se produz o carnaval não abre possibilidades para um fim, mas sempre para um recomeço. De modo que a dispersão e o recomeço são marcados pelas relações, pelas experiências anteriores, pelas aprendizagens e saberes construídos ao longo de anos que demarcam a história da agremiação mirim.

O carnaval que educa, dentro de sua pedagogia nativa, crianças e adultos, na construção de sua identidade enquanto sambista. Ser aprendiz do Salgueiro não acaba no final do desfile, ou na quarta-feira de cinzas. Nos diálogos com os interlocutores no decorrer da pesquisa compreende-se que ser aprendiz é algo para sempre. A minha estada no decorrer do trabalho de campo na Escola de Samba Mirim Aprendizizes do Salgueiro revelou que as crianças, enquanto aprendizes do samba, no sentido do devir, de vir a ser sambistas, na realidade já são sambistas no presente, na maneira como se inscrevem dentro da agremiação mirim. É por meios dos processos de aprendizagens que emergem das relações estabelecidas entre os aprendizes mirins e adultos que o sentido e o sentimento de ser sambista é construído.

“Conversando com Samuel, um dos ritmistas mirins de 8 anos de idade, descobri que ele começou a estudar música na Vila Lobos. Samuel é um menino muito ativo e participativo nos ensaios. A todo momento pega um instrumento para tocar, e percebo que possui habilidade de modo a conseguir, do seu jeito, tocar todos os instrumentos da bateria. Com frequência nos ensaios ele é chamado atenção pelos aprendizes mais velhos que pedem para ele ficar quieto para que todos possam ouvir e tocar

juntos, a medida que, na maioria dos ensaios Samuel começa a tocar nos momentos de diálogos entre os aprendizes.

Adriane: Oi Samuel tudo bem? Vi que você toca todos os instrumentos.

Samuel: Eu sou ritmista né! Por isso sei tocar. Sabia que eu vou começar a estudar na Vila Lobos?

Adriane: Caramba Samuel que bacana, e você gosta muito de tocar?

Samuel: Sim eu gosto de percussão, por isso sou ritmista. ”
(Notas do diário de campo, 10/11/2022)

A frase de Samuel “ *Sou ritmista né! Por isso sei tocar*” evidencia que os aprendizes não são ritmistas no futuro, são ritmistas no presente, são saberes que se constroem no hoje. Nessas vias, os Aprendizes do Salgueiro indicam na prática que o movimento do devir, no desejo de vir a ser, é realizado no agora, por meio do protagonismo exercido em seus processos de aprendizado dentro do contexto da agremiação investigada. É notório que no contexto do Aprendizes do Salgueiro o espaço da quadra se apresenta como um lugar envolto por relações de educação organizadas através de processos educativos estruturados em contexto local, inferindo diretamente na educação das crianças através das atividades que fazem parte dele. Dessa maneira, pensar as infâncias dentro da agremiação mirim é pensar numa infância “como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação. ” (KOHAN, 2007, p. 94). As crianças são protagonistas, agentes, autoras, são ouvidas e percebidas, construindo coletivamente, nas interações com os sujeitos que compõem a agremiação mirim, no tempo presente, no agora, os sentidos de ser um Aprendiz do Salgueiro.

Aqui a pesquisa parou, mas a vida na Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro seguiu, e seguirá pela relação intergeracional, onde novas gerações chegam para se apropriar dos elementos desse contexto sociocultural. Onde, agora, aquelas crianças que aprenderam umas com as outras, vão repassar esses conhecimentos para as que estão chegando nesse novo ciclo carnavalesco que se principia. Afinal 2024 é logo ali, o samba segue, as aprendizagens e os conhecimentos se constroem, e os aprendizes salvaguardam esses saberes sendo sambistas no presente, no agora e assegurando que “o amanhã” da Escola de Mirim “está garantido”.

Referências Bibliográficas

BARROS, Felipe dos Santos Lima de. *Na bossa da bateria: inovação, performance e drama social na Acadêmicos do Salgueiro*, 2016, 472 p. Tese de Doutorado em Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas para crianças*. São Paulo: Planeta, 2010.

_____. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015

BLASS, Leila Maria da Silva. *Desfile na avenida, trabalho na Escola de Samba: a dupla face do carnaval*. São Paulo: Annablume, 2007.

BUSS-SIMÃO, Márcia . *Antropologia da criança: uma revisão de literatura de um campo em construção*. Revista Teias (UERJ. Online), v. 10, p. 01-16, 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Os sentidos no espetáculo*. Revista de Antropologia, vol. 45, núm.1, 2002, pp. 37-78. Universidade de São Paulo. São Paulo.

_____. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Editora UFRJ, Minc/Funarte. Rio de Janeiro, 1994.

_____. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Conhecer, Desconhecendo: a Etnografia do Espiritismo e do Carnaval Carioca*. In: KURSCHNIR, Karina, VELHO, Gilberto (orgs.). *Pesquisas Urbanas: Desafios do Trabalho Antropológico*. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2003.

COHN, Clarice. *Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil*. Civitas - Revista de Ciências Sociais, vol. 13, núm. 2, maio-agosto, 2013, pp. 221-244. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____ “O ofício de etnólogo ou como ter *anthropological blues*”. In: NUNES, E. O. (org.). *Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. pp: 23-35. 1978.

DUARTE, Fabiana. *Educação das crianças na Escola de Samba: um estudo a partir das relações socioculturais na infância*, 2020, 322 p, Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “*Ser afetado*”. *Cadernos de campo*, 13:13, 155-161, 2005.

FERREIRA, Manuela; NUNES, Ângela. *Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios*. *Linhas Críticas*, Brasília: DF, v.20, n.41, p.103-123, jan./abr. 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 51º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____ *Pedagogia do Oprimido*. 42º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, Clifford. “*Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*”. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. pp. 13-41.

_____ “*Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico*”. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997. pp. 85-107.

_____ *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GONÇALVES, R. S. ; BARBIERI, Ricardo; MENEZES, Hugo. *O carnaval e a pesquisa universitária*. Antropologia, Artes e Letras em diálogo. Revista Sociologia e Antropologia, v. 12, p. 1-25, 2022

GONÇALVES, Renata de Sá. *A dança nobre do casal*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.

GORDO, Margarida do Espírito Santo Cunha. *O Carnaval é o quintal do amanhã: saberes e práticas educativas na escola de samba Bole-bole em Belém do Pará*, 2015, 215p. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

HALL, Stuart. *Identidade cultural e diáspora*. Revista Comunicação & Cultura, Lisboa, n. 1, p. 21-35, 2006.

HIKIJ, Rose Santiko Gitirana. *A música e o risco: uma etnografia da performance musical entre crianças e jovens de baixa renda em São Paulo*. 2004, 270 p, Tese de Doutorado em Antropologia Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HIRSCHFELD, L. A. *Por que os antropólogos não gostam de crianças?*. Latitude, [S. l.], v. 10, n. 2, 2018. DOI: 10.28998/lt.2016.n.2.2846. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/2846>. Acesso em: 14 dez 2022

INGOLD, Tim. *Da transmissão de representações à educação da atenção*. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

_____. *Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia*. Educação, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

_____. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

IPHAN. *Dossiê Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: IPHAN, 2014.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. In: Cadernos de Pesquisa. Revista Quadrimestral – julho 2002, nº 116. São Paulo: FCC, 2002, p. 41-59.

LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University Press, 1991.

LAVE, J. *Aprendizado como/na prática*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015

LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

LIMA, Augusto César Gonçalves. *A escola é o silêncio da batucada? Estudo das relações de uma escola pública do bairro de Oswaldo Cruz e a cultura do samba*, 2005. 283p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

LOPES, Carla Machado. *Entre educação e espetáculo: escolas de samba mirins no Rio de Janeiro* 2019, 290p. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MEDAETS, Chantal. *A aprendizagem vista pela antropologia: reflexões a partir de uma etnografia na região do Baixo Tapajós*. Horizontes Antropológicos, v. 27, n. 60, pp. 191-222, 2021

MIZRAHI, Mylene. *Figurino funk: roupa, corpo e dança em um baile carioca*. – 1ªed.-Rio de Janeiro: 7 Letras: UFRJ, 2019.

MURRAY, Marjorie, et al. *Apresendendo a volição na socialização inicial: criando “pequenas pessoas” entre famílias rurais mapuche*. In: BANNELL, R.; MIZRAHI, M.; FERREIRA, G. (orgs.) *Deseducando a educação: mente, materialidade, metáfora*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020.

NATAL, Vinícius. *Cultura e memória na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro*. 2014. 189p. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NOVELLI, C.; DUTRA DA SILVA LEMOS, Jardel. A. *Protagonismo infantil e escolas de samba mirins: quando o som dos tambores aprendizes do salgueiro tocaram (n)a bateria furiosa*. *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 739-754, dez. 2020.

OLIVEIRA, Nilza de. *Quaesitu. O que é escola de samba?* Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade, Prefeitura do Rio, 1996.

PAULA, Roberta Cristina de. *Pula alegria, acredita que acontece! Infâncias, Identidades Negras e Educação na Escola de Samba Camisa Verde e Branco- SP*.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.20, n 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

_____. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

PEREIRA, R. M. RIBES.; SILVA, Conceição F. S. ; GOMES, Lisandra O. *A infância no fio da navalha: construção teórica como agir ético*. *ETD: EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL*, v. 20, p. 761-780, 2018.

PIRES, Flávia. *O que as crianças podem fazer pela antropologia?* *Horizontes Antropológicos*. [online]. 2010, vol.16, n.34, pp.137-157. ISSN 0104-7183. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200007>. Acesso em: 22 jan 2023.

RIBEIRO, Ana Paula Pereira da Gama. *Novas conexões, velhos associativismos: projetos sociais em escolas de samba mirins*, 2009, 204 Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Centro Biomédico Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROCHA, Eloisa A. C. *Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar*. In: CRUZ, Silva Helena V. (org). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, pp.43-51.

SÁ, Guilherme Ayres. *Os Herdeiros da Vila: ensino e aprendizagem em uma bateria de escola de samba mirim*, 2013, 145p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS, Eduardo Silva dos. *Aprendendo com o samba: Vivências Educacionais de Jovens Sambistas*. Dissertação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Crianças: educação, culturas e cidadania activa . refletindo em torno de uma proposta de trabalho*. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>. Acesso em: 20 jan 2023.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TASSINARI, Antonella. *Produzindo corpos ativos: a aprendizagem de crianças indígenas e agricultoras através da participação nas atividades produtivas familiares*. *Horizontes Antropológicos* (online), v. 21, p. 141-172, 2015.

_____ *A sociedade contra a escola*. In: _et al. (orgs.) *Educação Indígena: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização*. Florianópolis: EDUFSC, p. 275-294, 2012.

_____. *Múltiplas infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola ou A Sociedade Contra a Escola*. In: 33º Encontro Anual da ANPOCS, 2009, Caxambu. Anais do 33º Encontro Anual/2009, 2009.

TOREN, Christina. *Mente, materialidade e história*. In: BANNELL, R., MIZRAHI, M. e FERREIRA, G. *Deseducando a educação: mente, materialidade, metáfora*. Rio de Janeiro: Editora PUC, pp. 181-206, 2020.

_____. *A matéria da imaginação: o que podemos aprender com as ideias das crianças finjianas sobre suas vidas como adultos*. Horizontes Antropológicos (online). v.16, n.34, p.19-48, jul./dez. 2010

VELHO, Gilberto. *Observando o Familiar*. In: NUNES, Edson de Oliveira - *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

Anexo



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pessoas identificadas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PESSOAS IDENTIFICADAS NO TRABALHO DE CAMPO

Neste documento, convido você a participar da minha pesquisa. No papel, registramos o aceite de sua participação. Para tanto, preencha o seu nome abaixo, leia os tópicos explicativos e faça as assinaturas e marcações da parte final. Muito obrigada!

Seu nome:

Pesquisa: “Aprendizes do Salgueiro”: o protagonismo infantil e as aprendizagens em uma escola de samba mirim.

Pesquisadoras Responsáveis: 1- Adriane Soares dos Santos, que atende pelo endereço profissional na PUC-Rio, Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro, telefone: (21) 3527-1001, sob identificação de matrícula: 2112004, email: adrianesoares95@gmail.com

2- Mylene Mizrahi, que pode ser encontrada à Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro, telefone: (21) 3527-1001, email: mylenemizrahi@puc-rio.br, telefone: (21) 3527-1001.

Esta pesquisa foi aprovada com parecer favorável pela Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio, instância da Universidade que avalia do ponto de vista ético os projetos de pesquisa dos seus docentes, pesquisadores e discentes, quando solicitada. Endereço da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, 22543-900, RJ. Telefone (21) 3527-1618.

Financiamento da pesquisa: Esta pesquisa é financiada através da Bolsa de Mestrado CAPES.

Objetivos: Esta a pesquisa busca compreender como ocorre os processos de aprendizagens no ambiente da escola de samba mirim Aprendizes do Salgueiro, investigando a maneira como as crianças que frequentam a agremiação tornam-se sambistas. Considerando o espaço da escola de samba mirim enquanto um local de produção de subjetividades, sociabilidades, construção de relações e aprendizagens entre as crianças e seus pares e com os adultos que circulam no espaço. No processo investigativo buscarei apreender quem são essas crianças, suas experiências, como que elas se organizam dentro da escola de samba, como elas tornam-se sambistas, quais são suas expectativas para o futuro como adultas dentro da escola de samba.

Metodologia: De forma resumida, o objetivo nessa pesquisa é a produção de um texto etnográfico, a minha dissertação de mestrado, a partir da realização de um trabalho de campo utilizando a observação participante. Assim, o que pretendo é realizar uma investigação generosa, aberta, comparativa e crítica dos processos de aprendizagem dentro da escola de samba mirim, estando atenta ao que as crianças e adultos, sujeitos interlocutores da pesquisa, dizem e fazem, na observação participante e através da realização de entrevistas, utilizando de uma antropologia comparativa e crítica. Ao construir meu texto etnográfico, pretendo produzir uma descrição densa, detalhada e fiel, do modo como os processos de aprendizagens e socializações entre os sujeitos investigados de fato são vividos e experienciados.

Pontuamos que o responsável pela criança será informado previamente do conteúdo e finalidade da entrevista que realizaremos no decorrer do processo investigativo. Dessa forma, realizaremos assim um estudo com as pessoas ao invés de um estudo de pessoas, uma atividade conjunta, onde o aprendizado se dá nas trocas e saberes compartilhados. Evidenciamos que a pesquisa etnográfica com as crianças aqui apresentada terá duração de até um ano (janeiro a dezembro de 2022). Por fim, no que tange a garantia de acesso aos resultados da pesquisa para os sujeitos interlocutores investigados, informamos que a dissertação que será elaborada como resultado da presente pesquisa, após defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio será disponibilizada livre e abertamente na plataforma ETDs@PUC-Rio, no endereço eletrônico <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/projetosEspeciais/ETDs/program.php?strSecao=show1&prog=9>.

Riscos e desconfortos da pesquisa e como contorná-los: Os riscos que oferecemos para os sujeitos são mínimos, como eventual desconforto, uma vez que estaremos em constante contato, conversa e observação participante, os participantes podem vir a se sentir incomodados com a presença da pesquisadora em suas atividades. Iremos manter muito cuidado com os registros e notas, a prática do diário de campo e sua manutenção já se apresentam como uma forma de segurança e controle de dados da pesquisa. As informações obtidas serão utilizadas para fins científicos. Assim, será garantido o sigilo das informações, a preservação da imagem com a segurança da garantia anonimato, procedimentos estes utilizados como garantia de redução de danos. As pessoas que participarem das atividades e conversas referentes à pesquisa, caso se sintam constrangidas ou desconfortáveis, poderão a qualquer momento se recusar a responder a tais perguntas ou mesmo se recusar a participar da pesquisa, ainda que já estejam envolvidas com a mesma, retirando assim seu consentimento sem qualquer prejuízo ou constrangimento. Os procedimentos de coleta e acervo do material de pesquisa levarão em conta estas questões, respeitando todos os sujeitos envolvidos, garantindo o seu anonimato. Pontuamos que o responsável pela criança será informado previamente do conteúdo e finalidade da entrevista que realizaremos no decorrer do processo investigativo. Ressaltamos ainda que em decorrência da pandemia do COVID-19, os cuidados e

protocolos higiênicos serão seguidos de acordo com as determinações da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

Não haverá qualquer tipo de compensação financeira pela participação na pesquisa.

Benefícios esperados: A participação neste estudo não terá nenhum benefício pessoal direto, contudo, contribuirá para a ampliação de conhecimentos sobre o tema. O principal benefício da pesquisa é a produção de subsídios teóricos e críticos sobre os processos de aprendizagens no contexto não- escolar, assim como subsídios teóricos e crítico acerca da temática do carnaval mirim.

Despesas decorrentes de participação na pesquisa: Não há despesas ou gastos pessoais para nenhum participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira vinculada à sua participação. O participante será indenizado pelo dano decorrente da pesquisa nos termos da lei.

Registro da garantia de sigilo e confidencialidade: Os dados obtidos serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro no Departamento de Educação da PUC-Rio, por um período de 5 anos. Garanto ainda que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros sujeitos, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes. Desta forma, A garantia de sigilo e confidencialidade é indispensável e será assegurada e todos os documentos.

Eu, _____
_____, de maneira voluntária, livre e esclarecida, autorizo a participação do/a mesmo/a na pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que a participação é isenta de despesas e que a imagem e o nome dos envolvidos na pesquisa não serão publicados. Estou de acordo com a presença da pesquisadora nos espaços de prática. Estou ciente de que os dados obtidos serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro no Departamento de

Educação da PUC-Rio e por um período de 5 anos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização, prejuízo ou constrangimento.

Assinatura do/da participante:

Adriane Soares dos Santos, pesquisadora.

Assinatura da Pesquisadora:

_____, _____ de _____ de 2021.

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma do/a participante e outra para os arquivos das pesquisadoras.



**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -
Responsáveis**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO
DE JANEIRO**

Programa de Pós-Graduação em Educação

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -
RESPONSÁVEIS**

Neste documento, convido você a conceder autorização para que seu filho ou filha possa, se quiser, participar da minha pesquisa. No papel, registramos seu aceite. Para tanto, preencha o seu nome abaixo, leia os tópicos explicativos e faça as assinaturas e marcações da parte final. Muito obrigada!

Seu nome:

Nome de seu filho/filha:

Pesquisa: “Aprendizes do Salgueiro”: o protagonismo infantil e as aprendizagens em uma escola de samba mirim.

Pesquisadoras Responsáveis: 1- Adriane Soares dos Santos, que atende pelo endereço profissional na PUC-Rio, Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro, telefone: (21) 3527-1001, sob identificação de matrícula: 2112004, email: adrianesoares95@gmail.com

2- Mylene Mizrahi, que pode ser encontrada à Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro, telefone: (21) 3527-1001, email: mylenemizrahi@puc-rio.br, telefone: (21) 3527-1001.

Esta pesquisa foi aprovada com parecer favorável pela Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio, instância da Universidade que avalia do ponto de vista ético

os projetos de pesquisa dos seus docentes, pesquisadores e discentes, quando solicitada. Endereço da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, 22543-900, RJ. Telefone (21) 3527-1618.

Financiamento da pesquisa: Esta pesquisa é financiada através da Bolsa de Mestrado Capes.

Objetivos: Esta pesquisa busca compreender como ocorre os processos de aprendizagens no ambiente da escola de samba mirim Aprendizes do Salgueiro, investigando a maneira como as crianças que frequentam a agremiação tornam-se sambistas. Considerando o espaço da escola de samba mirim enquanto um local de produção de subjetividades, sociabilidades, construção de relações e aprendizagens entre as crianças e seus pares e com os adultos que circulam no espaço. No processo investigativo buscarei apreender quem são essas crianças, suas experiências, como que elas se organizam dentro da escola de samba, como elas tornam-se sambistas, quais são suas expectativas para o futuro como adultas dentro da escola de samba.

Metodologia: De forma resumida, o objetivo nessa pesquisa é a produção de um texto etnográfico, a minha dissertação de mestrado, a partir da realização de um trabalho de campo utilizando a observação participante como também a realização de entrevistas. Assim, o que pretendo é realizar uma investigação generosa, aberta, comparativa e crítica dos processos de aprendizagem dentro da escola de samba mirim, estando atenta ao que as crianças e adultos, sujeitos interlocutores da pesquisa, dizem e fazem, na observação participante e através da realização de entrevistas, utilizando de uma antropologia comparativa e crítica. Ao construir meu texto etnográfico, pretendo produzir uma descrição densa, detalhada e fiel, do modo como os processos de aprendizagens e socializações entre os sujeitos investigados de fato são vividos e experienciados. Pontuamos que o responsável pela criança será informado previamente do conteúdo e finalidade da entrevista que realizaremos no decorrer do processo investigativo. Dessa forma, realizaremos assim um estudo com as pessoas ao invés de um estudo de pessoas, uma atividade conjunta, onde o aprendizado se dá nas trocas e saberes compartilhados. Evidenciamos que a pesquisa etnográfica com as crianças aqui apresentada terá duração de até um ano (janeiro a dezembro de 2022). Por fim, no que tange a

garantia de acesso aos resultados da pesquisa para os sujeitos interlocutores investigados, informamos que a dissertação que será elaborada como resultado da presente pesquisa, após defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio será disponibilizada livre e abertamente na plataforma [ETDs@PUC-Rio](https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/projetosEspeciais/ETDs/program.php?strSecao=show1&prog=9), no endereço eletrônico <https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/projetosEspeciais/ETDs/program.php?strSecao=show1&prog=9>.

Riscos e desconfortos da pesquisa e como contorná-los: Os riscos que oferecemos para os sujeitos são mínimos, como eventual desconforto, uma vez que estaremos em constante contato, conversa e observação participante, os participantes podem vir a se sentir incomodados com a presença da pesquisadora em suas atividades. Iremos manter muito cuidado com os registros e notas, a prática do diário de campo e sua manutenção já se apresentam como uma forma de segurança e controle de dados da pesquisa. As informações obtidas serão utilizadas para fins científicos. Assim, será garantido o sigilo das informações, a preservação da imagem com a segurança da garantia anonimato, se assim o pesquisado desejar, procedimentos estes utilizados como garantia de redução de danos. As pessoas que participarem das atividades e conversas referentes à pesquisa, caso se sintam constrangidas ou desconfortáveis, poderão a qualquer momento se recusar a responder a tais perguntas ou mesmo se recusar a participar da pesquisa, ainda que já estejam envolvidas com a mesma, retirando assim seu consentimento sem qualquer prejuízo ou constrangimento. Pontuamos que no caso da criança ter pai e mãe juridicamente responsáveis, o Termo de Consentimento Esclarecimento Livre (TCEL) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) poderá ser assinado por apenas um dos responsáveis. Os procedimentos de coleta e acervo do material de pesquisa levarão em conta estas questões, respeitando todos os sujeitos envolvidos, garantindo o seu anonimato. Não haverá qualquer tipo de compensação financeira pela participação na pesquisa. Ressaltamos ainda que em decorrência da pandemia do COVID-19, os cuidados e protocolos de segurança serão seguidos de acordo com as determinações da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

Benefícios esperados: A participação neste estudo não terá nenhum benefício pessoal direto, contudo, contribuirá para a ampliação de conhecimentos sobre o

tema. O principal benefício da pesquisa é a produção de subsídios teóricos e críticos sobre os processos de aprendizagens no contexto não- escolar, assim como subsídios teóricos e crítico acerca da temática do carnaval mirim.

Despesas decorrentes de participação na pesquisa: Não há despesas ou gastos pessoais para nenhum participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira vinculada à sua participação. O participante será indenizado pelo dano decorrente da pesquisa nos termos da lei.

Registro da garantia de sigilo e confidencialidade: Os dados obtidos serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro no Departamento de Educação da PUC-Rio, por um período de 5 anos. Garanto ainda que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros sujeitos, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes. Desta forma, A garantia de sigilo e confidencialidade é indispensável e será assegurada e todos os documentos.

Eu, _____
_____, de maneira voluntária, livre e esclarecida, autorizo a participação do/a mesmo/a na pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que a participação é isenta de despesas e que a imagem e o nome dos envolvidos na pesquisa não serão publicados. Estou de acordo com a presença da pesquisadora nos espaços de prática. Estou ciente de que os dados obtidos serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro no Departamento de Educação da PUC-Rio e por um período de 5 anos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização, prejuízo ou constrangimento.

Assinatura do/da participante:

Adriane Soares dos Santos, pesquisadora.

Assinatura da Pesquisadora:

_____, _____ de _____ de 2021.

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma do/a participante e outra para os arquivos das pesquisadoras.



Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - CRIANÇAS

Olá! Este documento é um convite para que você faça parte da minha pesquisa. Realizar uma pesquisa é como escrever um livro muito importante: neste caso, um livro chamado Dissertação de Mestrado, que a pesquisadora escreverá sobre o protagonismo infantil e as aprendizagens que ocorrem no espaço da escola de samba mirim Aprendizizes do Salgueiro. Você, como um/uma Aprendiz do Salgueiro, pode participar da pesquisa. Para que possa participar, duas coisas são necessárias: 1. A autorização dos seus responsáveis, que registramos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; 2. A sua vontade de participar e a sua autorização, que registramos neste papel chamado Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Para isso, preencha o seu nome abaixo, leia os tópicos explicativos e faça as assinaturas e marcações da parte final. Muito obrigada!

Seu nome:

—

Pesquisa: Pesquisa: “Aprendizes do Salgueiro”: o protagonismo infantil e as aprendizagens em uma escola de samba mirim.

Pesquisadoras Responsáveis: 1- Adriane Soares dos Santos, que atende pelo endereço profissional na PUC-Rio, Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro, telefone: (21) 3527-1001, sob identificação de matrícula: 2112004, email: adrianesoares95@gmail.com

2- Mylene Mizrahi, que pode ser encontrada à Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro, telefone: (21) 3527-1001, email: mylenemizrahi@puc-rio.br, telefone: (21) 3527-1001.

Esta pesquisa foi aprovada com parecer favorável pela Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio, instância da Universidade que avalia do ponto de vista ético os projetos de pesquisa dos seus docentes, pesquisadores e discentes, quando solicitada. Endereço da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, 22543-900, RJ. Telefone (21) 3527-1618.

Financiamento da pesquisa: Esta pesquisa é financiada através da Bolsa de Mestrado Capes.

Objetivos: Esta pesquisa busca compreender como ocorre os processos de aprendizagens no ambiente da escola de samba mirim Aprendizizes do Salgueiro, investigando a maneira como as crianças que frequentam a agremiação tornam-se sambistas. Considerando o espaço da escola de samba mirim enquanto um local de produção de subjetividades, sociabilidades, construção de relações e aprendizagens entre as crianças e seus pares e com os adultos que circulam no espaço. No processo investigativo buscarei apreender quem são essas crianças, suas experiências, como que elas se organizam dentro da escola de samba, como elas tornam-se sambistas, quais são suas expectativas para o futuro como adultas dentro da escola de samba.

Metodologia: De forma resumida, o objetivo nessa pesquisa é a produção de um texto etnográfico, a minha dissertação de mestrado, a partir da realização de um trabalho de campo utilizando a observação participante. Assim, o que pretendo é realizar uma investigação generosa, aberta, comparativa e crítica dos processos de aprendizagem dentro da escola de samba mirim, estando atenta ao que as crianças e adultos, sujeitos interlocutores da pesquisa, dizem e fazem, na observação participante e através da realização de entrevistas, utilizando de uma antropologia comparativa e crítica. Ao construir meu texto etnográfico, pretendo produzir uma descrição densa, detalhada e fiel, do modo como os processos de aprendizagens e socializações entre os sujeitos investigados de fato são vividos e experienciados. Pontuamos que o responsável pela criança será informado previamente do conteúdo e finalidade da entrevista que realizaremos no decorrer do processo investigativo. Dessa forma, realizaremos assim um estudo com as pessoas ao invés de um estudo de pessoas, uma atividade conjunta, onde o aprendizado se dá nas trocas e saberes compartilhados. Evidenciamos que a pesquisa etnográfica com as crianças aqui

apresentada terá duração de até um ano (janeiro a dezembro de 2022). Por fim, no que tange a garantia de acesso aos resultados da pesquisa para os sujeitos interlocutores investigados, informamos que a dissertação que será elaborada como resultado da presente pesquisa, após defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio será disponibilizada livre e abertamente na plataforma [ETDs@PUC-Rio](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/projetosEspeciais/ETDs/program.php?strSecao=show1&prog=9), no endereço eletrônico <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/projetosEspeciais/ETDs/program.php?strSecao=show1&prog=9>.

Riscos e desconfortos da pesquisa e como contorná-los: Os riscos que oferecemos para os sujeitos são mínimos, como eventual desconforto, uma vez que estaremos em constante contato, conversa e observação participante, os participantes podem vir a se sentir incomodados com a presença da pesquisadora em suas atividades. Iremos manter muito cuidado com os registros e notas, a prática do diário de campo e sua manutenção já se apresentam como uma forma de segurança e controle de dados da pesquisa. As informações obtidas serão utilizadas para fins científicos. Assim, será garantido o sigilo das informações, a preservação da imagem com a segurança da garantia anonimato, se assim o pesquisado desejar, procedimentos estes utilizados como garantia de redução de danos. As pessoas que participarem das atividades e conversas referentes à pesquisa, caso se sintam constrangidas ou desconfortáveis, poderão a qualquer momento se recusar a responder a tais perguntas ou mesmo se recusar a participar da pesquisa, ainda que já estejam envolvidas com a mesma, retirando assim seu consentimento sem qualquer prejuízo ou constrangimento. Os procedimentos de coleta e acervo do material de pesquisa levarão em conta estas questões, respeitando todos os sujeitos envolvidos, garantindo o seu anonimato. Não haverá qualquer tipo de compensação financeira pela participação na pesquisa. Ressaltamos ainda que em decorrência da pandemia do COVID-19, os cuidados e protocolos de segurança serão seguidos de acordo com as determinações da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

Benefícios esperados: A participação neste estudo não terá nenhum benefício pessoal direto, contudo, contribuirá para a ampliação de conhecimentos sobre o tema. O principal benefício da pesquisa é a produção de subsídios teóricos e críticos

sobre os processos de aprendizagens no contexto não- escolar, assim como subsídios teóricos e crítico acerca da temática do carnaval mirim.

Despesas decorrentes de participação na pesquisa: Não há despesas ou gastos pessoais para nenhum participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira vinculada à sua participação. O participante será indenizado pelo dano decorrente da pesquisa nos termos da lei.

Registro da garantia de sigilo e confidencialidade: Os dados obtidos serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro no Departamento de Educação da PUC-Rio, por um período de 5 anos. Garanto ainda que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros sujeitos, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes. Desta forma, A garantia de sigilo e confidencialidade é indispensável e será assegurada e todos os documentos.

Eu, _____
_____, de maneira voluntária, livre e esclarecida, autorizo a participação do/a mesmo/a na pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que a participação é isenta de despesas e que a imagem e o nome dos envolvidos na pesquisa não serão publicados. Estou de acordo com a presença da pesquisadora nos espaços de prática. Estou ciente de que os dados obtidos serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro no Departamento de Educação da PUC-Rio e por um período de 5 anos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização, prejuízo ou constrangimento.

Assinatura do/da participante:

Adriane Soares dos Santos, pesquisadora.

Assinatura da Pesquisadora:

_____, _____ de _____ de 2021.

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma do/a participante e outra para os arquivos das pesquisadoras.